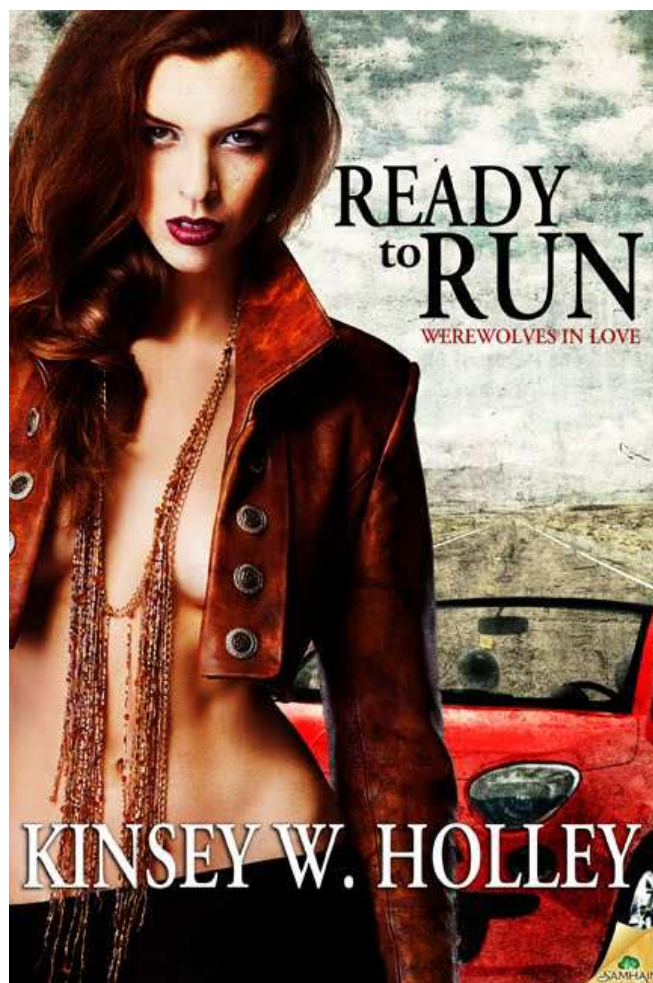




**SÉRIE LOBOS NO AMOR 3 -
PRONTA PARA CORRER**

Disponibilização: Rose Reys

Revisão Inicial: Mimi

Revisão Final: Angélica

Gênero: Hetero / Sobrenatural



Às vezes uma menina tem que se salvar.

Sara Hedges tinha planejado fugir da atrasada cidade, fanática de Luxor, Texas, nas asas de um diploma universitário, não na traseira de uma Harley, montando para sua vida.

Há apenas alguns tímido meses de carregar acima de sua Miata, no entanto, descobre a traição e suas presas feias. Seu tio desprezível vendeu-a para um bando de lobisomens, dispostos a pagar qualquer preço pela linhagem especial e parece que não há nenhuma maneira de sair. Ela nunca esperou que o forasteiro sexy e solitário viesse montado em seu socorro. Ou que descobrisse que ele é um lobisomem, também. Um bom... com segredos demais.

Bryan Keeton esperou dois meses disfarçado, pela chance de colocar as mãos em um dos bandidos Lobos Europeus, que estavam causando estragos em todo o sul. Depois de chamar o FBI para estourar a tampa de Luxor, ele planejava sair da cidade antes que fizesse algo que poderia se arrepender, como se envolver com a sobrinha do suspeito.

Mas Sara faz dele um estúpido. E agora estão correndo dos Federais, que não estão interessados em sua inocência, e dos lobos que a querem por seu brinquedo próprio pessoal...

Comentários da revisão

MIMI

O livro não tem muitas cenas hot, a história em si foi que me prendeu, além de ter a participação dos personagens anteriores, ele é cativante do começo ao fim, eu ri muito com o Bryan ou será que é Nash? Ele é delicioso, bem humorado e apaixonado pela Sara. Só que luta contra isso. E mais uma vez ela sofre a discriminação pelo fato de ser Fae. Eu acho que a autora escreveu muito bem 1: na cidade onde ela nasceu ninguém tolera o sobrenatural, assim ela se esconde; 2: o cara que ela namora diz que não sai com garotas Fae, porque são loucas. E aí ela vive esse dilema. Aff... eu dei muitas gargalhadas com esse TDB. Daí a coisa toda flui maravilhosamente em mais uma história emocionante. Mas ainda estou esperando a Tj e o Nick.

ANGÉLLICA

Neste ponto, as histórias dos livros se cruzam e é uma delícia rever as outras personagens.

Sara começa sendo a “tapada do interior”, mas adorei como se revelou no final.

Esse lobo tem pegada...Auuuuu! Paguei calcinhas. kkkk

CAPITULO UM

As mãos de Sara tremiam quando ela aplicou sua máscara. Com o pincel a meio caminho de seu olho, ela parou e olhou-se no espelho, assistindo a um leve rubor em seu rosto. Pensar sobre a noite à frente fez seu pescoço queimar. Um nó, duro apertado estava enrolado na boca do estômago. Sentia-se como se pudesse estar doente.

Ela sorriu para seu reflexo. Não havia nenhuma maneira que isso pudesse durar, mas que planejava desfrutar de cada minuto durante o tempo que fizesse.

Sexo. Eles estavam indo ter sexo hoje à noite, ela decidiu. Ela nunca havia feito no terceiro encontro, mas sua vida estava se preparando para dar uma grande volta e o tempo parecia certo para fazer coisas que ela nunca tinha feito antes. Ela sabia que uma vez que deixasse Luxor, nunca o veria novamente, e não queria passar o resto de sua vida se perguntando o que teria sido.

Nash Keeton bateu na porta às seis e meia afiado. Ela adorava que ele não tentasse jogar com calma, mantendo sua espera. Quando ele pediu seu número um par de semanas atrás, após dois meses de se sentar em sua seção para o café da manhã, e às vezes jantar, ele a chamou no dia seguinte. Quando disse, há dois dias: *"Talvez possamos fazer algo sexta à noite."* Ele chamou mais tarde naquela noite, para ver se eles poderiam fazer algo sexta à noite.

Ele não fingiu que não a achava quente. Que era uma espécie surpreendente, considerando o quão incrivelmente quente *que* estava.

"Eu sabia." Ele disse quando a pegou para seu primeiro encontro há duas semanas.

"Sabia o quê?"

"Que você tinha um corpo de fumar quente, sob o uniforme terrível que eles fazem você usar."

E então ele piscou o sorriso arrogante que fez seu estômago revirar.

Às vezes ela era realmente feliz que conseguia se lembrar de cada detalhe e de cada momento que experimentou. Algumas lembranças, com Nash Keeton, que ela iria revisitar sempre.

Agora, ela abriu a porta para vê-lo de pé em seu degrau da frente, balançou para trás em seus calcanhares, com os braços cruzados sobre o peito. Os bíceps de Nash pareciam esculpidos em pedra lisa, bronzeados. Sua camiseta preta era confortável o bastante para sinalizar o abdômen firme e pacote de seis embaixo.

Ela nunca o tinha visto com a camisa, e isso foi uma vergonha.

O rubor voltou quando ele olhou para cima e para baixo com aquele sorriso.

"Você parece o tipo delicioso." Ele tinha um lindo, lenta sotaque do Texas Central, não o sotaque do Texas Oriente que tinha e odiava.

"Obrigada!" Ela queria dizer: *"Então você..."*, mas tinha medo que soasse estúpido, então apenas sorriu.

Ele passou o braço em torno dela enquanto caminhavam para sua motocicleta. Entregando-lhe o capacete extra, ele perguntou: "Então, o que vai ser hoje à noite? Italiano? Tailandês? Sushi?"

Ela revirou os olhos para ele. "O que, por isso estamos indo para Marshall para o jantar? Eu tenho que trabalhar dobrado amanhã, você sabe." Marshall era uma hora de distância.

"Ok. Acho que acha do Café Caddo, então."

Sempre foi, apenas, e sempre Café Caddo.

Ela se perguntou o que ele diria, se lhe dissesse que nunca havia provado sushi ou comida tailandesa em sua vida, nem mesmo quando foi para o Marshall. Ou que o mais próximo que já tinha estado a um restaurante italiano era o Olive Garden – no Marshall, é claro. Ela nunca tinha ido para Dallas ou Fort Worth. Nunca tinha estado em Longview. *O que o Sr. Cidade Grande pensaria se soubesse*, ela se perguntava quando eles rugiram fora na noite.

O Café era o melhor estabelecimento de restaurantes em Luxor, que era apenas uma das muitas razões que Sara não podia esperar para deixar sua cidade natal, 736 pessoas.

Ela conhecia cada pessoa no lugar. Esperava todos eles nos quatro anos que vinha trabalhando aqui. Um jantar no Café foi tão interessante quanto comer em sua própria sala de estar, exceto que ela não poderia fazê-lo de pijamas.

"O que é isso?"

"Hã?"

"Você está fazendo uma cara como se algo cheira mal. É comigo?"

"Oh! Desculpe." Ela sorriu culpada. "Eu só estava pensando que eu não iria sentir falta deste lugar. Quando eu chegar a Marshall, eu não vou trabalhar em qualquer lugar que serve filé de frango frito."

"Filé de frango frito é um dos meus favoritos."

"Eu o sento *em todos os lugares*, não importa onde eu estou. Juro que eu sinto o cheiro em mim quando estou saindo do chuveiro. Eu provavelmente o cheiro agora."

"Espere. Espere." Ele se levantou e deu a volta para seu lado da cabine, deslizando para dentro e pressionando a todo o caminho até contra a partição.

"Ei!"

Ele enterrou o rosto em seu pescoço e deu um profundo, alto sniff. Ele fazia cócegas e ela riu, tanto constrangida com a atenção que eles estavam atraindo e, ao mesmo tempo, orgulhosa disso. O cara mais gostoso que veio a Luxor, provavelmente desde sempre a queria. E ele era de Houston, lar de shifters e pessoas de ascendência Fae, todos em Luxor o via um pouco suspeito, apesar de sua motocicleta e habilidades de caça de primeira linha. Saindo com ele a fez se sentir como se estivesse dizendo "*vá se ferrar*" a Luxor, algo que ela sonhou durante anos, mas nunca teria coragem de fazer.

Ele a cheirou de novo. "Eu não cheiro qualquer filé de frango frito ai. Apenas algum perfume feminino. Eu gosto." Ele beijou seu pescoço.

"Pare!" Ela gritou em voz baixa, não é realmente o que significava. "Todo mundo está olhando!"

"Tudo bem, tudo bem." Disse ele com tristeza simulada. Sentou-se em linha reta, mas não retornou para o outro lado da mesa.

"Vocês dois precisam de um quarto?" Susan perguntou com um sorriso. Nenhum deles tinha ouvido se aproximar da mesa.

"Não. Vamos conseguir um quarto mais tarde." Ele girou afastando quando Sara apontou o cotovelo em suas costelas. "Enquanto isso, Susan, adorávamos um jarro de Shiner.¹ Tudo bem para você?"

Sara concordou.

Quando Susan os deixou, Nash voltou-se para encará-la com o braço em toda a volta da cabine. "Então. Marshall. Você ainda trilha por isso?"

Ela assentiu. "Sim. Enviei meu depósito do apartamento esta semana. As aulas começam na primeira semana de janeiro."

Faculdade técnica do Estado do Texas, onde ela estava fazendo cursos on-line a três semestres, aprovou-a por ajuda financeira. Ela estaria se movendo logo após o natal.

"Vai estar lá antes que você perceba."

"Eu sei. Eu não posso esperar."

Susan deixou cair a jarra e dois copos e prometeu voltar logo para anotar os pedidos.

Sara tomou um gole de sua cerveja, de repente, autoconsciente e muito cômico do seu rosto tão perto dela.

Ele passou um dedo através do cabelo na nuca. "Você vai dar um pontapé no traseiro em Marshall. De fato, eu aposto que depois de um ano, isto vai ser pequeno demais para prendê-la."

"Você vai estar se movendo para Dallas."

Ela se deliciou em seu prazer. Ninguém, além de sua melhor amiga e prima, Wendy, sempre elogiava qualquer coisa que ela fizesse. Ele realmente parecia *interessado* nela, e não apenas no seu corpo. "Bom, eu não sei. Pode levar mais tempo para se acostumar com uma cidade desse tamanho." Marshall tinha uma população de 28.000. "Eu quero me transferir para uma faculdade de quatro anos. Mas não em Dallas, que está muito perto. Estou indo para Houston." Tardiamente temendo que isso pudesse soar como se estivesse dando dicas sobre um futuro com ele, ela rapidamente acrescentou: "Ou, você sabe, San Antonio, ou



¹ Handcrafted
one brew at a time

Austin. Em algum lugar com auto estradas e os edifícios mais altos do que quatro andares." Ela olhou ao redor do Café. "Um lugar com restaurantes que você tem que se vestir para ir."

As covinhas profundas reapareceram, mas desta vez seu sorriso era sério. "Onde quer que você acabe, você vai fazer grande."

Suas palavras a faziam se sentir quente por dentro, como se ela fosse brilhante.

"Ok, o que vocês estão tendo hoje à noite?" Susan perguntou.

"Oh sim, certo, a comida." Disse Nash. "Nós nem sequer olhamos para o menu."

Ela deu uma cotovelada nele novamente. "Oh, cale a boca." Qualquer um que tinha comido no Café mais de três vezes tinha o cardápio memorizado.

"Ok. Acho que vou ter o filé de frango frito."

"Tudo bem, mas eu não estarei beijando você."

"Oh, eu acho que você vai." Ele balançou as sobrancelhas e riu para ela.

Susan deu uma risadinha, como bem, Sara havia estado rindo apenas um minuto atrás. Nash tinha esse efeito sobre as mulheres.

"Eu vou ter o hambúrguer de cogumelos, Sue."

"Anéis de cebola, certo?"

"Certo."

"E outro jarro, por favor." Acrescentou Nash.

"Muito bem."

Eles falaram sobre os últimos pares de fretes que Nash tinha levado ao lago. Os caras da JP Expedições Externas disseram que ele tinha algum tipo de relação mística com a natureza. E desde que ele chegou em Luxor há dois meses, os empresários de Dallas e Fort Worth foram aparecendo, de repente interessados na caça e pesca.

Seu pedido veio rapidamente, mas Susan não os deixou, depois que serviu o prato. Em vez disso, ela olhou em volta para ver se alguém estava escutando, então se inclinou um pouco, sustentando a bandeja contra um quadril. "Ei? Será que vocês ouviram sobre essas pessoas da Vila Wake?"

"Hã? Não. Que pessoas?" Sara perguntou. Nash já estava cavando o seu jantar.

"Cinco deles, três homens e duas mulheres. Jovens... ou pelo menos eles acham que eles eram jovens. Provavelmente vão levar arcada dentária para a identificação deles."

"Oh meu Deus." Deixar Susan começar uma história como esta, enquanto as pessoas estavam comendo. Mas Sara estava curiosa, apesar de si mesma. "O que aconteceu?"

"Bem, eles conseguiram mantê-lo fora dos jornais, mas você sabe o namorado de Júlia é um vice xerife." Susan, a semi-profissional de fofocas, repetiu tudo o que sua filha disse a ela.

"Ok, mas o que aconteceu?" Perguntou Sara.

Nash levantou os olhos do prato.

"Eles foram cortados *em tiras*." Susan fez uma pausa para o efeito, antes de deixar cair a bomba real. "O xerife diz que foram lobisomens."

"Espere um minuto." Disse Nash. "Eu ouvi que tinha ferimentos de faca."

"Escute você." Susan zombou. "O que você é um policial? Como *você ficou sabendo* sobre isso?"

"Alguns caras em um dos meus fretes conhecem os policiais que trabalharam lá. Mas se eles foram esfaqueados, não foram lobisomens."

"Sim, os lobos não usam armas." Sara deixou escapar. "Não é honesto."

Isto estava fora de sua boca, antes que ela soubesse que tinha dito. Agora, tanto a Susan e Nash estavam olhando para ela. Susan parecia chocada, e talvez um pouco enojada.

Nash olhou intrigado. "Como você sabe sobre lobisomens?"

Ela encolheu os ombros. "Algo que li na internet uma vez, eu acho." Suas mãos começaram a tremer, então ela pegou seu hambúrguer. "Quero dizer, todo mundo sabe a cerca de lobisomens."

"*Eu* com certeza não sabia disso." Susan estava olhando para ela como se tivesse acabado de anunciar sua conversão ao satanismo. "Por que você estaria lendo sobre tais coisas? Não é assim que você foi criada, Sara Mae."

Nash sorriu. "Sara Mae?"

"Não comece." Ela murmurou, ainda olhando para o hambúrguer dela e fazer Susan disposta a calar a boca e ir embora.

Desligar-se não era algo sobre qual Susan sabia muito. Ela colocou a bandeja sobre a mesa e cruzou os braços, aparentemente não tinha pressa para cuidar dos outros clientes. Algumas pessoas nas mesas próximas estavam assistindo a cena se desenrolar.

"Bem, tudo que eu sei é que Lanny Coe diz que lobisomens fizeram isso. Ele passou balas de prata para todos os seus homens."

"Quem diabos é Lanny Coe, e o que o faz pensar que lobisomens estão correndo no nordeste do Texas?" Nash perguntou em um tom zombeteiro de voz que Sara muitas vezes desejava que tivesse a coragem de usar.

A boca de Susan havia estendido em uma linha, afetada, apertada à profanação de Nash. Agora seus olhos se estreitaram para irritado como fendas e ela retrucou: "Lanny Coe é o Xerife do condado. E ele conhece as fadas e os *skin-walkers*² não vão parar até que eles estejam morando em cada cidade de cada estado. Eles querem assumir este país. A Europa foi inteligente o suficiente para pará-los, mas aqui eles só se elegem!"

"Mas, Susan, não há o suficiente de *fadas* e *skin-walkers* vivendo em cada cidade em cada estado." O tom de Nash foi leve, ainda um pouco divertido, mas Sara ouviu o desprezo em sua voz, quando ele repetiu os epítetos ofensivos. Foi o desprezo de um morador da cidade cosmopolita grande para um ignorante de cidade pequena intolerante.

Sim, algumas pessoas da cidade grande poderiam ser idiotas. Mas a maioria das pessoas em Luxor, bem, na medida em que Sara sabia, *todos* em Luxor, mas seu pensamento, era exatamente da mesma forma que tinha Susan.

O que tornou ainda pior era que ela não teve coragem para enfrentar Susan, sobre sua visão odiosa. Ela apenas ficou lá, com o rosto em chamas, enquanto as mesas em torno deles se viravam para olhar. Nash provavelmente assumiu que Sara sentia o mesmo, embora ela não o fizesse. E que a fez querer escapulir sob a cabine e rastejar para fora do Café.

"Bem, mas..." Susan foi apenas temporariamente perturbada por fatos. "Os políticos ainda estão ajudando-os a viver onde querem. O governo federal se preocupa mais com animais do que sobre os seres humanos!"

² Metamorfo

Ao seu lado, Nash tinha ido muito ainda. "Bestas?"

"Como você chamaria alguém que pudesse fazer algo assim?"

"Eu provavelmente os chamaria de pessoas." Disse Nash, em um tom duro. "Então, novamente, eu chamaria lobisomens de pessoas também. A sério, Susan, os seres humanos podem cortar as pessoas. Acontece o tempo todo. Como o Xerife Coe sabe, que não era uma transação de drogas que deu errado?" Susan ofegou em choque, mas Nash não pareceu notar. "Os traficantes de drogas podem ser muito cruéis, e eu sei que vocês têm um problema de meta aqui em cima."

Oh, querido Senhor. Por que ele teve que trazer as drogas?

Susan parecia prestes a cuspir. "Se fosse um negócio de drogas, então *tinha* que ser lobisomens. Nós somos um povo cristão ao redor daqui. Nós não tomamos drogas, e nós não sofremos do mal de ir sobre a terra sem contestação!"

Susan fez uma pausa quando Sara eclodiu em uma estrangulada risadinha, meio histérica. Ela não podia prendê-la dentro. A maneira que Susan disse: "*Nós não tomamos drogas!*" Como ela realmente, realmente acreditava que era bizarro.

Professora de Inglês, Sara tinha falado sobre a dissonância cognitiva, mas ela nunca tinha entendido o que isso significava. Agora ela fez. Se tivesse de admitir em uma cidade tão pequena como Luxor, a dissonância cognitiva era, provavelmente, um mecanismo de sobrevivência.

"Sara Mae, eu não sei o que deu em você." Disse Susan, sua boca ainda puxada em uma fina linha, apertada e amarga. "Eu realmente não sei. Se a sua avó visse o tipo de negócio que você está mantendo, eu só sei que ela ficaria preocupada."

O riso desapareceu quando raiva quente correu dentro de Sara, que virou a cabeça para cima a olhar para a mulher que tinha conhecido em toda a sua vida e nunca gostado. A minutos atrás, ela estava com muito medo de falar. Agora ela estava muito furiosa.

Como a velha vaca hipócrita se atreve a ameaçá-la?

Suas mãos tremiam novamente, e assim era a sua voz, quando disse. "Nash, eu não estou realmente com fome mais. Podemos ir agora?"

Ele olhou de Sara para Susan, e então pareceu finalmente perceber que as pessoas estavam olhando para eles.

"Eu sinto muito. Eu não quis..."

"Não, está tudo bem. Vamos."

"Certo. Susan, eu acho que nós precisamos pagar."

"Não, nos não. Susan, coloca em minha conta."

Ela sentiu os olhos em suas costas todo o caminho para fora da porta.

Quinze minutos depois eles estavam rolando de volta para o estacionamento de seu complexo de apartamentos minúsculos. Nash foi estranhamente tranquilo andando com ela a sua porta. Ele não tomou sua mão ou escorregou um braço ao redor dela. Ela pescou as chaves e abriu a porta com um suspiro pequeno, quando se lembrava das grandes esperanças que ela tinha para esta noite.

Mas ainda era cedo, e não estava preparada para vê-lo ir. Ela não se sentia como se estivesse sozinha. Percebendo que não tinha nada a perder, abriu a porta e se virou para olhá-lo.

"Você quer entrar?"

Ele pareceu surpreso. "Você não está brava comigo?"

"O quê? É claro que eu não estou brava com você."

"Quero dizer, de volta ao Café – se você vai pegar um monte de merda por causa do que eu disse, eu não iria culpá-la por..."

"Não, eu não vou. Ou talvez eu vá, mas não me importo. Vamos lá, eu não quero ficar aqui fora. Há Shiner na geladeira."

Instalou-se na sala enquanto ela ia para a cozinha. Quando ela estalou os tampões e levou as cervejas para o sofá, se lembrou de como, há duas horas atrás, ela estava planejando saltar de seus ossos. Este não era realmente o humor que ela tinha ido, e não sabia como corrigi-lo.

Tirou os sapatos e se sentou ao lado dele. Ele brincava com o rótulo de sua garrafa antes de perguntar: "Então... você não está realmente com raiva de mim? Porque você se parece como você estivesse louca. Quer dizer, eu posso *sentir* isso."

Ela tomou um gole grande de cerveja fria e suspirou. "Eu estou louca. Mas não com você, comigo mesma."

"Por quê? Você não fez nada."

"Isso mesmo. Eu não fiz nada!" Ela caiu para trás contra as almofadas e olhou para o teto enquanto reviveu sua mortificação, não só no comportamento terrível de Susan, mas em sua própria covardia também. "Eu *não* fiz nada, eu não *disse* nada, eu... Fiquei lá enquanto ela não parava de falar sobre lobisomens e do mal."

"O que foi tudo aquilo sobre o sofrimento do mal sobre a terra?"

Sara bufou em desgosto. "Isso é conversa padrão de pregador apocalíptico. A Bíblia diz: 'tu não sofrerás maldições', e em apocalipse imagino que o mesmo deve ser verdade para sencientes³." Ela hesitou quando disse a palavra? Ela muitas vezes o leu em sites da web e salas de chat, mas para realmente usá-la na conversa era estranho. Esperava que soasse natural, não como alguns caipiras tentando agir sofisticados. "Eu não sei por que eles adicionaram a parte sobre ir à terra incontestada, talvez porque se disse que tinha realmente caçar os seres sencientes e matá-los, isso significaria sair do mundo grande, mau, e eles não têm a coragem de fazer isso. Além disso, você sabe, há consciências no grande mundo mau, e eles lutam de volta. Então, ao invés, irem todos para baixo em suas cidades Apocalípticas pequenas e desagradáveis, e se acontecesse de alguns pobres Fae ou shifter aparecerem de vez em quando, por Deus que não fiquem impune. Porque não há nada mais corajoso do que uma multidão de fanáticos chateados, depois que o sol se põe."

Ele tinha estado rindo baixinho enquanto ela explicava um dos pontos mais delicados da teologia apocalíptica, mas na referência oblíqua à violência da multidão, ele suspirou e balançou a cabeça.

"Essa merda é tão errada." Ela acrescentou. "Mas eu..."

"É?"

"Hã?" Ela virou a cabeça para olhar para ele. "É o quê?"

³ **Senciência** é a capacidade de sofrer ou sentir prazer ou felicidade.

"É errado? Quero dizer, você acha que a atitude de Susan em relação à sencientes é errada?" *Ele* parecia perfeitamente natural usando a palavra. Mas então, ele era de Houston, não tinha crescido sendo ensinado que todos os seres humanos não eram maus.

Respirou fundo. "Sim. Eu sei que é errado. Eu sei que o diabo não os fez, e Deus não os odeia, e eles não estão a destruir a humanidade."

"Wow." Ele disse suavemente, com um sorriso torto. A maneira como estava olhando para ela a fez se sentir quente do lado de fora e pegajosa no interior. "Você realmente não é como todo mundo por aqui, é?"

Ela nunca conseguia olhá-lo nos olhos. Havia algo nele que a intimidava, mas de uma forma: *'Deus, eu espero que ele me encoste contra a parede.'*, embora, não: *'Deus, eu espero que ele não me mate'*. Então, ela olhou para a boca em vez disso, e o sentimento pretensioso piorou. "Não, eu não sou." Deu-lhe uma emoção enorme, perigosa de sentar aqui e admitir algo assim. "Você ficaria surpreso quão diferente eu realmente sou."

Seus olhos procuraram o rosto por um longo momento. Eles estavam sentados ali, ao lado do outro, mas não tocando, e pouco antes dela se tornou insuportavelmente quente (e pegajosa) sob seu escrutínio, ele disse gentilmente: "Eu acho que tenho uma boa ideia. E eu estou feliz que você não disse nada, meu anjo."

"Está?"

"Sim? Eu não sou daqui, e não vou estar aqui por muito mais tempo. Não tenho que me preocupar com o que as pessoas pensam. Esta é a sua casa. Você vai ter que ver essas pessoas para o resto de sua vida, assim..."

"Estou no inferno." Sua garganta contraiu em sua menção ocasional de deixar a cidade em breve. Bem, ela estaria deixando a cidade em breve também. Se já não tivesse, era tão boa em esconder seus sentimentos, a vontade de chorar, ou talvez vomitar, teria sido difícil de resistir. Mas um relacionamento de longo prazo com Nash, nunca tinha estado em seu futuro.

Por que ela teve que ficar lembrando-se sobre isso?

Ele pareceu surpreso. "Você não vai voltar para casa para férias ou alguma coisa?"

"Claro que não. Quando eu for embora, vou embora. Não há ninguém aqui para mim, além de Wendy, e ela poderia me visitar em Marshall, ou onde quer que eu acabe."

Na verdade, ela planejava arrastar Wendy de Luxor, em algum momento. Mas tinha que salvar a si mesma em primeiro lugar.

"Ficar longe pode ser mais difícil do que você pensa, Sara. Não importa o quanto você não goste deste lugar, é a sua casa."

"Não vai ser, não uma vez, que eu esteja fora daqui. Eu odeio esta cidade! Juro por Deus, eu faço. Eu odeio todas as pessoas nela, exceto Wendy e talvez três outras pessoas."

"E o resto da sua família?"

"Especialmente o resto da minha família."

A força dela a esmagava, deixando-a toda tremendo. "Eu odeio esta atrasada mente estreita, travada-no-fodido-tempo num 'pedaço de merda'."

"Ei? Ei, venha aqui. Está tudo bem." Nash teve a cerveja da mão dela, estabelecendo tanto a dela e a sua sobre a mesa do café. Então, ele envolveu um forte, braço quente em torno de seus ombros e puxou-a apertada contra ele. Ela respirou profundamente, saboreando o cheiro dele, tremendo quando ele reuniu seus cabelos na parte de trás do pescoço e colocou um beijo em cima de sua cabeça. "Você está saindo."

"Dezembro não é cedo o suficiente." Disse ela em seu peito. "Amanhã não seria cedo."

Ele riu em seu cabelo. "Bem, eu estou feliz que não seja amanhã. Preciso de mais tempo."

"Por quê?"

"Para conhecê-la melhor. Cada vez que me viro, você está me surpreendendo. Eu fico pensando em você fora e depois é tipo como, 'ei, aqui é algo novo'."

Ela encolheu os ombros, assim como suas palavras definiram o seu coração a bater dentro de sua caixa torácica. "Há um monte de coisas que eu não sei sobre você também."

Seu rosto ainda estava pressionado contra o peito, e ela gostava de lá, mas ele parou de acariciar seus cabelos. Algo em seu corpo, alguma tensão sutil, a fez olhar para cima.

Ele não estava sorrindo. As sobrancelhas unidas quando olhou para ela com um olhar ilegível. Ela teve um sentimento súbito e doente na boca do estômago – nada do sentimento como a emoção e excitação de duas horas antes, ou no conforto morno de um segundo atrás.

"O quê? Por favor, não me diga que tem uma esposa escondida em algum lugar. Ou namorada ou uma condenação por homicídio ou algo assim."

A boca contorceu-se em uma espécie de sorriso de vergonha. "Não. Não tem esposa, nem namorada, nem condenações criminais. Venha cá."

"O quê? Eu... whoa!"

Ele colocou a mão livre sob os joelhos e a pegou no colo. Agora os dois braços, com os bíceps bronzeados esculpidos, estavam embrulhados em torno dela. Uma mão pousou em sua coxa entre as pernas dela, chameusando-a certo através de seu jeans – enquanto a outra aqueceu-a nas costas através de sua camisa de algodão. Senhor, ele cheirava bem. Qualquer colônia que estava usando, ela desejava que pudesse pulverizá-la em seus lençóis e rolar nua.

"Por que você fez isso?" Ela perguntou em voz trêmula.

"Tente se sentir confortável, para que possamos conversar." Seu sorriso disse que sabia que ele a estava transformando. De alguma forma, a mão nas costas dela tinha deslizado dentro de sua camisa, onde agora traçava minúsculos padrões de fogo em toda a sua pele.

Ela torceu um pouco, tentando ficar confortável em seus pés.

"Hum? Isso é bom." Disse ele. "Eu gosto disso."

"Gosta do que?"

"Do jeito que você está se contorcendo no meu colo." Ele passou a mão até seu estômago. Ela ofegou quando calor queimou em seu corpo, suas pernas indo hesitante e formigando. Instintivamente ela cobriu sua mão com a dela, pressionando-o mais duro contra ela. Se ele se movesse um pouquinho para baixo, ela começaria a extrair a roupa dela. Tinha sido tanto tempo desde que...

"Eu não sabia que você não gostava de sua família."

"Hã?" Se não tivesse estado prestes a beijá-la?

"Sua família. Eu não sabia que você não gosta deles."

"Oh. Hum, sim. Nós não somos próximos."

"Sua avó criou você, certo?"

Por que eles estavam falando sobre isso? Por que ele não a beijava?

"Sim. Mas eu me mudei quando fiz dezessete anos."

"Por quê? Por que você não ficou lá, até que se formou e depois foi para a faculdade?"

"Por que... é uma longa história. Ela só... Não foi um bom lugar para mim. Eu precisava sair."

"Certo." Ele estendeu a mão para puxar um fio de cabelo fora do rosto. "Sobre seus tios? Você está próxima a eles?"

"Eu nem... Não. Não, não."

"Por quê?"

"Isso é uma longa história também. Por que você está... esperando." Ela congelou quando percebeu onde isto estava indo. "Espere. Será que alguém lhe falou sobre a minha família? É por isso que você está perguntando?"

"Hã? Não, eu... Espere um minuto, onde você vai?" Ela estava balançando novamente, só que desta vez era para sair de seu colo. Ele apertou os braços em volta dela.

"Espere. Espere um minuto, pare. Sinto muito. Eu não quis dizer... Certo, sim, eu estava curioso. Sinto muito. Eu só estou tentando entender você."

"Entender-me *como*? O que há para descobrir? Eu não gosto de minha família. Eu não tive uma infância feliz, e agora eu os evito, mesmo que seja meio difícil de fazer em uma cidade deste tamanho."

"Então é por isso que você está se movendo para Marshall?"

"É um motivo, ok? Se você quer saber sobre minha família, pergunte ao pessoal da JP, mas não é realmente algo que as pessoas falam por aqui."

Ele quis entender o que quis dizer, ou não iria por este caminho.

"Não, está tudo bem. Eu estou interessado em você, não neles. E sobre os lobisomens?"

"O quê?"

"Os lobisomens. Você sabia algo sobre eles. Eu não acho que a maioria das pessoas por aqui sabe sobre a cultura lobisomem, e se o fizer, com certeza não falam sobre isso."

"Eu não estava realmente pensando." Ele escorregou para fora.

"Mas isso significa que você já leu sobre lobisomens, certo? Você está interessada neles?"

Ele ainda não a deixava fora de seu colo, mas ela colocou as mãos sobre o peito para empurrá-lo de volta. "Nash, por que você está me fazendo essas perguntas? Por que você...?"

"Olha, me desculpe, Eu... maldição. Eu sôo como uma aberração, não é?"

"Não. Bem, sim, uma espécie."

"Certo. Vamos começar de novo." Ele finalmente soltou sua presa e ela fugiu para trás, as pernas ainda em seu colo. Ela tentou sufocar um gemido, quando ele começou esfregando seu pé, mas não poderia ajudá-la. Então, sorrindo, ele foi trabalhar com ambas as mãos enquanto falava.

"É só que você não é nada como eu pensei que você fosse, sabe?"

"Não. O que você está falando?"

Ele soltou um suspiro de frustração, como se tendo dificuldades para encontrar as palavras. Ela não se importava de esperar, porque o que ele estava fazendo para seus pés, era quase... quase tão bom quanto sexo.

"Todas essas vezes eu me sentei na sua seção e falei com você, eu não tinha ideia, e mesmo depois que eu te convidei para sair, eu achei que você fosse como todos os outros por aqui."

"Oh. E eu não sou?"

Que o fez rir em voz alta. "Não! E não aja como se não soubesse disso! Achei que você fosse alguma doce, bebê no sentido apocalíptico que foi trabalhar na lanchonete até que encontrasse alguém para casar e ter bebês. E depois que você passaria o resto de sua vida em Luxor, se escondendo do grande mundo mau."

Que era exatamente como ela pensava de todo mundo nesta cidade, mesmo Wendy, e exatamente o que ela não queria ser. Mas por um segundo, ela foi tentada a defender Luxor. Mesmo que odiasse, mesmo se ela quisesse mais do que qualquer coisa, é estranho ouvir um estranho falar assim, sobre as pessoas com quem ela tinha crescido.

"Bem, se você pensou que eu era tão para trás e tudo, por que diabos você me pediu para sair?"

Aquele sorriso novamente. "Porque você era tão quente. E eu estava sozinho." Seus fortes, dedos flexíveis foram massageando as bolas e arcos de seus pés, e ela decidiu que este era, de fato, melhor do que sexo. "E então eu descobri que você está tendo aulas na faculdade e você *não* quer ter um monte de bebês e envelhecer em Luxor. E isso foi legal, isso foi interessante. Então, esta noite, eu descobri que você não gosta de sua família." Agora seu sorriso se transformou em mal! "E você tem uma queda por lobisomens."

"Ei!" Envergonhada, ela deu um tapa em seu braço débil, mas ela estava muito em êxtase e enervada pela massagem nos pés, para se sentar e realmente atingi-lo. "Eu não tenho *uma queda* para lobisomens."

Ele chegou sob ela e apertou seu bumbum. "Talvez você tenha e apenas não sabe disso."

"Eu *não*!" Deus, era como se ele lesse sua mente, às vezes. Ele estava percutando sua conta na Internet? Como ele poderia saber sobre sua fascinação com shifters, ou o seu sonho desesperado para encontrar alguém, qualquer pessoa, com sangue Fae? "Eu acho que eles são interessantes, tudo bem? Não acho que são mal. Só porque eles não são humanos, não significa que eles sejam, como, você sabe..."

"Pessoas." Disse ele calmamente.

"Sim? Pessoas."

"Veja. Você é incrível. Quantas pessoas como você estão em Luxor?"

"Como eu poderia saber? Nós nunca falamos uns com os outros sobre isso."

"Exatamente. Jesus, você é adorável. Venha cá."

Ele pegou as duas pernas para puxá-la de volta para seu colo. E antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele finalmente, *finalmente*, beijou-a.

Não foi seu primeiro beijo, mas foi o mais quente, mais longo, mais profundo do que alguma vez haviam compartilhado. Sua língua era fria e doce da cerveja, e ela estremeceu quando ele deslizou a mão para trás e dentro da frente da camisa, desta vez, onde descansou quente contra seu estômago. A outra mão segurou sua nuca, segurando sua cabeça ainda quando ele saqueou sua boca. Ele estava quente... oh, ele estava tão quente, um grande, cobertor duro musculoso, que queria envolver em torno de si mesma e nunca decolar.

Ele correu uma junta sob o fio de seu sutiã. Ela gemeu no atrito da pele calejada contra a parte inferior da proposta de seu peito.

Ele começou a retirar a sua língua, então ela colocou as duas mãos em seu rosto, divertindo-se com o risco de sua barba contra as palmas das mãos, na esperança de impedi-lo de quebrar o beijo. Mas sua boca deslizou na frente de seu pescoço, sua língua se aprofundando no oco de sua garganta. Ela jogou a cabeça para trás, quando todos os arrepios do golpe enviaram fogo correndo através de seus membros. A mão sob a blusa deslizou até a cintura, os dedos grandes habilmente despindo sua calça jeans, antes de escorregar para dentro, sobre a calcinha. As pernas dela se separaram totalmente de sua própria vontade, e então ele foi pegando seu monte, a sua pele áspera e quente através do algodão, fino e úmido.

Sua boca movia-se mais baixo quando ela se arqueou contra ele. Sua mão tremia quando rasgou nos botões de sua camisa. Tudo o que ela conseguia pensar era sua quente boca em seus seios tensos e doloridos. Um segundo ela empurrou o algodão rendado de lado, Nash gemeu e levou um mamilo duro em sua boca. Ela gritou nos tremores torturando-a para o núcleo. Seu corpo estava em chamas, queimando de dentro para fora, e ela exultou nele.

Enterrou as mãos nesse emaranhado de cachos louros e pressionou a cabeça contra os seios dela, contorcendo-se contra ele. Ele queria que ela se contorcesse?

Ela se contorcia. Ela não conseguia parar.

Mas, aparentemente, ele poderia.

Ele quebrou o beijo com um suspiro. "Sara...espere."

Um grito de decepção escapou.

Descansando sua testa contra a dela, ele passou os braços em volta dela, enquanto lutava para se acalmar. Ele tinha uma ereção, ela sentiu a furiosa cavando a parte inferior de sua coxa... então por que diabos ele tinha parado?

"Nash?" Ela disse fracamente. "O que está acontecendo?"

"Nós não podemos, não podemos fazer isso." Ele soou como se não pudesse recuperar o fôlego, como se estivesse com dor. "Nós apenas, não... hoje à noite. Não assim. Não... não esta noite."

"Por que não?"

"Você..." Ele parou, engoliu em seco, respirou fundo. "Você tem que levantar cedo e trabalhar dobrado, e se eu a mantiver acordada a noite toda, eu... você vai ser demitida..."

"Isso é uma merda." Ela agarrou o seu rosto, forçando sua cabeça para cima. Ela queria que olhasse nos olhos dela, mas por alguma razão, ela não poderia cumprir o seu olhar. Que só a chateou. "Eu sou uma grande garota – tenho trabalhado bastante dobrado com poucas horas de sono. Agora por que você veio aqui e me trabalhou toda e depois parou?"

Ele abraçou-a mais duro. "Há algo que precisamos falar." Ele murmurou em seu pescoço.

"Bom! Vamos conversar."

"Não esta noite."

"Por quê?"

"Porque, porque vai levar um longo tempo, e é complicado, e... devemos fazê-lo amanhã à noite."

"Eu vou estar cansada amanhã à noite."

Ele riu cavernoso. "Bom. Então, talvez você não vá pirar tanto."

"Por que eu iria pirar em tudo?" *Que diabos está acontecendo?* Ela colocou a mão no queixo e inclinou a cabeça para trás de modo que ele teria de olhá-la. "Você mentiu sobre a esposa ou namorada?"

"Não. Sara, eu juro, eu não tenho mais ninguém. Eu não matei ninguém, não sou um fugitivo, nem nada. Eu só tenho algumas coisas que eu preciso te dizer, algo que eu preciso lhe perguntar, e eu prefiro fazê-lo amanhã à noite. Você pode esperar? Por favor?"

Ele parecia tão sincero, tão preocupado. Ela nunca o tinha visto tão sério, e embora com medo, ainda queria ouvir o que era.

Após uma longa pausa, suspirou. "Bom! Amanhã. Você quer vir para cá?"

"Sim. Eu vou estar aqui às sete."

"Ok. Eu vou preparar o jantar."

Finalmente, ele sorriu de novo. "Isso soa muito bem."

Ele levantou-se com ela ainda em seus braços e caminhou até a porta.

Ela bateu em suas costas. "Me ponha no chão."

"Está bem, está bem." Ele ficou lá em seus pés, em seguida, colocou a mão sob o queixo e ergueu a face para cima. "Amanhã à noite. Vou lhe contar tudo." E com uma escovada suave em seus lábios contra os dela, ele se foi.

Ela acabou tendo uma noite sem dormir de qualquer maneira.

CAPÍTULO DOIS

"Eu vou ter o cheeseburger bacon duplo com anéis de cebola e um shake de chocolate."

Sara sorriu e acenou para o menino desengonçado adolescente. "Certo. E quanto a você, querido?"

O segundo garoto, um outro adolescente, queria um bife com uma batata cozida a modo caçarola amassada. O menino mais novo ao lado dele ordenou cheese de queijo com arroz, sem feijão e um Sprite.

A família não era local. Eles eram de Texarkana, passando a caminho de Longview.

"Desculpe-me, senhorita." Interrompeu o homem que Sara tomou ser o pai do grupo, grande e rebelde. "Você não vai escrever isso?"

"Oh não, senhor. Eu tenho uma memória muito boa para receber pedidos. Meus clientes habituais gostam de me testar."

A velha mulher, no outro extremo da mesa fungou e franziu a testa. "Se você conseguir misturar a ordem da mesa, não te deixo uma gorjeta."

Ela estava muito cansada para isso. "Não, tudo bem, minha senhora. Eu não esperaria uma."

O pai sorriu e encolheu os ombros em um gesto: "*Pessoas idosas, o que você vai fazer, hein?*"

Ela manteve seu próprio sorriso colado até que chegou ao fim da janela.

Quando a comida chegou à janela de exposição 20 minutos depois, ela ergueu toda uma bandeja e levou-a para a mesa.

Sara desfiou a ordem quando definiu os pratos na frente de cada pessoa.

"Bife de frango frito com purê de batatas, brócolis cozido, bolo de carne com feijão verde e salada sem pepinos, do lado cheeseburger bacon duplo com anéis de cebola, bife com batata cozida por todo o caminho e..."

Uma vez que todas as onze ordens estavam na frente das pessoas que colocou, ela deu um passo atrás com o seu sorriso de melhor serviço, apenas suprimindo um bocejo.

"Aí está. Tudo parece certo? Perdi alguma coisa? Por favor, me diga que eu não perdi nada."

Ela sabia que não tinha, então esperou, apreciando a maravilha de olhos arregalados no rosto de todos, incluindo a velha senhora.

Esta era a melhor parte de seu trabalho. As mesas de espera não oferecem uma grande quantidade de estimulação intelectual, mas ela amava impressionar as pessoas com o jeito que conseguia se lembrar de todo pedido, não importa quanto tempo ou complexo. Isso a fez se sentir especial. Ela tomou cuidado para não demonstrar sua memória extraordinária em qualquer outra situação, então ela nunca atraiu a atenção indevida.

Depois que a família tinha elogiado sua memória, seu serviço e a comida, e ela tinha recarregado as bebidas e verificados os condimentos, ela deixou a checagem e voltou para o terminal para executar suas vendas para o dia. Então, entrou em colapso em um estande, de onde ela poderia manter um olho em cima da mesa quando fez sua checagem.

Ela tinha estado no chão desde a mudança do café da manhã, e mesmo que seus pés estavam latejando e seus ombros doíam, o trabalho a ajudou a não ficar obcecada sobre Nash e que quer que fosse que queria falar sobre hoje à noite.

Wendy deslizou em cima da mesa dela e começou sua própria saída. A calmaria estava terminando, a multidão dos velhos que jantavam cedo chegando, e o próximo turno da equipe de garçons já estava no chão. Susan caminhou por eles, cumprimentando Wendy, mas explicitamente ignorando Sara.

Cadela.

"Como você está?" Perguntou Wendy.

"Não é suficiente para a forma como meus pés doem, mas eu fiz o pagamento do carro. E eu estou fazendo outra dobrada amanhã."

"Você vai sair com Nash novamente esta noite?"

"Sim, mas... eu não sei. Na noite passada nós..." Ela parou e deu de ombros, sentindo-se estranhamente relutante em falar sobre isso. Soaria tão patético – a maneira como ele se afastou, depois de consegui-la tão quente e pronto e não queria ouvir Wendy avisá-la que ele ia dizer-lhe algo terrível.

"Você o quê? Vamos, me diga! Você conseguiu algo quente, o doce Nash suado?"

Ela riu, apesar de sua preocupação e cansaço. Wendy poderia sempre fazê-la relaxar. Elas eram primas em segundo grau através de seus avôs e tinha sido melhores amigas desde o nascimento. Sara não poderia dizer-lhe nada.

Bem, quase nada.

"Não, nós não fizemos isso." Ela suspirou. "Pensei que seria. Eu já tinha decidido que eu ia saltar-lhe, ou seduzi-lo ou o que quisesse, mas depois..."

Wendy esperou ao todo cinco segundos, e quando Sara não continuou, ela chegou do outro lado da mesa para pegar seu braço e sacudi-lo. "Mas então *o quê?*"

"Então, nada. Estávamos jantando aqui, e Susan começou a falar sobre um monte de gente que foi morto em Wake Village..."

Wendy fez uma careta. "Sim? Isso é horrível."

"O que ela disse sobre isso também?"

"Sim? Ela era toda: '*Eu não deveria contar a ninguém*', então você sabe que ela disse ao condado inteiro até agora."

"Pergunto-me se Dwayne sabe que Susan é uma mulher 'sistema de endereço público'?"

"Quem é Dwayne?"

"Namorado de Júlia. Você sabe, o auxiliar do xerife do condado?"

"Claro. Eu não posso acreditar que você lembra coisas assim. Nós nem sequer conhecemos Bobbi."

Sara congelou, mas apenas por um momento. "Acho que Susan mencionou na noite passada."

"Oh. Ok, de qualquer maneira, o que ela disse?"

"Bem, você conhece todo mundo e já está convencido de que eram lobisomens, certo?"

"Certo. Mas você não pensa assim." Wendy era a única pessoa que sabia sobre o fascínio de Sara com shifters.

"Não, eu não. Lobisomens não usam armas, ou pelo menos, é realmente fora do comum. E eu meio que disse isso em voz alta, sem pensar, e Susan ficou toda mais santa do

que eu, porque você sabe que ela é uma boa senhora cristã. Quero dizer, ela pode se aparafusar o filho Connie Robb de dezenove anos de idade, quando Connie vai visitar sua mãe..."

"Ela vai conseguir um tiro em sua bunda um dia."

"Mas não sabe nada sobre lobisomens, porque ela é uma mulher justa. *E, em seguida*, a cadela desagradável ameaçou contar a vovó."

"O quê?" Wendy bateu os ingressos para baixo e se inclinou sobre a mesa. "Ela não fez!"

"Shh!" Sarah sibilou. "Não faça barulho. Ela com certeza fez. E eu fiquei chateada."

"Eu acho que sim!"

"E eu não sei. A coisa toda de falar sobre lobisomens, e depois trazer minha família, e só..." Ela jogou as mãos para indicar sua frustração. "De qualquer forma, eu não poderia ficar e terminar o jantar. Nós voltamos para minha casa e tivemos um par de cervejas."

"E?"

"E nós enganamos ao redor como um casal de adolescentes Batista, e depois ele disse que sabia que eu tinha que trabalhar dobrado, e vamos ficar juntos esta noite, porque ele tem algo muito importante para falar comigo. Mas ele não quis me dizer o que é, mesmo que dissesse, o que poderia me fazer louca. Eu não sei o que diabos poderia ser, ele provavelmente acha que eu sou louca e não quer me ver novamente."

Wendy bufou. "Ele não teria um encontro para lhe dizer que não quer mais vê-la."

"E se ele quer terminar comigo?"

"Um cara não rompe com você depois de três encontros. Ele sai de chamada." Os olhos Wendy de repente iluminaram-se. "Ei! Talvez ele esteja pronto para voltar para Houston e ele quer que você vá com ele!"

"Sim, certo. Depois de três encontros. Mal conhecemos um ao outro. E por que ele acha que me faria louca?"

"Bem, eu ainda posso dizer que o garoto é louco por você."

Ela adoraria pensar assim. Por baixo de sua camisa pólo e calça cáqui – Nash estava certo, era um uniforme, que terrível podia sentir cada ponto em seu corpo, quando ele a tocou na noite passada.

Mas, mais uma vez... "Sim, mas qual é o ponto?"

"O que você quer dizer?"

"Quer dizer, eu estou indo para Marshall em um par de meses."

"Então? É apenas uma hora de distância e ele tem a grande Harley."

"Certo. Quanto tempo você acha, que um cara como ele vai ficar por aqui?"

"Que importa isso? Sara, você não pode se preocupar com o resto de sua vida a cada minuto. Você tem que gostar do que você tem agora, e o que você tem agora têm 1,83m acrescido de loiro quente, com abdômen tão nítido quanto as maçãs do rosto."

Sara estreitou os olhos. "Você viu o seu abdômen?"

"Não, eu só tenho uma imaginação melhor que a sua. Escute-me. Caras como Nash Keeton não vêm ao longo, muitas vezes, nem mesmo em Marshall ou Houston ou onde queira. Você não vai ter 22 para sempre, e no momento em que outro aparecer, você estará velha demais para fazer qualquer coisa sobre isso! Vou lhe dizer outra coisa, você precisa descobrir como encaixar em um de seus alforjes, então quando ele rolar daqui, vai com ele."

Ela estava sorrindo agora, agradecida por sua amiga mais próxima. "Não, não posso ir com ele. Vou para Marshall."

Wendy soltou um grande suspiro e disse em voz cantante. "Marshall, Marshall, Marshall!"

Sara começou a bater de novo.

"Honestamente, menina, o que eu vou fazer com você? Você deixa passar a chance de fugir com um cara como ele e ir para a faculdade? Há faculdades em todo lugar! "E você é jovem, você não tem que ir *agora*."

"Você disse que eu não vou ter 22 para sempre."

"Sim, mas você pode ir para a faculdade em qualquer idade. Seu corpo tem data de validade."

"Oh pare."

Terminou com sua saída, ela escoltou a mesa da família que recentemente partiu e voltou para esperar por Wendy, que olhou para cima e disse: "Você sabe, eles permitem os lobisomens em Marshall."

"Eles não *permitem* lobisomens. Lobisomens vivem lá, que é completamente normal para a maioria das pessoas, Wendy. Luxor é estranho, Marshall não." Sempre que ela visitou a cidade, ela manteve-se atenta para shifters, que era simplesmente estúpido. Um ser humano não poderia reconhecer um, quando ele estava em forma humana, e não era como se fossem correndo em plena luz do dia em suas formas animais, por isso, se ela já tinha conhecido um, ela não sabia sobre isso.

"Seus filhos vão à escola pública e tudo." Continuou Wendy. "Pode haver alguns na faculdade."

"Então? É o século XXI, porra."

Wendy sentou-se e piscou para Sara, que raramente usava palavrões duros.

"Sério, Wendy. Você está sempre falando de se mudar para Houston. Eles têm um bando, o segundo maior do país. Não temos que pensar que shifters e Fae são criaturas do diabo, apenas porque nossos pais e avós fizeram?"

"Então, o que, agora você não é um apocalíptico?"

Sara encolheu os ombros, tentando parecer casual. "Apocalíptico não é sinônimo de cristão." Ela era provavelmente a única pessoa em Luxor que pensavam assim.

"Oh. *Sinônimo*. Ouça a Miss intelectual."

"Tudo que estou dizendo..."

"Oh, foda-se o inferno."

"Ei!" Sara liberou. Ela nunca disse a sua prima que não compartilhava as crenças religiosas de todos os outros na cidade. Em Luxor, você seria melhor, se admitisse que era gay.

"O quê? Oh, não, não você, querida. Quer dizer, eu odeio pensar em você por aí com lobisomens, eles assustam a merda fora de mim. Mas eu só lembrei que estou trabalhando no turno do café da manhã de amanhã."

Sara riu um pouco autoconsciente. "Oh. Não, não você não está. Levei-a para você, assim você poderia ficar de fora com Tucker, esta noite, lembra?"

"Oh, Sim." Wendy disse com um sorriso. "Deus, o *que* eu faria sem você e sua memória? Ok, eu estou fora daqui. Merda, não há Wayne." Ela caiu um beijo na testa de Sara e sussurrou: "Lembre-se, mais dois meses. E pare de falar sobre lobisomens, ou a tia Helen vai trancar você."

Uma grande bola de chumbo estabeleceu-se em seu estômago, quando Wayne deslizou sua massa suada no local que Wendy tinha desocupado. Seu coração afundou quando ele empurrou um profunda recipiente Tupperware⁴ retangular sobre a mesa para ela.

"O que é isso?"

"Comida para Mama. Ela esteve doente durante toda a semana, e está fora de tudo. Você precisa levar-lhe isso."

O café estava cheio agora e Wayne estava falando em voz alta, como sempre fez.

Susan parou seu estande, ignorando Sara completamente, que teria rido se ela não estivesse se sentindo tão mal de repente. "Wayne, eu ouvi você dizer que Miss Helen está doente? Eu me perguntava por que não a vi na quarta-feira no serviço noturno. Perdemos o seu pão de banana e nozes. Posso pegar uma cerveja?"

O sorriso de Wayne estava aberto e amigável, as maçãs de gordura das bochechas forçando os olhos para um olhar de soslaio. "Não, obrigado, Susan. Eu estava apenas pedindo a Sara Mae aqui, se ela quer levar um pouco de comida para sua avó esta noite."

Ele sabia como ela detestava seu nome completo.

"Bem, Wayne, diga a sua mãe que disse oi, e nós esperamos vê-la na igreja neste fim de semana."

"Eu com certeza vou, Susan, obrigado."



Quando Susan foi embora, Sara começou a protestar, mesmo que soubesse que era inútil. Ela acabaria fazendo o que ele lhe disse. Ela sempre fez.

"Wayne, tenho planos."

"Sua avó precisa disso às cinco horas."

"É quase 4h30!"

"São vinte minutos dirigindo, querida. Você tem tempo de sobra." Ele sorriu para o Sr. e a Sra. Tomlinson quando eles passaram e sentaram-se duas cabines de distância.

Raiva queimava dentro dela. "Droga, Wayne." Ela sussurrou furiosamente. "Eu tenho uma vida. Eu tenho coisas que preciso fazer, e eu tenho um teste de química na segunda-feira. Porque *you* não pode sair e ir a casa da vovó?"

Ele chegou à mesa para colocar a mão em seu braço, como Wendy tinha feito antes, mas um aperto fez lágrimas nos olhos. Ele sabia que ela não gritaria. Ela tinha a força física para chutar a sua bunda, mas ele sabia que nunca faria isso, também.

Seu sorriso angelical não vacilou, e ele baixou a voz para que ninguém mais pudesse ouvi-lo quando disse. "Você vai ter sua bunda para fora à casa de minha mãe por cinco horas nesta noite, menina, e eu não vou te dizer mais uma vez, está me ouvindo?"

Ela não respondeu, rangendo os dentes contra a dor de sua aderência.

"Eu sei que você está vendo aquele menino novo da JP. Você gostaria se eu tivesse uma pequena conversa com ele sobre você? De fato, você gostaria que eu falasse com Wendy?"

Sara engoliu as lágrimas e fechou os olhos. O filho da puta tinha estado ameaçando contar o seu segredo, desde que a avó tinha descoberto o que ela era. Não era uma ameaça vã. Ele tinha a ruína dela, e gostava de fazer, se ela o desafiasse. Uma vez que estivesse fora de Luxor, não dava a mínima se as pessoas sabiam sobre ela, mas não podia lidar com isso enquanto ainda morava aqui. Ela poderia até não estar segura se as pessoas soubessem.

Então ela correu os pequenos serviços para Wayne quando lhe dizia. Ela não podia esquecer qualquer pessoa que tinha conhecido ou qualquer coisa que ela tinha ouvido falar, é claro, mas ela poderia ignorá-lo. Ela era boa em ignorar.

Ele apertou seu braço ainda mais duro. Isso faria uma contusão roxa agradável em sua pele branca pastosa.

"Bem? Não basta sentar lá olhando para mim, você enlouquece pequena. Diga: *'sim senhor'* e depois dê o fora daqui."

Ou ele estava em algo ou alguém teve esta noite assustando-o bem. Talvez ele tivesse vindo de outra reunião para Jesus com a avó.

Fosse o que fosse, a malícia nos olhos de Wayne, a carranca em seu rosto suado vermelho, disse que ela não tinha escolha. Quando ele estava assim, não poderia fazer nada. Ela puxou o braço dela. Ele a deixou ir. Agarrou a Tupperware e saiu do restaurante sem uma palavra a ninguém.

Seu celular tocou enquanto estava se acomodando. Ela olhou para o número de Nash. Não poderia respondê-lo, ela estava tão furiosa e miserável agora que se ouvisse a sua voz, começaria a chorar, e não queria que ele se lembrasse dela como fraca e chorosa. Com raiva enxugando as lágrimas de seus olhos, saiu do estacionamento.

Bryan Keeton puxou para dentro do estacionamento do Café Caddo um pouco antes das cinco. Sara não estava respondendo ao telefone. Ele esperava que não a tivesse perdido.

A recepcionista, uma colegial cujo nome ele não conseguia se lembrar, saudou-o quando ele entrou. "Hey você aí, Nash! Como você está esta noite?"

Ele sempre gostou do nome do primo, mas agora estava de saco cheio e não podia esperar em largar o pseudônimo.

"Estou bem, obrigado." Ele respondeu com um sorriso sincero, ignorando deliberadamente os sinais que estava reluzindo e os feromônios sexuais que ela estava derramando.

Mesmo se não estivesse em uma atribuição, ele não mexeria com ninfetas. "Sara ainda está aqui?"

"Não, sinto muito." Não, não sentia. "Sara deixou cerca de 15 minutos atrás. Ela estava esperando por você?"

"Não. Eu tenho que vê-la mais tarde, mas eu estava pensando em comprar seu jantar, para que ela não tivesse que cozinhar."

"Bem, você apenas a perdeu. Quer ficar por aqui para o jantar?"

"Não... Acho que vou ir para sua casa."

"Oh, ela não está lá."

"Como sabe?"

"Porque seu tio Wayne entrou há pouco com um pouco de comida para a Sra. Helen. Que é sua avó."

Bryan concordou. Ele sabia exatamente quem era a Sra. Helen, e não gostava que isso estava acontecendo. "E?"

"A coitada está doente novamente, e Wayne disse a Sara que ela precisava levar um pouco de comida."

"O que quer dizer, doente de novo?"

"Bem, ela *tem* 80 anos de idade ou algo assim. Fica muito doente e Sara tem de levar-lhe comida e remédios."

"Eu vejo." Ele deveria ter estado animado, mas em vez disso, sentia como se alguém tivesse chutado no estômago.

"Sara não pareceu muito feliz sobre isso." A fêmea fez uma careta de desaprovação rabugenta e balançou a cabeça com uma expressão de preocupação, obviamente falsa, que Bryan teria conhecido que estava agindo, mesmo se não tivesse cheirado os feromônios. "Eu sei que é difícil para Sara, trabalhando em tempo integral e ir à escola, e não é fácil dirigir lá fora o tempo todo, mas a Sra. Helen a criou, afinal de contas, e nós temos que cuidar dos nossos velhos. Às vezes penso que nos atos de Sara, como se não se importasse com o que..."

"Eu tenho que ir."

Ele a ouviu falando mal de sua grosseria, quando subiu em sua motocicleta e amarrou seu capacete. Ele bloqueou a sua voz quando ligou a moto e então sentou-se ali, tentando decidir o que fazer a seguir.

CAPÍTULO TRÊS

A brisa do outono no cabelo e no rosto acalmava. Passou muitas noites dirigindo por aí para cima e para baixo, deixando o vento soprar seu estresse embora. Seu Mazda Miata⁵ doce, vermelho maçã 2001, era a sua alegria e tesouro. Ela sabia que era pecado atribuir tanta importância a um objeto material, mas significou muito. Era um símbolo, tanto do que ela tinha feito e o que ainda tinha para fazer. Seria pago em novembro, logo antes dela levá-lo para Marshall.

Se ela não fosse tão covarde, teria deixado Luxor anos atrás. Wayne não poderia tê-la encontrado em Houston ou Austin ou alguma outra cidade grande, mas a ideia de pegar e se mudar para algum lugar que nunca tinha estado antes a aterrorizava. Marshall era familiar, e era perto o suficiente para manter contato com Wendy, e vovó tinha finalmente concordado em soltá-la, depois de anos de recusa a deixá-la ir.

"Não tente sair da cidade sem me dizer, Sara Mae. Eu teria que enviar Wayne atrás de você."

"Vovó, por favor, eu nunca falaria sobre o negócio. Você tem que acreditar em mim."

"Eu apenas não estou falando sobre o negócio, menina. Estou falando de pecado. Luxor é uma cidade justa, mas o mundo lá fora é mau. Olhe para o que aconteceu com sua mãe. É culpa dela que você tem o Diabo em você."

A justiça não era uma virtude que Sara associava com sua cidade natal. Hipocrisia, intolerância e violência, sim. Justiça, não.

A mãe de Sara tinha se afastado de Luxor, quando era adolescente, só para acabar ficando grávida e correndo de volta para casa. Que foi por isso que Sara tinha colocado a si



5

mesma sobre a pílula aos dezessete anos – a avó teria morrido se soubesse que sua neta não tinha sido uma virgem há algum tempo.

Sara não tinha certeza quanto à velha realmente se importava com ela. Helen Hedges não era o tipo maternal. Mas Wayne tinha convencido sua mãe, que não podia confiar nela. Wayne gostava de ser um mensageiro não pago no seu aceno e chamado. Além disso, ele era um filho da puta mal e gostava de fazer de sua vida um inferno. Ele não havia sido feliz quando, por razões que só ela e Deus, a avó tinha mudado de ideia um dia e disse a Sara que ela poderia ir para Marshall com suas bênçãos.

Nash iria estar de volta em Houston até então, ou ele teria se mudado?

Quando ela pensava nele, sentia um aperto na garganta e em torno de seu coração. Ela nunca deveria cair assim. Talvez seus sentimentos por Nash fossem em parte uma reação à fuga, que ele poderia ter representado. Ele lhe disse um pouco sobre sua vida em Houston, no seu tempo com os Marines⁶ os lugares que ele esteve em todo o mundo.

Algumas vezes ela se pegou imaginando uma vida com ele, uma casa em Katy ou Pearland ou algum outro subúrbio de Houston, que ela tinha passado horas pesquisando furtivamente na Internet, enfurnada em seu apartamento em seu laptop como se estivesse assistindo pornô ou algo assim.

Quando ela se virou para a estrada de cascalho que feria o seu caminho para porta da frente da vovó, ela sorriu em pensar em como seus professores do ensino médio reagiriam se soubessem de seus planos.

"Sara! Houston está cheio de fadas e metamorfos!"

"Maldita honestidade." Ela tinha resposta.

Em seus sonhos.

A casa de cem anos de idade, sentada em uma clareira na beira do Lago Caddo. O reboque do tio Jasper abraçou a margem do lago cerca de uma milha e meia ao sul, protegida

⁶ O **Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos** (em inglês: **United States Marine Corps**; abreviação oficial: **USMC**) é um ramo das Forças Armadas dos Estados Unidos. Embora o Corpo de Fuzileiros Navais inicialmente servisse somente na segurança de navios da Marinha americana e em táticas anfíbias de guerra, o Corpo de Fuzileiros Navais evoluiu gradualmente, até se tornar numa força militar individualizada, com múltiplos objetivos nas forças armadas americanas.

da visão por dossel de pinheiros e ciprestes pelo gotejamento, que assomou para fora do lago pantanoso.

A casa mais próxima era mais de cinco quilômetros de distância, e o ruído de tráfego na auto-estrada 43 não poderiam penetrar as árvores densas. Ainda assim, as florestas e o pântano eram ruidosos ao cair da noite, os grilos, sapos e corujas todos competindo para serem ouvidos. Algo deslizou para dentro do lago com um respingo macio. Ela pensou novamente em Nash, que provavelmente ainda estava em um barco lá fora.

Ela não cheirava acre, cheirava Drano⁷ – como a brisa, o que significava que Jasper não estava cozinhando. Quando ela fechou a porta do carro, um cervo assustado saltou atrás dela e desapareceu na floresta. Ela olhou em torno do lado da casa, onde a avó e Jasper estacionavam seus carros. Ambos estavam lá.

Ela bateu, ouviu nenhuma resposta, e deixou-se dentro, a avó nunca trancou a porta da frente. Poucas pessoas conseguiram sair aqui. Dos que o fizeram, ninguém se atreveria a roubar nada de Helen Hedges.

“Vovó?” Ela colocou o recipiente Tupperware na mesa de café.

“Vovo?” Ela chamou de novo, um pouco mais alto.

Aliviada quando não ouviu nada, ela quase riu alto. Vovó estava na floresta em algum lugar, e não havia sinal de Jasper. Sua missão cumprida, ela estava livre para ir. Mesmo que Nash tivesse algo de ruim para dizer a ela hoje à noite, tinha que ser melhor do que ficar aqui.

Ela parou com a mão na maçaneta da porta.

E se a avó tinha algo que precisava que Sara fizesse? E se estivesse realmente doente e o medicamento era necessário? Ela era uma velha cadela, mas Sara não deixaria uma mulher de 83 anos sofrer.



Além disso, o que aconteceria se a velha cadela ficasse chateada com ela por correr sem dizer oi e decidisse que não poderia mover-se para Marshall, afinal?

Com um suspiro pesado, na ponta dos pés, ela volta para o quarto principal.

"Vovó?"

A visão que saudou quando ela acendeu a luz era tão bizarra que ficou chocada.

Avó, vestida com a camisola de flanela grossa que ela usou durante todo o ano, deitada de costas no mesmo lado da cama que sempre dormia, os olhos fechados como se estivesse em sono. Mas de alguma forma Sara teria sabido que ela não estava dormindo, mesmo se não tivesse sido um homem grande e bonito em um cara de aparência terna sentado no meio da cama ao lado dela. Ele reclinara contra a cabeceira da cama com as mãos atrás da cabeça, pernas esticadas. Seu sorriso era violento.

Sua mão ficou dormente. A bolsa caiu sobre o tapete com um baque surdo.

"Olá, docinho. Você deve ser Sara." Ele falou com um sotaque não reconheceu, não que ela conhecesse muitos estrangeiros.

"Você parece tão deliciosa como o seu tio Wayne disse que era."

À menção de Wayne, um som, pequeno estrangulado escapou. Suas pernas de repente sentiam-se ao mesmo tempo, fracas como água e demasiado pesadas para se mover.

Ela segurava o batente da porta e tentou engolir, paralisada pelo medo. Era como um pesadelo, em que algo horrível estava perseguindo-a e não podia gritar e não podia correr...

"Queria saber se você voltaria aqui ou se eu teria que ir atrás de você. Mas você é uma neta obediente, não?"

Corre.

O homem bonito de terno caro deu um tapinha na cama. "Por que você não se senta, para que possamos nos conhecer? Você pode me contar tudo sobre a sua maravilhosa memória, até que meu amigo volte para nos pegar."

Ele puxou um telefone do bolso, discou, disse algumas palavras em língua estrangeira, e colocou-o de volta para o bolso do casaco listrado.

Mova-se, sua idiota! Corra! Corra! Agora...

Sua memória? Por que ele quer saber sobre sua memória?

A questão sacudiu-a de sua paralisia. Ela balançou a cabeça e piscou novamente. O cara ainda estava sorrindo para ela, saboreando seu terror.

Sara deixou o batente da porta. Ela engoliu em seco, pegou sua bolsa e correu como o inferno.

Quando chegou à porta da frente, encontrou-o inclinado contra ela, tão relaxado quanto estava na cama da vovó, ainda sorrindo para ela com aqueles enormes, dentes brancos.

Ela sabia que ele estava sentado na cama, quando se virou e correu. Ela sabia que não tinha visto ou sentido ele passar por ela no corredor.

Ela sabia exatamente o que ele era.

"Sente-se, minha querida." Disse o lobisomem.

Bryan não estava acostumado à indecisão. Agora era uma hora ruim para isto.

Se Sara não estivesse levando comida para a avó, mas estava realmente fazendo uma entrega, ele precisava segui-la. Talvez finalmente visse um dos lobos que suspeitava estavam se movendo dentro do território de Hedges. Ele poderia chamar o seu contato no escritório do FBI em Dallas e, em seguida, ficar por perto para manter um olho nas coisas, até que os federais apareceram. Os federais finalmente colocariam as mãos em um dos caras de Dominic Kuba, e Bryan poderia finalmente conseguir o inferno fora de Luxor.

Sara provavelmente acabaria ficando presa a si mesma, ou pelo menos transportada para interrogatório. A perspectiva o incomodava.

Ele nunca deveria ter ficado tão envolvido com ela.

Idiota.

No início, ele tinha uma razão para sair do restaurante e esbarrar ao seu redor na cidade, ele estava investigando a operação Hedges, e ela era uma Hedges. Mas depois de quase dois meses de vida nesta cidade atrasada, rejeitando e incomodando Wayne Hedges e conseguindo conhecer Sara, tinha se convencido de que ela não estava envolvida na operação de sua família. Ela trabalhou sua bunda fora naquele restaurante de baixa qualidade e dirigia

um conversível batido de idade, tudo o que queria era ir para a faculdade, e parecia odiar sua família.

A menos que tivesse sido um ato? Wayne Hedges era um idiota, ele não tinha tomado dois meses para descobrir isso. Bryan nunca tinha realmente visto Jasper.

A velha senhora era o cérebro por trás da operação, apesar de sua Bíblia batendo, tinha perfil de cozinhar. Talvez Sara fosse tão boa em manter uma fachada quanto sua avó era.

Não se sentia assim, porém. Ela era totalmente diferente dos outros três, uma flor selvagem entre as ervas daninhas. Alguém em Luxor entendia como ela era diferente?

Ele tinha estado preparado para falar com ela hoje à noite, explicar o seu trabalho aqui, o que estava fazendo e o que precisava. Ele achava que ela estaria aberta para ajudá-lo.

Talvez estivesse prestes a cometer um erro realmente estúpido.

Bryan tinha dito a si mesmo que se não dormisse com ela, não seria levado a sério e poderia escorregar para fora da cidade, com a consciência tranquila quando chegasse a hora.

Idiota.

Talvez ela realmente estivesse levando comida para a velha senhora. Por que teria tantos turnos no restaurante, se ela era um dos mensageiros de Wayne? A menos que o desprezível suado não a pagasse, o que não seria surpreendente. Ele estava rolando na massa, mas Wayne Hedges favorecia carros baratos, bebida barata, prostitutas baratas e cinquenta máquinas caça-níqueis em Shreveport⁸. Talvez a velhinha mantivesse todo o dinheiro.

Os federais haviam conhecido sobre Hedges por um longo tempo, mas não tinham sido capaz de poupar os recursos para ir atrás do que ainda era basicamente uma rede rural, não com o tráfico urbano pesado que tinham de combater. Tudo isso mudou quando perceberam que os lobos europeus estavam se movendo em operações rurais, incluindo o de Hedges. Nick Wargman ofereceu os serviços de Bryan. Um PI⁹ com formação em habilidades

⁸ **Shreveport** é uma cidade localizada no Estado americano de Luisiana

⁹⁹ Investigador Particular

militares de reconhecimento e com vontade ao ar livre, Bryan fez um candidato melhor para o trabalho à paisana em uma cidade pequena do país do que um Federal, e ele não seria monitorado por uma burocracia. O FBI aceitou a ajuda, que mostrou como eles estavam desesperados para uma pausa neste caso.

Pensar em seu Alfa teve um profundo efeito sobre sua determinação. Ruim o suficiente, que ele ia deixar seu pau se envolver com isso. Se ele se sentasse aqui distraído sobre Sara Hedges e perdesse a chance de pegar um desses caras, Nick o esfolaria vivo e faria um tapete de sua pele.

Ele ligou a moto e se dirigiu para a Rodovia 43.

"Eu disse sente-se, Sara."

Ela tinha uma vontade louca de rir. O forte sotaque fez soar como um personagem de um desenho animado. *"Sente-se, Sara."*

Os dentes. Ele não parava de sorrir, ela não conseguia parar de olhar. Se não soubesse que era um lobisomem, provavelmente não teria pensado que não havia nada de incomum sobre os dentes. Mas ela sabia, de modo que parecia enorme.

Ele deu um passo em sua direção. Ela cambaleou para trás. Suas pernas se lembraram de como trabalhar um pouco antes que fraquejaram. Ela cambaleou para o sofá e se amontoou em uma extremidade.

Sentou-se no meio, voltando-se para ela e colocando o braço nas costas do sofá. As pontas dos dedos escovando seu ombro, enquanto ele tomava uma mecha de seu cabelo e esfregava-a entre os dedos, bem como Nash tinha feito no Café na noite passada.

Quando esse cara fez isso, parecia uma barata rastejando em seu couro cabeludo. Ele cheirava bem, o que tornou ainda mais horrível.

"Você tem o cabelo bonito, Sara. Eu sou parcial para ruivas. E sua pele é como leite, como leite de mármore." Escovou os dedos em sua bochecha e ela choramingou. Uma porção minúscula de sua mente continuava lhe dizendo para obter um aperto, se recompor, mas não podia ouvir muito bem sobre o terror gritando no resto do seu cérebro.

Ela engasgou quando ele passou a mão em seu cabelo, mais ou menos expondo sua orelha, que ele traçou com o polegar. "Ninguém nunca notou suas orelhas, Sara? Ninguém jamais mencionou a forma? Ou você as mantém cobertas com o cabelo vermelho glorioso?"

Todo o seu corpo tremia incontrolavelmente. Ela sentiu-se fechando, e tinha vergonha, mas não achava que poderia lutar contra isso, não achava que poderia parar o deslizar de paralisia do pânico.

Mesmo que a 43 fosse geralmente deserta até aqui fora de Luxor, não foi necessariamente estranho quando um carro rolou por ele fazendo 50 milhas por hora ou assim. O que chamou a atenção de Bryan era a marca e o modelo. Ninguém em Luxor iria dirigir um Mercedes CL550 preto. Mas ele sabia quem iria.

O que ia com os caras de Kuba e seus carros? Não os desgraçados delicados perceberiam todos os policiais e agentes federais, entre aqui e a Florida os inquietos lobisomens para dirigir uma Mercedes de alta qualidade? Certamente, depois do que tinha ido para baixo, em Houston, e depois em Atlanta e Nova Orleans, eles sabiam que estavam no radar de todos.

Claro, eles não os pegaram em Houston, Atlanta ou Nova Orleans. Ou Miami, onde eles primeiro se estabeleceram antes de escorrer oeste e norte.

Mantiveram-se escorregando através de cada arrastão e esquivando-se cada emboscada, deixando o FBI, DEA e diversas agências policiais segurando seus paus em suas mãos. Então, por que eles deveriam se preocupar em manter um perfil baixo, especialmente em um trecho isolado da estrada rural no Leste do Texas?

Esperou até que ele estivesse certo de que a Mercedes iria virar para a estrada de cascalho que levaria a lugar nenhum, mas a casa Hedges, ele mudou de direção para as árvores. O caminho que ele seguiu foi muito estreito para os pneus, mas forneceu um atalho para a casa. Ele havia descoberto a primeira vez que ele veio aqui dar uma olhada na fabricação de metanfetamina e a maior operação de distribuição na área de três estados.

A meio caminho de casa, ele desligou o motor e chamou Dallas. Eles teriam quatro agentes aqui fora na hora, eles não estavam tomando nenhuma possibilidade neste momento.

Depois que desligou, ele abriu um de seus alforjes, a remoção de um par de algemas de prata e um Mustang Colt¹⁰.

Lobisomens honrosos não usam armas, a menos que eles estivessem em um exército. Em combate pessoal, ou combate em grupo ainda grande, as armas eram vergonhosa, como eram ataques de surpresa. Mas a honra não era devida a drogas que tratavam ou armas, ou contrabando de escravos do sexo, não é? E se ele fosse atrás deles em forma de lobo, ele provavelmente os mataria, ou pelo menos os tornariam difíceis de interrogar.

O único policial que tinha chegado perto o suficiente para tocar esses babacas, uma vez que haviam deixado Miami foi Taran Lloyd. Ele tinha matado dois deles. Ninguém o culpou por fazê-lo, uma vez que estavam em seu caminho para matar a companheira de Taran, mas ainda não se podiam interrogar lobos mortos. Os federais precisavam de suspeitos não, cadáveres, e as balas eram muito mais precisas do que presas e garras.

O Colt em uma mão enluvada, punhos de prata na outra, ele correu para a casa da velha senhora.

Sara apertou os olhos e forçou um par de respirações profundas dentro e fora de seus pulmões. Ela imaginou o que Wendy diria sobre isso. *"Eu disse a ela para ficar longe de lobisomens, mas ela não quis ouvir. Ela continuou falando sobre como é o século XXI e lobisomens são pessoas também..."*

Wayne. Wayne fez isso comigo.



10

A indignação trabalhou como um freio sobre a histeria. Ela ainda estava morrendo de medo, mas não estava indo para desligar e desistir. Estava indo para rezar muito, muito duro. Se nada mais, descobriria uma maneira de se matar, antes que eles tivessem uma chance de fazer o que eles iam fazer com ela. E se por algum milagre ela conseguisse fugir, ou alguém a *resgatasse* – *sim, com certeza*, ela iria matar seu tio Wayne.

O lobo ainda estava brincando com seu cabelo. "Meus amigos vão gostar muito. Seu tio diz que você gostaria de viajar, sim? Bem, esta noite, você vai andar em um avião. Nós..."

O lobisomem congelou, levantando a cabeça como se estivesse ouvindo alguma coisa. "Ah! Nossa carona está aqui. Deixamos agora. Vê. Você sairá de Luxor, assim como você queria."

Então ela ouviu o ruído de pneus no cascalho.

Ele chegou a casa antes da Mercedes. Ele perguntou brevemente, como estava correndo pela floresta, se talvez devesse esperar e confirmar que o motorista era um lobisomem e não um rico humano viciado em meta. Mas quando ele emergiu das árvores até a clareira pequena, percebeu que não seria necessário. Ele cheirava um outro lobo, ouviu uma voz com forte sotaque vindo de dentro da casa em ruínas antigas.

"Meus amigos vão gostar muito. Seu tio diz que você gostaria de viajar, sim? Bem, esta noite você vai montar em um avião. Nós... Ah. Nossa carona está aqui. Deixamos agora. Vê. Você sairá de Luxor, assim como você queria."

Bryan sabia o que esses caras faziam para as mulheres como Sara.

Sua visão nadou vermelha de sangue, a força de sua raiva fazendo-o estremecer, tonturas quase ao ponto de doer. Ele suspirou e balançou a cabeça para limpá-la, de repente entendendo por que Taran Lloyd não tinha sido capaz de deixar um lobo vivo.

Ela não era sua companheira. Ele tinha saído com ela três vezes. Ele ainda não tinha dormido com ela. No entanto, a ideia de alguém machucá-la, encheu-o de uma fúria que nunca tinha sentido antes, nem mesmo em combate.

E ele pensou que acabaria escorregando fora da cidade, sem uma palavra quando tudo isso acabasse?

Idiota.

"Eu não vou a lugar nenhum com você." Ela se ouviu dizendo, e ficou maravilhada com a firmeza de sua voz.

Que pareceu deliciar o lobisomem. Ele sorriu ainda mais quando deixou cair à mão no ombro dela balançando, doentiamente perto de seu peito.

"Você acha que não?"

Ela rangeu os dentes, sua mente apenas gritou para seu corpo. *Porra. Movimente-se.* "Sim. Eu acho que não."

Ela nunca descobriu como fez isso, como conseguiu se livrar do terror, a inércia com experiência em pesadelos onde você via o trem ou o carro, ou a avalanche ou o lobisomem, vindo diretamente para você e ainda assim seu corpo era bloqueado no local, recusando-se a ceder, mesmo quando cada um de seus nervos queimavam para o movimento.

Mas de alguma forma, ela fez isso.

Primeiro, agarrou seu pulso e empurrou a mão dele. Ele ainda estava sorrindo para ela, surpreso com sua força e por que ele não estaria? Parecia que Wayne tinha dito a ele tudo sobre ela. O sorriso do lobisomem esticou em um olhar, quando ele sentiu seu movimento iminente.

Mas inferno, não era como se ela tivesse alguma coisa a perder. Então, ela pulou do sofá e lançou-se em toda a sala.

Ela quase chegou à porta.

Quando a Mercedes se aproximou, Bryan agachou na frente do carro de Sara, para que o motorista não o visse. Ele não se importava se o lobo o cheirasse, ele não pensava em dar-lhe tempo para reagir. Ele teve que tomar o lobo da Mercedes rapidamente, para que pudesse voltar sua atenção total para o lobo dentro da casa com Sara.

Ele tomou uma respiração profunda, limpa e escorregou para o espaço de combate.

O idiota da Mercedes nem sequer parou para verificar ao seu redor, quando saiu do carro e passeou em direção à casa. Quando o lobo passou a 3m na frente dele, Bryan passou do seu rastejar e bateu-lhe com uma bala de prata ao lado de seu joelho direito. O lobo tropeçou. Bryan colocou outra bala no tornozelo direito. O idiota da Mercedes soltou com um grito rouco.

Ele se levantou, deu um passo, e então ele a tinha pelo cotovelo. Ela apertou os olhos e rezou para que fosse rápido. Mas tudo que ele fez foi atirá-la de costas para o sofá, onde ela pousou com um *baque* suave e fitou-o em estado de choque mudo.

Pelo menos ele não estava sorrindo mais. "Eu não sou suposto a fazer dano à mercadoria, mas se você fizer isso de novo, minha *pequena suka*¹¹, vou arrancar seu coração e me alimentar de você. Sente-se aí como uma boa menina até eu voltar."

Um lobo grande limitou pela porta da frente para a luz da varanda. Bryan estava pronto, girando e atirando em um movimento. A primeira bala perfurou o próprio centro da rótula esquerda do lobo. O segundo tiro não foi tão perfeito, alojou-se um pouco acima e um pouco fora do centro da rótula direita.

Não importa, o lobo caiu nos degraus. O lobo da Mercedes e o novo lobo – que Bryan mentalmente apelidou de lobo de terno – se contorcia e caiu, gritando com os outros em sua língua.

Ele colocou os dedos à boca e assobiou quando se colocou entre eles. "Mantenha-o para baixo ou eu vou chamar o xerife e dizer-lhe que temos um par de lobisomens na casa desta doce velhinha. Farei vocês saberem como eles se sentem sobre lobisomens por aqui?"

Os dois lobos congelaram, olhando um para o outro, então para ele.

O grande lobo no terno caro rosnou: "Você é policial?"

Bryan o ignorou. "Sara?" Quando ela não respondeu imediatamente, ele chamou novamente, mais duramente. "Sara! Responda-me."

¹¹ Em russo significa puta de uma forma irritada como... cale-se cadela.

"Nash?" Sua voz, tão fina e trêmula, assim aterrorizada, esfarrapou seu coração. Por um segundo, ele foi tentado quase além da tolerância ao strip-tease, virar e rasgar a merda fora de ambos.

Ele teria dificuldade em explicar ao abate devasso aos federais, embora, ou para Nick Wargman. "Fique aí, meu anjo. *Não se mexa*, está me ouvindo? Você está a salvo agora."

Ele tinha que ter certeza que os lobos estavam imóveis, para que ele pudesse atender Sara. O problema era, você não poderia dizer o quanto de prata que seria necessário para matar um lobo. Isto dependia de uma série de fatores fisiológicos particular para cada indivíduo, e ele tinha feito tão bem em trazê-los para baixo vivos...

"Ah, foda-se." Ele murmurou. Ele teria que correr o risco com mais balas.

Ambos os lobos foram ainda debatendo ao redor, o grandalhão no terno tentando arrastar-se pela varanda e voltar para a casa, o idiota da Mercedes apenas correu ao redor de sua bunda, como se fosse realizar qualquer coisa.

Ele teve que acreditar que estes dois não eram típicos lobos que formavam a quadrilha de Kuba. Se fossem, então os policiais das quatro principais áreas metropolitanas e duas agências federais deveriam comer revólveres em seu serviço.

Bryan chutou o lobo da Mercedes na cabeça, derrubando-o de volta para o chão. Ele se inclinou e deu um tiro em linha reta em um cotovelo, como perfurar uma pistola de pregos em rocha.

O lobo da Mercedes gritou. Bryan abaixou, pegou uma mão, e torceu todos os cinco dedos, até que ele ouviu o pop. Então ele fez a mesma coisa para o outro lado. O lobo da Mercedes desmaiou.

O lobo de terno conseguiu subir de volta para a beira da varanda, andando sobre as mãos e arrastando as pernas inúteis atrás dele. Bryan apreendeu um tornozelo e puxou o cara de volta para baixo. O queixo do lobo de terno, o nariz e a testa fizeram um '*bump, bump, bump*' nos degraus da escada, quando seu rosto bateu na sujeira. Quando lobo de terno estava em seu estômago, Bryan fez o que tinha feito para o lobo da Mercedes, uma bala prata no cotovelo, dez dedos quebrados. Então ele arrastou o Lobo de terno sobre o lobo da Mercedes e estendeu seus braços para fora, de modo que parecia que eles estavam tentando

tocar as mãos. O lobo d terno não estava inconsciente ainda, mas ele estava pálido e suado, os olhos desfocados e a boca torcida na dor.

Bryan estava atordoado, e um pouco doente, a satisfação que teve da agonia dos dois lobos. Ele tinha estado em combate muitas vezes. Ele tinha matado soldados e terroristas, tanto humanos como shifters. Mas ele nunca gostou, nunca sentiu uma sensação tão pessoal de realização, como fez agora.

Saber o que esses caras teriam feito a Sara, e que eles, sem dúvida, tinham feito para outras mulheres, enfureceu-o como nenhum combatente inimigo jamais poderia fazer.

Ele bateu a algema no pulso de cada cara e apertou os anéis com força nos lobisomem, até o pedaço de prata estar rígido em sua carne. A prata iria mantê-los em dor e incapaz de mudar. Os dedos presos processavam suas mãos inúteis, e eles não curariam antes que o FBI aparecesse. Os lobos não iriam a lugar nenhum. Ele poderia voltar sua atenção para Sara agora.

Ele tinha que tirá-la daqui antes que os federais apareceram. Eles provavelmente considerariam obstrução da justiça, mas não dava um traseiro de rato por isso, não tinham conseguido colocar as mãos em um desses desgraçados.

Ele correu para dentro. "Sara, você está aí?"

Ele nunca tinha visto um movimento tão rápido para uma fêmea, ela se jogou contra ele, envolvendo os braços em volta de seu pescoço. Ela escondeu o rosto em seu ombro, e ele segurou-a com tanta força que tinha medo que pudesse quebrá-la. Cheirava a carne de frango frito, o medo e o perfume cítrico que ela sempre usava. Alívio lavou por meio dele, deixando-o sem fôlego.

A raiva e pânico que sentira quando percebeu que ela estava em perigo, a satisfação primal derivado de tirar os filhos da puta que a ameaçavam – ele não queria pensar sobre o que significava.

A única coisa maior do que a alegria que sentiu no momento era o medo de que ela faria, quando lhe dissesse que tinha mentido para ela.

CAPÍTULO QUATRO

Nash não tinha necessidade de lhe dizer para ficar dentro de casa, ela não poderia ter se movido se quisesse. Ela mal podia respirar. Olhos apertados, terror ponderava seus membros, ela ouviu a luta fora, ouviu os tiros, e se perguntava se um lobisomem estaria andando pela porta a qualquer segundo.

Você está a salvo agora. Ela estava? Como poderia um homem, mesmo um fuzileiro com uma arma, lutar contra dois lobisomens?

Mas lá estava ele, andando pela porta da frente, vivo e sozinho, seu salvador loiro grande e bonito. Ela olhou para ele um momento, com medo de confiar seus olhos nela. Em seguida, o terror diminuiu, liberando o corpo dela, e ela lançou-se através da sala de estar pequena, jogando os braços em volta do pescoço com um grito rouco.

"Nash! Oh Deus, oh obrigada!" Seu corpo parecia que tinha uma gripe, todo frio e quente ao mesmo tempo, ainda tremendo. Seu corpo parecia uma pedra no meio do oceano: duro, forte e segura. "Eu não conseguia... não... ele estava aqui quando eu cheguei aqui, e... e... ele sabia o meu nome, e ele disse que era..."

Ele segurou-a firmemente por alguns segundos, doce, e de repente a deixou ir. Quando ela começou a tropeçar, Nash agarrou-a pelos ombros, com os olhos trancados em seu rosto. "Sara, temos que sair. O FBI está a caminho, e se eles te encontrarem aqui, eles vão levá-la."

Demorou alguns segundos para entender o que ela tinha ouvido. "FBI? O que... Por quê?"

"Porque eu os chamei. Eles estão atrás desses caras há meses, e eles vão querer transportar você e ao resto de sua família para interrogatório."

"Minha fam... Por que você chamou o FBI?"

"Eu vou dizer-lhe tudo sobre isso, mas em outro lugar. Temos que ir, meu anjo. agora."

Ele começou a puxá-la para a porta. Assustada novamente, e agora confusa, assim, ela puxou o braço de distância. "Eu não vou a lugar nenhum com você, até que me diga por que você chamou o FBI! Nash, que você está fazendo aqui?"

"Sara, não posso..." Ele tentou agarrar o braço dela novamente, e novamente ela se afastou. Ele fez uma careta e soltou um suspiro. "Olhe. Prometo que vou dizer-lhe tudo, mas nós..."

"Por que você chamou o FBI? Como você soube que eu estava aqui? Você sabe quem é lobisomem? Que diabos você está fazendo aqui?" O pânico crescente fez ranger sua voz.

"Liguei para o FBI, porque eu estou ajudando-os a acompanhar esses caras."

"Que caras?"

Ele sacudiu a cabeça na direção do quintal da frente. "Aqueles caras... lobos europeus. Espere. Não sabe quem são?"

"Não! Eu nunca o vi antes! Wayne me fez vir aqui, e quando eu cheguei, a avó foi... Ela foi..." Ela deu mais uma profunda respiração, enquanto enxugava as lágrimas. Estendeu a mão para as mãos, e dessa vez ela não se afastou.

"Ela está morta?"

Sara concordou. "E ele estava esperando por mim. Ele sabia o meu nome, Nash! Wayne. Wayne lhe disse sobre mim. Disse-lhe que... Eu era deliciosa." Ela rompeu com um estremecimento.

De repente, ele estava *sorrindo* para ela. O que poderia fazê-lo sorrir em um momento como este?

"Espere um minuto! Você não veio aqui para encontrar esse cara? Você estava realmente trazendo comida para a sua avó?"

"N...não. Alimentos, não... dinheiro. Mas eu estava trazendo para a avó, não para esse cara." Ela fixou o seu olhar sobre o restolho perfeito loiro de seu queixo. A primeira vez que o tinha visto, ela achou que ele parecia ser a versão QG de um motociclista. "Como você sabia que era o lobisomem?"

"Eles estão por vim para Luxor, eu os tenho assistido com Wayne."

"Por quê? Wayne não conhece nenhum lobisomem!"

"Sim ele conhece. Esses lobos estavam movendo-se dentro da operação de vocês, e eu esperava que ele os rejeitasse poderia correr para eles. Se Wayne configurou-o assim, isso significa que ele está trabalhando com eles. Sara, nós realmente precisamos nos mover."

Ela se sentiu estúpida, fraca, incapaz de entender o que estava acontecendo. "Não é *a minha* operação, é da minha avó. E sobre o JP? Você não é um guia de pesca?"

"Não, isso foi um cobertura. Eu sou um detetive particular."

"Então, tudo que você me disse é uma mentira?"

Ele correu a mão pelos cabelos longos e fez uma careta. Ela podia sentir o nervosismo e impaciência rolando fora dele.

"Não, Sara, não tudo. Eu fiz o que fiz porque eu estava à paisana, o que era importante. Eu posso te contar tudo sobre isso mais *tarde*. Se não sair, agora, você vai conversar com os agentes federais sobre como você executou o dinheiro, para a ligação de sua família com drogas."

"Eu só fiz isso porque Wayne me obrigou!"

"Eu acredito em você. Eles provavelmente não vão."

Ele apertou as mãos dela e tentou puxá-la para ele. O desejo de colocar a cabeça em seu peito largo e começar a chorar era quase insuportável, mas sua raiva e confusão eram tão grandes.

"Sara." Ele disse calmamente: "Você vai vir comigo, ou vou ter que jogá-la sobre meu ombro e depois amarrá-la a minha moto?"

"Ei, escute, idiota! Sou um inferno de muito mais forte do que eu pareço!"

Isto não o intimidou. "Eu sei disso. Mas você não é tão forte quanto eu. Não estou te deixando aqui para ser pega pelos federais. Você pode estar tão chateada comigo como quiser, apenas não aqui. Inferno, pelo que sei, tem mais desse lixo..." Estendeu o polegar na direção de fora. "... poderiam mostrar-se antes dos Federais chegarem."

Se ele estava tentando assustá-la, estava funcionando. Ela estava começando a ficar furiosa com esse estranho que tinha estado aparentemente usando-a durante meses, mas o que ela deveria fazer sobre isso? Ficar por aí e ser presa por porte de drogas federal?

Ela endureceu quando ele pegou uma mão para o rosto e colocou um beijo na testa dela.

"Eu vou pegar minha moto. Deixei-a no mato."

"Onde estamos indo?"

"Houston."

"Houston?"

Ele assentiu com a cabeça.

"Por quê? O que há em Houston?"

Ele respirou profundamente. "Meu alfa. Espere aqui, volto já."

"Seu...O...Seu...Seu...."

E então ele se foi. Esta na frente dela um minuto, se foi no próximo, tão rápido quanto o outro *cara-lobisomem* se moveu, deixando-a ali crepitando, morrendo de medo e meio histérica.

Sara estava ainda mais dura, do que pensava que estava.

Ou talvez ela estivesse catatônica.

Ela encontrou sua avó assassinada, foi praticamente prostituída por lobisomens traficantes de escravos do sexo pelo seu próprio tio, aprendeu que o cara que ela tinha estado encontrando era um lobisomem espionando sua família para o FBI, em seguida, pulou na sua moto e saiu da cidade com nada, além da bolsa e um recipiente Tupperware cheio de dinheiro.

Ele havia parado em seu trailer sujo alugado para pegar sua mochila, mas não parou no lugar de Sara. A quadrilha estava provavelmente assistindo. Eles já sabiam que alguma coisa tinha dado errado.

A única vez que ela falou depois que eles deixaram sua avó foi para perguntar sobre seu carro. Ela queria levá-lo para Houston, mas ele não quis ouvi-la. Se Wayne Hedges ainda estivesse vivo, ele estaria fazendo todo o possível para localizá-la e entregá-la de volta para seus novos amigos.

Por um minuto, pensou que ele poderia realmente ter que amarrá-la a sua moto. Mas depois que ele jurou que iria enviar o pedaço de merda, logo que chegassem a Houston, ela foi dentro.

E depois disso, ela não disse uma palavra.

Um helicóptero se aproximava do oeste quando eles finalmente puxaram na auto-estrada 59. Os Federais gostariam de saber por que ele não ficou por perto, para falar com eles. Ele ia deixar Nick lidar com isso.

Eles fizeram Lufkin um pouco antes das oito. Poderiam ter feito Houston pela meia-noite, mas pensou que a menina 22 anos de uma cidade apocalíptica, que pensou que Marshall, no Texas era a 'grande cidade' precisava de tempo para descansar. Limitando-a dois choques enormes por dia era apenas o certo. Além disso, ele estava assustado com o seu silêncio.

Ele parou em um Walmart¹² para que pudessem pegar algumas coisas para ela. Ela seguiu-o docilmente pela loja, enormes fluorescentes quando ele a persuadiu para mostrar-lhe o que ela precisava. Ela não queria shampoo? Ela lhe olhou por um minuto, em seguida, puxou shampoo e condicionador da prateleira.

Bom, bom. As coisas para o seu rosto... Tudo bem. Agora, como a roupa? Você precisa de uma camisa e jeans, roupa íntima e alguns... Ele a levou pela mão até a seção das mulheres, pensando que teria que buscá-los para ela, mas fez isso por si mesma. Ela ainda não disse nada.

O silêncio levou-o louco, então ele começou a falar. Ele lhe contou seu nome real, como Nick o havia enviado para Luxor, e como tinha planejado dizer-lhe tudo esta noite. Ele explicou que Nick poderia ajudá-la a lidar com os federais, que havia para saber sobre seu envolvimento no negócio de sua família por agora, se eles já não tivessem.

Eles fizeram check in em um motel. Ele teve a Tupperware há muito tempo fora de seu alforje e ela contou-o alto, talvez por isso estivesse apenas parcialmente catatônica. Era um pouco mais de cento e sessenta mil.

¹² Grande hiper mercado com variedade de artigos.

Ele colocou-o no cofre com a chave que o recepcionista lhe tinha dado, e eles foram à busca de comida.

O primeiro restaurante decente que viram deu uma infeliz semelhança com Café Caddo, mas não estava com vontade de andar por aí a noite toda e, pelo menos, não serviam filé de frango frito.

Ela não riu.

Uma vez que eles estavam sentados, ele não poderia tomar o silêncio mais. "Anjo, por favor, diga alguma coisa."

Ela tomou um longo gole de sua cerveja antes de responder.

"Bem, antes de tudo, você pode parar de me chamar *anjo*, agora que eu sei que você estava me usando."

Então. Ela não estava catatônica, ela estava regamente chateada.

Ele começou a dizer algo, mas ela não parou para deixá-lo. "E então amanhã de manhã você pode girar ao redor e me levar para Marshall. Eu vou cuidar de mim de lá."

Cristo, ela era dura. Ele amava as mulheres difíceis, embora nunca tinha encontrado um tipo como Sara antes. Quando disse que ela era surpreendente, realmente quis dizer isso.

Aliviado, divertido, e um pouco irritado, ele tomou um longo gole em sua própria cerveja antes de responder. "Ok, ouça. Eu não estou levando você para Marshall. Eu não *salvei a sua vida...*" Ele pronunciou as palavras muito lentamente, inclinando-se sobre a mesa e olhando para ela, até que foi forçada a abandonar o seu olhar. "... apenas para colocá-la de volta onde esses bastardos podem encontrá-la."

Ela ficou espantada, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, a garçonete apareceu para anotar os pedidos.

Ele ordenou uma batata, bife cozido, batatas fritas e quiabo frito. Então deu um sorriso largo a Sara. "E o que você vai ter, meu *anjo*?"

Ela apertou sua mandíbula e olhou para ele.

A última coisa que precisava fazer era chamar a atenção para si com uma grande luta, então ele virou o sorriso para a garçonete. "Minha namorada teve um mau dia. Por que você

não traz um hambúrguer de cogumelos com anéis de cebola. E nós vamos tomar uma jarra de cerveja." Ela balançou a cabeça e saiu.

Uma vez que eles estavam sozinhos novamente, ele suspirou e balançou a cabeça, emocionalmente chicoteado. "Hambúrguer e cerveja duas noites em uma fila, hein?" Ele disse um pouco triste.

Ela gostava dele na última noite. Ele tinha planejado lhe dizer tudo esta noite, e se tudo tinham ido para o plano, ela poderia ouvi-lo e aceitar sua história.

Agora parecia que queria chegar do outro lado da mesa e socá-lo. Ela estreitou os olhos e perguntou em voz baixa e firme: "O que faz você pensar que os lobisomens iriam por mim em Marshall?"

"Porque agora, se ele ainda está vivo, seu tio está falando tão rápido quanto pode. Ele se ajustará. Agora que você chegou longe, e eles perderam dois dos seus caras, não vão estar felizes com Wayne. Ele não pode fazer nada sobre os lobos que eu peguei, mas estará dizendo a eles em todos os lugares que procurar você. Ele sabia que você estava vindo para Marshall?"

Seus olhos se arregalaram e, depois de um segundo, ela balançou a cabeça.

"Certo. Então, quando eles não conseguirem encontrá-la em Luxor, vai mandá-los lá. É por isso que te fiz sair do carro, para que não tivesse nada seu. É por isso que você não vai usar seus cartões de crédito. Eu não quero Wayne, os lobos ou até mesmo os federais sabendo onde você está, até que eu tenha dado você ao meu Alfa."

Ele estava falando tão silenciosamente quanto pôde em um lugar tão lotado, porém com todas as pessoas falando ao seu redor e TVs detonando jogos de futebol diferente, não era provável que estariam ouvindo.

A garçonete trouxe o jarro e canecas. Quando estavam sozinhos novamente, Sara plantou os cotovelos sobre a mesa e se inclinou para sussurrar furiosamente: "Então toda a razão para você vir para Luxor, foi para me espionar?"

Por que ela estava sendo tão irracional? Onde tinha ido a sua difícil e equilibrada Sara? Será que ela não percebe o que tinha por tão pouco escapado e por quê?

Ele se inclinou para frente a encontrá-la no meio da mesa, até que seus cotovelos estavam quase tocando, centímetros seu rosto do dela. Qualquer um que os visse poderia pensar que eles estavam prestes a se beijar. "Não, pequena sabe tudo sobre mim, eu não sabia que você existia quando fui para Luxor. Eu estava espionando Wayne e sua avó. É culpa de Wayne que você não pode ir para Marshall agora, não a minha. Ele é o único que está fodendo sua vida. Tudo que fiz foi salvá-la."

"Idiota."

"Você não pensava assim ontem à noite."

"Eu não sabia quem você..."

"Eu sou o mesmo cara, Sara. Você tem que entender isso. Eu sou *exatamente o mesmo cara*. Marine de Fredericksburg, vivendo em Houston, a mãe, o pai e irmã, tudo isso. Eu fui para Luxor na esperança de encontrar a gangue de Kuba, através da rede da sua família. Quando percebi que a neta da velha senhora trabalhava no Café Caddo, decidi investigar você. E então eu lhe pedi para sair. E então..."

"Então toda essa baboseira sobre como sou inteligente, como eu vou chutar o traseiro em Marshall, sou tão quente, tudo o que era..."

"Tudo era verdade. Merda!" Ela se encolheu, mas não se importou. "Olha, é assim que é. *Aconteceu* de você ser bonita. *Aconteceu* de você ser esperta como um chicote e mais quente que o inferno. *Aconteceu* de você ser capaz de fazer qualquer coisa, que você põe na sua mente." Ele esfaqueou a mesa com seu dedo indicador quando enumerou cada atributo. "Eu não tenho que mentir para você. *Eu teria mentido* por você se eu pudesse, porque eu fui para Luxor com um trabalho muito importante, e eu estava indo para conseguir esse trabalho feito, você entende? Se eu descobrisse que você trabalhava para sua família, eu teria dito o que eu precisava, para obter a inteligência utilizada sobre Wayne Hedges e parceiros. Sara, você *não* percebe o quão ruim esses caras são, mas um monte de mulheres como você estão sendo mortas, porque ninguém..."

"As mulheres como eu?" Ela perguntou em uma voz pequena e oca.

A mudança foi instantânea. Um segundo atrás, ela tinha estado assobiando, cuspiendo e pronta para arranhar seus olhos para fora. Agora suas mãos, um milímetro longe dele,

tremiam. Ele podia ouvir o coração martelando. O cheiro de seu medo, não, pânico estava lavando sobre ele.

"Sim anjo. Mulheres como você, as mulheres com sangue Fae. Quanto mais melhor!" Ela empalideceu, tornando ainda mais pálido do que o seu alabastro normal. "E você tem muito disso, não é?"

Ela engoliu em seco. "Eu...Não sei. Quero dizer, sim, mas veio de meu pai e eu não sei quem ele era. Minha mãe sempre disse que ia me dizer, quando ficasse mais velha. Mas ela morreu quando eu tinha oito anos, então..."

Sua raiva e aborrecimento tinham derretido quando viu como ela estava assustada. Como ela pôde fazer isso? Como ela poderia irritá-lo num segundo e furar o seu coração no próximo? Quando ele cobriu as duas mãos com a sua, ela não se afastou.

"Não há nada a temer agora. Os lobos não sabem quem eu sou, não serão capaz."

"Eu não tenho medo deles. Que não é o que está me assustando."

"Então o que é?"

"Eu nunca disse a ninguém que eu era Fae. Quero dizer..." Ela fez uma pausa, soluçando em uma risada. "Quero dizer, toda a minha vida, foi... a regra número um, você sabe? Não deixe que ninguém saber que eu sou Fae. Não deixe ninguém ver como eu posso me lembrar de tudo na minha vida, do jeito que eu faço com os meus pedidos no restaurante. Não deixe que ninguém veja o quão forte eu sou. É assim que Wayne me fez trabalhar para ele, ameaçando contar a todos."

"Sim, mas, se todos em Luxor realmente tivessem evitado, embora? Você viveu lá toda a sua vida. Conheciam você. Se eles descobrissem que eram Fae, talvez já os teria feito parar e pensar... O quê? O que é isso?"

Ela tinha esse olhar estranho, chocado em seu rosto. "Você está realmente sem noção? Depois de Susan, e tudo o que falamos? Eu não posso acreditar que você durou dois meses naquele lugar."

"O que você quer dizer?"

"Bryan, um lobisomem foi assassinado em Harrison County há 20 anos atrás. Perseguido e baleado a sangue frio. Ele era de Dallas, e sua família levantou o inferno

suficiente para que o FBI entrasse, porque o xerife não faria nada. Ninguém no condado iria cooperar. Eles não foram capazes de fazer acusações – mesmo que todo mundo soubesse quem era. Isso é o que Susan disse quanto ao FBI encobrir os assassinatos em Vila Wake, acha que há alguma trama grande do governo para metamorfos esgueirando e Fae para o conselho."

Ele bufou incrédulo.

"Sim. Eu sei. A maioria das pessoas não sabe que Luxor existe e se o fizerem, eles não se importam. Mas todo mundo na cidade acha que os grandes lobisomens maus estão coçando para entrar e assumir. Fae também. Você conhece Wendy, minha prima que trabalha no Café?"

"Sim, claro."

"Sua mãe tem Alzheimer. Ela só tem quarenta e poucos, mas já é ruim real. Às vezes, Lydia começa a falar que ela é Fae, e que Wendy é Fae, e todos na nossa família são malditos Fae. Eu não sei onde ela conseguiu, talvez soubesse sobre o meu pai. Mas é por isso que Wendy toma cuidado com ela em casa e não usa uma babá com muita frequência. Se as pessoas ouvirem falando sobre ser Fae, eles a correriam para fora da cidade. Eles podem até matá-la. Sério. Não importa que ela esteve lá toda a sua vida."

"Você tem que estar brincando comigo."

"Não. Eles realmente, realmente acreditam que os não-humanos são maus e não há problema em matá-los. Eu acho que se Wendy descobrisse sobre mim, ela lidaria com isso. Mas eu não sei sobre outras pessoas. Ser evitada foi a pior coisa que poderia ter acontecido comigo, eu teria dito a minha família para ir para o inferno há muito tempo."

"Jesus, meu anjo. Por que diabos, não saiu da cidade?"

Ela se recostou na cadeira, debruçada em si mesma com os braços cruzados com força, enquanto se concentrava muito duro em algum ponto invisível no meio da mesa. "Eu queria. Eu quase fiz isso quando tinha dezenove anos, mas cometi o erro de dizer a avó sobre isso. Ela mencionou a Wayne e ele a convenceu de que se eu saísse da cidade, eu falaria demais sobre o negócio e, em seguida, eles teriam os Rangers e o FBI respirando em seu pescoço. Ele também disse que não queria ter que encontrar outro mensageiro. Eu prometi em uma pilha

de Bíblias que nunca diria uma palavra, mas ela disse que era para meu próprio bem de qualquer maneira, porque eu vivia uma vida protegida em Luxor e se eu me mudasse para uma cidade real, eu cairia em um estilo de vida pecaminoso."

"Estilo de vida pecaminoso? Ela executava uma operação de metanfetamina e estava preocupada com você um estilo de vida pecaminoso?"

Que lhe rendeu um pequeno sorriso. "Sim? Vovó é uma senhora que vai três vezes da semana à igreja. Ela disse que se eu fosse para Marshall, tinha que enviar Wayne por mim. Levou anos para fazê-la mudar de ideia."

"Sara, por que você age como se Marshall fosse à única cidade no Texas? Você pode se perder em Houston, ou Dallas, ou Austin, ou... merda, há outros *Estados*. Wayne Hedges não poderia acompanhar você tão longe."

"Eu sei." Ela respondeu em voz baixa. "Mas Marshall é a única cidade grande que eu já fui. Eu sempre tive muito medo de ir a outro lugar. Sempre que pensava sobre isso, apenas... eu fico tão assustada que quero vomitar. Eu olhava para esses lugares na Internet, e e... O tráfego, e o crime, e tudo..." Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. "Então você vê, você está errado. Eu não posso fazer qualquer coisa que eu defini na minha mente. Ou talvez seja, que eu não possa definir minha mente a fazer algo que assusta a merda fora de mim."

"Ei? Abra seus olhos e olhe para mim. Você não tem nada para se envergonhar. Você é muito dura, meu anjo."

Sua comida chegou. Eles ficaram em silêncio pelos poucos minutos seguintes quando começaram a comer. Então ela colocou a hambúrguer para baixo e tomou outro gole de cerveja.

"Como você sabe que eu era Fae?"

Ele encolheu os ombros novamente. "Eu só sabia. Você se esconde bem, mas eu poderia dizer como era fácil para você carregar bandejas realmente pesadas para as mesas, mesmo que você seja tão delicada. Puros Faes são o lado fraco, mas os seres humanos com um monte de ascendência Fae são extraordinariamente fortes. Eu percebi a sua memória imediatamente. E você só parece, o cabelo é vermelho, olhos verdes, pálida, tez perfeita. E suas orelhas."

"Minhas orelhas *não* são pontudas. Elas são cônicas."

Ele sorriu. "Elas são lindos. Você é linda. Se morasse em qualquer cidade normal, todo mundo saberia. É o tipo engraçado."

"O que?"

"Que alguém com tanto sangue Fae como você pudesse se esconder, em plena vista em uma cidade apocalíptica. Eles odeiam tanto shifters e Fae, mas quando se cresce bem ali na frente deles, eles não têm ideia."

Ela não sorriu, acenando tipo de distraído. "Os shifters têm algum tipo de capacidade de sentir Fae?"

"Eu não sei. Talvez." Fez uma pausa para terminar seu jantar, ele ainda estava morrendo de fome e ela não o apressou. Ele poderia dizer que estava pensando em tudo o que lhe disse, processando-o. Ele estava começando a entender como sua mente funcionava, e isso meio que o fascinava. Ele nunca tinha conhecido uma mulher com tanta ascendência Fae pensar primeiro e reagir mais tarde.

Quando ele tinha comido o último pedaço, esvaziou a jarra de cerveja, sinalizou a garçonete para mais uma rodada, e se recostou na cadeira. "Veja, um monte de lobisomens são quentes para fêmeas Fae – é como alguns primitivos, restos de urgência. Fae e lobisomens nunca se deram bem. Um Fae sempre olhou para baixo nos lobos, e lobos sempre pensaram que as mulheres Fae são exóticas e sexy. Talvez seja uma coisa de fruto proibido."

"Os lobos e Fae não podem ter filhos juntos, certo?"

Ela realmente havia estudado sua espécie. E ela própria. Ele assentiu com a cabeça. "Certo. Bem, isso depende. Lotes de seres humanos têm vestígios de sangue Fae, e que não parece ser um problema. É apenas as mulheres com um monte de ascendência Fae, que não podem engravidar por lobos." E não havia nenhuma razão por que deve incomodá-lo, mas estava lá?

A maioria da tensão entre eles parecia ter queimado. Sara estava visivelmente mais relaxada, e ela não parecia que queria matá-lo mais. Se for cansaço ou a cerveja, ele não se importava. Mas estava grato quando a garçonete apareceu com outro jarro, e rapidamente reabasteceu o copo de Sara.

Ela apoiou os cotovelos sobre a mesa. "Obrigada, Então esses caras são... Do que você os chama? Gangue de alguém?"

Ele encheu sua própria caneca antes de responder. "Dominic Kuba." Bryan respondeu. "Ele é um lobo Checa, o cara no comando da quadrilha. Ou pelo menos um dos os caras no comando. Todos os lobos na gangue são provenientes da Europa Oriental."

"Certo. Então, qual é o seu negócio?"

"Bem, eles montaram uma filial por aqui e começaram a fazer uma pequena importação/exportação de negócio de jogo, drogas, armas." Ele parou, limpou a garganta. "Mulheres."

"Mulheres?"

"Hum, sim. Veja, quase não há pessoas com sangue Fae na Europa mais, assim que as mulheres são ainda mais exóticas aos lobos mais lá, do que são para nós. Além disso, se são muito Fae, não podem engravidar por lobos, certo? Torna menos problemas. Então, esses caras sequestram mulheres Fae e as enviam para a Europa para bordéis e clubes de sexo, e... outras coisas."

"E as coisas? Que tipo de *coisas* está lá além bordéis e clubes de sexo?"

Ele se moveu desconfortavelmente. "Quero dizer, servem para nada que lobos queiram fazer. Eles têm alguns bastardos doentes, de acordo com a Interpol."

"Doentes como?"

"Como em mudança, enquanto eles estão fazendo isso. Esse tipo de coisa."

Ela bateu a mão sobre a boca e olhou para ele com os olhos arregalados. Ele fez uma careta de simpatia e esperava que ela não fosse pirar.

É claro que não iria. Ela tomou um longo, gole, muito loongo de sua cerveja, arrotou delicadamente (ele não abriu um sorriso), e disse: "Certo. Eu posso ver, porque você gostaria de ajudar a pegar esses caras."

"Sim. Eles quase arrancaram a companheira de um amigo em Houston. Ela não é Fae, mas... sim. E Nick, meu Alfa... tomou o lado pessoal, quando eles apareceram em seu território. Ele imaginou que o Federais poderiam usar alguma ajuda."

"Então, se você não tivesse aparecido, eu teria sido transformada em um brinquedo estridente por este fim de semana. Que eu acho que significa que não devo guardar rancor sobre a coisa secreta."

Ele deu de ombros.

Era quase meia-noite. Seus olhos estavam pesados e seu discurso tinha começado a censurar em torno das bordas. Ele sabia que precisava levá-la de volta para o motel, deixá-la descansar um pouco, mas não queria parar de falar ainda.

Isso foi outra coisa que fez para ele. Ele normalmente não gostava de falar muito tempo com as fêmeas Fae, ou não.

Ela estava olhando para longe, e ele queria saber se estava prestes a cair, quando disse de repente: "Eu espero que eles matem Wayne."

"Eles vão. Provavelmente já o mataram."

"Eu não posso acreditar que ele fez isso comigo. Eu sabia que não me amava, ele me tratava como merda, mas para colocar-me nisso..." Ela estremeceu. "E sua *mãe*? Quero dizer, tão indecentes quanto ele foi, eu ainda não teria... Espere. E quanto a Jasper? Você acha que Jasper está morto também?"

"Sim."

Ela assentiu para si mesma. "Sim, eu aposto que ele está. Jasper apenas cozinhava o material. Qualquer um pode fazer isso. Na verdade, qualquer um poderia fazer o que Wayne faz também. Eles realmente não precisam dele."

"O que a sua avó fazia?"

"Todas as coisas dos negócios, onde vendê-lo, como movê-lo, quanto cobrar, tudo isso. Wayne conseguiu comerciantes e espancava as pessoas que não pagavam. Ele e a avó lutavam o tempo todo."

"Com o que?"

"Tudo. Ele odiava o jeito que ela controlava o negócio, e ela não gostava da maneira que ele estourava dinheiro em coisas pecaminosas." Ela sorriu ligeiramente embriagada.

"Como se lidar com metanfetamina fosse negócio, mas apostar e beber e correr em volta com prostitutas em Shreveport, que é ruim."

"Eu não posso acreditar que sua avó fosse à igreja e vendesse a coisa, então ia para casa e corria a maior operação de meta na área ArkLaTex¹³".

"Você não sabe como é viver em uma cidade real de pequeno porte. As pessoas são boas em ignorar o que eles não querem saber." Ela deu mais um longo gole de cerveja. "É como se... você tem que ver o mesmo punhado de pessoas todos os dias da sua vida, então todo mundo concorda, instintivamente, em fingir que tudo é a maneira que quer que seja, e ninguém fala sobre isso. Quero dizer, não é como todo mundo não soubesse que minha avó era a Rainha das Drogas caipira do leste do Texas."

Ele engasgou com sua cerveja, e ela riu também.

"Verdade? Não há como alguém não soubesse o que Jasper estava fazendo naqueles bosques. Mas a avó ensinava na Escola Dominical por 60 anos e ninguém *sonharia* em falar mal da velha e doce Sra. Hedges. Eu acho que se alguém alguma vez disse: *'Ei, todos vocês já perceberam que o menino da Sra. Helen está trabalhando em um laboratório de metanfetamina para baixo à beira do lago?'*" todas as suas cabeças teriam explodido."

Ele riu novamente. "Merda. Fico feliz que eu cresci na cidade grande."

"Sim, bem, eu acho que poderia gostar de viver em uma." Ela ficou pensativa por um momento. "Talvez Marshall fosse uma coisa, mas Houston, Deus..."

Ele apertou a mão dela. "Ei? Vai ser bom. Você pode ficar na minha casa durante o tempo que precisar. E eu prometo, na segunda de manhã, vou fazer uns telefonemas e vamos obter o seu carro rebocado até o meu lugar."

"Verdade? Você acha que eu vou ser capaz de conduzir em Houston? Eu fico pensando sobre as auto-estradas, e todos aqueles carros, e isso me assusta."

"Nem se preocupe com isso. Eu vou te ensinar na auto-estrada. Você é forte o suficiente."

"Eu não sei sobre isso." Um grande bocejo alcançou antes que tivesse uma chance para cobrir sua boca.

¹³ O Ark-La-Tex, Arklatex, ou ArkLaTex é uma região sócio-econômico dos EUA onde Arkansas, Louisiana, Texas e Oklahoma se cruzam.

"Vamos, garota durona. Hora de dormir."

CAPÍTULO CINCO

Sara confessou que estava com medo de ficar sozinha, então ele tinha conseguido um quarto com duas camas de casal.

Ontem à noite, eles estavam um sobre o outro. Apenas alguns minutos atrás, no restaurante, eles começaram a se conectar novamente. Mas assim que estavam de volta ao motel, com as duas camas de casal que dominavam o quarto, eles foram imediatamente desajeitados, procurando em todos os lugares, além de um para o outro, mantendo a distância, incapazes de pensar em nada para dizer.

Ele ofereceu-lhe o banho primeiro. Ela praticamente correu para o banheiro, fechando a porta atrás dela com um suspiro audível de alívio.

Ele se deixou cair em uma cama e chamou Nick, que atendeu ao primeiro toque.

"B, escute." Disse seu Alfa por meio de um Olá. "Primeiro, eu deixei um presente em sua conta bancária. Você fez bem. Segundo. Por que você saiu, antes que os Federais aparecessem? Eu estive ao telefone com eles por horas – eles vão enlouquecer se não falar com você."

Assim, Bryan disse-lhe tudo, e Nick tinha muito a dizer sobre isso.

Quando ele desligou o telefone uma hora mais tarde, Sara ainda estava no chuveiro. Ele se estendeu e atou as mãos atrás da cabeça, pensando sobre o que Nick tinha dito e se perguntando se um motel deste tamanho poderia ficar sem água quente.

"O que você vai fazer com ela?" Nick havia lhe perguntado.

Ele disse que ela poderia ficar em seu lugar, mas a ideia dela realmente estar lá, mesmo que por um curto período de tempo, assustou até a morte. Ele nunca tinha a contemplado ser uma parte de sua vida real.

Ele seria responsável por ela em Houston, pelo menos por um tempo. Ela não conhecia uma alma. Ela precisava de um emprego, um lugar para viver. Tinha que começar uma nova vida, e isso significava uma ruptura grande na sua.

"Desde quando você vai para as meninas Fae?"

Ele não. Esse era o problema, não era? Sara não se comportava como uma típica mulher Fae. Ela não era leviana, impulsiva, dramática, narcisista, emocionalmente instável, problemática com a capital *T* - *todas* as coisas que alguns caras encontravam sexy, mas Bryan encontrava fodidamente irritante. Nada que significava que ela era adequada em longo prazo.

Ele não gostava de pensar assim, mas pelo menos levou sua mente fora à parte perversa e irracional daquele que adorou a ideia de tê-la ao redor em uma base do dia a dia.

Quanto tempo pode ficar um do sexo feminino no chuveiro?

Ele colocou o ouvido à porta, mas tudo o que ouviu foi água corrente. Ele deveria ter sido capaz de ouvi-la movendo-se na banheira.

Então ele bateu.

"Sara?"

Nenhuma resposta. Não havia som de um corpo em movimento, os dedos no cabelo, pegando sabonete, escovando o braço na cortina de chuveiro, nada.

Se ela tivesse desmaiado? Ela estava se afogando?

É isso aí, idiota. Deixou a garota bêbada no chuveiro sozinha.

"Sara?" Ele chamou um pouco mais alto. Quando ele ainda não obteve resposta, bateu na porta algumas vezes. "Sara! Me responda." Sacudindo a maçaneta, viu que não estava trancada e bateu na porta mais uma vez. "Sara, me responde ou eu estou entrando."

Ele esperou mais um segundo, então bateu intercalado.

Ela não olhou para cima, quando ele puxou a cortina de chuveiro de lado. Com os braços em volta de suas pernas e sua cabeça sobre os joelhos, ela se sentou encolhida e imóvel no final da banheira, quase fora do alcance da água gelada vertendo do chuveiro. Ela estava tremendo, se do frio ou choque, ele não poderia dizer.

Ele se inclinou para desligar a água, em seguida, pegou uma toalha fina e caiu de joelhos ao lado da banheira. "Sara? Vamos lá, hora de sair."

Ela ainda não respondeu. Quando estava decidido que tinha ido verdadeiramente catatônica desta vez, ela virou o rosto para ele. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, suas bochechas sujas. O olhar de miséria esgotado no rosto doce espremia seu coração.

"Há algo de errado comigo." Ela sussurrou baixo.

"Você precisa de um médico? Eu vou encontrar uma sala de emergência. Vamos lá." Ele levou os braços para puxá-la, mas ela não se moveu.

"Não." Ela protestou fracamente, tomando um gole de ar e tremores. "Não como isso. Não, quero dizer... Eu não estou triste."

"O quê?" Ter uma bêbada, nua, garota Fae traumatizada no banheiro de um motel barato foi meio fora de seu conjunto de habilidades.

"Estou com medo, e eu estou preocupada, e... e..." Ela tomou alguns goles de ar mais para acabar com os soluços. "E eu perdi meus amigos, mas... Mas eu não estou triste. Sobre a minha família. Eles estão todos mortos, e eu não me sinto triste. Acabei... Eu apenas..." Suas feições delicadas amassaram em uma careta triste quando ela lamentou: "Eu só fico pensando sobre como eu finalmente estou livre e não posso fazer nada para me assustar mais e não tenho que preocupar-me sobre as pessoas descobrirem, e eu não posso nem sentir pena de uma velha que foi *assassinada*! Que tipo de monstro sou eu?"

"Oh merda." Ele murmurou, alisando o cabelo molhado do rosto. Ele nunca se sentiu mais burro ou mais inútil na sua vida. "Vamos, agora, você não pode ficar aqui."

Desta vez, quando a pegou pelo braço e puxou-a para cima, ela não lutou contra ele. Ela deu um pequeno suspiro quando a balançou e sobre o lado da banheira para defini-la em seus pés, mas ela permaneceu em silêncio, cabeça baixa, enquanto ele rapidamente a secava. Então, puxou-a para um abraço forte, colocando a cabeça contra o seu cabelo molhado, perfumado.

"Não há nada de errado com você." Disse ele rispidamente. "Havia algo errado com eles. Eles não te amavam. Eles usaram você e te machucaram. Talvez sua avó não merecesse ser assassinada, mas ela não merece sua saudade, também. Nem seus tios idiotas." Ele beijou o topo de sua cabeça. "Certo. Vamos consegui-la vestida e na cama."

Tomando-lhe a mão, ele a levou para fora do banheiro. Ele puxou as sacolas de compras Walmart, mas ela tomou dele. Ela mandou-o embora quando puxou a calcinha e uma camisa e calças de pijama. Então ela subiu na cama agora, virou as costas para o

banheiro e puxou as cobertas até ao pescoço. Ele ficou entre as duas camas, sentindo-se um pouco mais burro e ainda mais inútil.

"Eu vou tomar um banho agora, certo?"

"Certo." Ela disse numa voz quase baixademaís para ouvir.

Hesitou. "Se precisar de alguma coisa, você virá me buscar?"

Ela balançou a cabeça uma vez. Com um suspiro, ele foi tomar seu banho. Surpreendentemente, isto tinha bastante água quente.

Quando ele secou, enrolou uma toalha na cintura e escovou os dentes, voltou para a sala e desligou as luzes. Então ficou lá como um idiota, novamente, perguntando se deveria colocar calças. Ele normalmente dormia nu, mas não queria deixá-la desconfortável. Ele olhou para ela, amontoada no meio da cama de casal. Era ela mesma... Sim, ela ainda estava acordada. Sua respiração era muito rasa, muito irregular para dormir.

"Sara?"

"O quê?"

"Você esta bem?"

"Sim..."

Ela não soava bem. Ele puxou alguns boxers e deslizou sob as cobertas por trás dela, puxando-a para trás até que sua cabeça estava debaixo de seu queixo.

Ela cheirava fresca e feminina.

Depois de alguns minutos, ela relaxou contra ele. Após mais alguns minutos, a mão subiu para cobrir as suas, encontrando-se contra suas costelas sob o peito.

Sua bunda estabelecida em sua parte inferior do estômago.

Eu não vou conseguir uma ereção. Eu não vou conseguir uma ereção. Ela vai pensar que eu sou um animal, oh merda, não me deixe ficar de pau duro.

"Eu não vou estar assim amanhã."

Eu não vou conseguir uma... Hã? O que você disse?"

Ela fungou suavemente. "Eu disse que não estarei assim amanhã." Ele quase sentiu rangendo os dentes, quando ela disse: "Eu não sou fraca."

Ele não podia deixar um bufar de riso. "Não brinca!"

"Você não vai precisar cuidar de mim. Tenho a Tupperware. Então... Então eu não tenho que ficar com você por muito tempo. Eu não vou entrar em seu caminho."

Ele apertou-lhe apertadas. "Shh. Pare com isso! Durma. Você não vai estar no meu caminho."

Muito tempo depois ela adormeceu, ele estava deitado no escuro, sentindo sua respiração em seus braços, esperando que o que disse fosse verdade.

Ela estava no chuveiro na manhã seguinte, os olhos fechados e o rosto virado para cima, abençoada água quente detonando o choque e ansiedade da noite anterior, quando ela sentiu uma onda de ar frio. Ela abriu os olhos, virou-se e gritou.

"O quê?" Gritou Bryan.

"Feche a cortina!" Ela gritou.

"O que você está fazendo?"

"O *que* parece que estou fazendo? Eu vou tomar um banho. Feche a cortina!" Ela não deveria estar envergonhada, ele a viu na última noite, mas essa manhã se sentiu diferente. E ela estava congelando.

"Eu acordei, você não estava lá, ouvi o chuveiro, eu pensei que você... me apavorei novamente!"

"Bem, eu não! Eu só precisava de um banho."

"Como você pôde ficar suja enquanto você *dormia*?"

"Eu gosto de chuveiros, ok? Eles... Eles me fazem sentir melhor, ajudam-me a limpar a minha cabeça." Além disso, quando ela viu o que parecia esta manhã, depois de dormir com o cabelo molhado... mas ela não estava prestes a explicar isso. "*Peço-lhe* que feche a cortina do chuveiro?"

Resmungando algo sobre garotas Fae loucas, ele a deixou em paz.

Uma hora depois, eles estavam a caminho.

Houston, Texas brilhou como uma miragem, uma visão à distância, que nunca teve maior, não importa quanto tempo eles levaram para isto. Duas vezes ela pensou que eles iam bater na periferia, apenas para ver sinais proclamando os limites da cidade de Kingwood e Humble. O termo *expansão urbana* adquiriu um significado terrivelmente concreto.

Eles rugiram passando, o Aeroporto Intercontinental. Quando os aviões sobrevoaram, ela contou mais em 10 minutos que tinha visto em sua vida.

Quando finalmente eles estavam em Houston, com o coração alojado em sua garganta quando percebeu que era maior, e mais alto e mais denso, e mais alto e tinha um inferno de carros e muito mais pessoas do que qualquer quantidade de tempo gasto com a televisão e a Internet poderiam transmitir a uma menina criada em uma pequena cidade, na axila do nordeste do Texas.

Bryan Keeton estava louco por pensar que ela aprenderia a dirigir neste lugar.

Eles dirigiram sob viadutos e sobre as ruas e sob inúmeras outras estradas sinuosas, como uma fita longa e emaranhada através e ao redor da cidade. Eventualmente, ela viu sinais do centro da cidade. Por fim, eles estavam fora da rodovia e em Rusk Street, onde o condomínio de Bryan estava localizado, e ela pensou quão estranho era que poderiam ir da porta da frente da vovó para a sua, com duas curvas à esquerda e à direita.

Ela teve uma câibra no pescoço torcendo a esquerda, direita e para cima, tendo no espetáculo ao seu redor. Condomínios, restaurantes, lojas e estacionamentos lotados em conjunto, um bloco de apartamentos seguido por um bloco de oficinas de reparação de automóvel, seguido por dois blocos de edifícios de escritórios, apartamentos e muito mais.

Ela teve de agarrar a camisa de Bryan, quando uma onda de vertigem bateu nela, enquanto olhava para cima para os edifícios e o céu. Ela tinha estado olhando para eles, desde que tinha visto pela primeira vez à distância no caminho, de volta pelo aeroporto.

Se nas ruas havia muitos carros em uma tarde de sábado, o que, em nome de Deus, na hora do rush se parece?

A moto diminuiu à medida que se aproximava de uma linha de idêntica de três condomínios de andares. Feitas de tijolo vermelho, cada um tinha uma varanda de ferro forjado preto no topo.

A porta da garagem na unidade meio que enrolou, e eles estavam em casa.

Seus olhos amendoados eram tão redondos e grandes como dólares de prata quando ele a levou para a varanda, fora de seu quarto. Ela estava no parapeito e olhou sem dizer uma palavra.

Bryan, de repente percebeu o quão profundo o choque cultural ia ser. Leitura sobre a cidade grande não era a mesma coisa que viver nela. E ler sobre lobisomens e shifters e Fae, mesmo olhando para os vídeos na Web e ouvir em salas de chat, não era o mesmo que viver entre eles. Ele não poderia tê-la aqui e dizer: *"Aqui está, tenha uma vida agradável."* Ele era o responsável por ela.

As únicas pessoas que ele já tinha sido responsável eram outros fuzileiros.

Ela virou de repente, recostando-se com as mãos atrás dela na grade. O vento estava chicoteando seu longo cabelo vermelho longe do seu rosto, moldando a camiseta amarela, que havia comprado em Walmart para suas curvas. Ele se sentia um pouco tonto, e úmido, e seu peito ficou apertado, sua respiração difícil, do jeito que aconteceu bem antes que ele estava prestes a entrar em território hostil, e ele teve que deixar o medo lavar sobre ele, antes que o expulsasse.

E se ele gostava de tê-la ao redor, tanto, que não queria que ela fosse?

Ela cegou-o com um sorriso exuberante. "Eu amo isto." Cantou.

E então ela começou a chorar.

Ah, merda!

"Ela está em choque." Disse Tyler Jean Turner.

A assistente pessoal do Alfa foi à primeira mulher que ele pensou, quando Sara quebrou. Uma vez que ele tinha começado a acomodá-la no sofá com um copo de água e uma caixa de tecidos, ele tinha se escondido em seu quarto e discado freneticamente a TJ. Uma multidão de pessoas gritava em segundo plano. Ele pensou ter ouvido Milo Hamilton, a Voz dos Astros de Houston, através de um alto falante.

"TJ, você está no jogo dos Astros?"

"Sim. Espere. Eu preciso ir a algum lugar onde eu possa ouvir. Desculpe-me." Disse ela a alguém. "Eu preciso levar isso. É um trabalho."

"Sinto muito, TJ. Eu não quero interromper sua tarde, é só que eu..."

"Por favor, por *favor*, me interrompa." Houve ruído de fundo muito menor agora. "Estou em um encontro muito ruim cego. Agora... Ouça-me. Sua menina passou por um inferno."

"Ela não é..."

"Cale-se! Por enquanto, ela é. Pelo que Nick disse está muito difícil, mas ela está quase 300 milhas de casa, em uma cidade estranha com o único lobisomem que já conheceu, seu tio tentou vendê-la à escravidão sexual, e ela está usando roupas da Walmart. Você tem algum Xanax?"

"Não."

"Vinho?"

"Sim."

"Bom. Dê-lhe vinho. Lotes do mesmo." Fez uma pausa. "Ok, aqui está o que vamos fazer. Eu vou buscá-la amanhã em torno das dez. Nós vamos ter café da manhã reforçado, em seguida, vamos as compras. Teremos roupas de verdade e sua própria maquiagem e outras coisas vai fazê-la se sentir melhor."

"Isso soa bem. Ela tem algum dinheiro."

"Ela pode não precisar dele." Antes que pudesse perguntar o que aquilo significava, ela continuou: "Então, quão bem você conhece essa garota?"

Ele suspirou. "Não muito bem. Nós estivemos fora algumas vezes. Ela não é nada como você esperaria que uma menina Fae seja. "

"Por que vocês esperam que cada menina com mais de uma gota de sangue Fae seja uma psicopata?"

"Nós não. Bem, talvez seja o que fazemos. De qualquer forma, Sara não é assim em tudo. Ela não merece toda a merda que passou. Ela é um anjo." *Ah, merda!*

Porra ele não disse...

"Um *anjo*?" TJ gritou, em voz alta o suficiente para todos os seres humanos no Minute Maid Park ouvi-la. "Você acabou de dizer que ela é um *anjo*?"

Ele fechou os olhos e suavemente bateu o telefone contra a testa.

"Olá, Bryan? Você ainda está aí?"

"Sim, TJ." Disse ele com um suspiro cansado. "Eu ainda estou aqui. Não há nada que eu possa fazer para esquecer o que eu disse, não é?"

"Oh inferno não. *Claro que não*. Puta merda. Um *anjo*. Mas ela não é sua menina, certo?"

Ele decidiu ignorar isso. "Certo. Isso cuida por amanhã. O que devo fazer hoje à noite?"

"O que diabos está errado com você? Você está agindo como se fosse a primeira garota com que você já esteve sozinho! Não seja um maricas. Vá buscar alguma comida para viagem, assistir a alguns filmes. Eu não posso acreditar..."

"Está bem. Jesus, você pôde calar a boca? Volte para seu encontro triste às cegas."

"Ei, você sabe, poderia balançar por aqui e me pegar. Eu poderia dizer a Adrian que Nick teve uma emergência. Não, espere. Isso seria perder o jogo. Ele pagou de bilhetes." Bryan riu na lamentação melancólica em sua voz. "Merda! Tudo bem, eu vou pegar o anjo em seu lugar até amanhã."

"Obrigado, TJ. Você é a melhor."

"Sim. Sim, eu sou."

Ela tinha uma ressaca leve. Bryan tinha trazido para casa Tex Mex¹⁴ e eles dividiram algumas garrafas de vinho e assistiram TV. Que tinha sido tanto estranho e relaxante. Relaxante por causa do vinho e da comida e os sofás confortáveis de solteiro, estranho, porque Bryan realmente não a tocou toda a noite.

Eles se sentaram no mesmo sofá, mas não tinha acariciado ou tanto quanto mãos dadas. Ela o pegou olhando para ela. Vária vez estava certa de que estava prestes a chegar para ela, mas nunca o fez.

Será que ele se sente preso? Ele a salvou, e agora estava preso com ela por um tempo. Muitos caras tinham dificuldade em compartilhar seu espaço com uma namorada, Bryan tinha um estranho virtual para cuidar. Quanto mais cedo ela pudesse encontrar um apartamento, melhor. Ela precisava, para provar sua independência, fazê-lo ver que ele não



14

comida mexicana

tinha que ser responsável por ela. Talvez então eles pudessem começar a namorar novamente. Ela queria outra chance com ele.

Ele havia assumido, corretamente, que sabia como lidar com uma arma, então deu-lhe a sua pequena Colt Mustang e um clipe de balas de prata, instruindo-a para mantê-lo em sua bolsa por um tempo. Ele não achava que era provável que a gangue de Kuba viesse atrás dela, mas eles conseguiram virar mais do que um policial até o momento.

Vazamentos de investigação era uma ameaça constante.

"Você vai gostar de TJ." Bryan estava dizendo sobre o café esta manhã. "Ela é uma ruiva, como você, mas mais alta e má intencionada."

"Certo." Ela lhe deu um grande sorriso, esperando que parecesse relaxada e contente quando tomou um gole de café. Dentro, ela estava uma bagunça de ansiedade. Ela desejava chamar Wendy, mas Bryan disse que não poderia fazê-lo, e sabia que estava certo. Se Wayne ainda estivesse por perto, ela não poderia pôr em perigo a ninguém, dizendo-lhes onde estava.

Ela estava usando a camiseta e calça jeans que tinha comprado em Lufkin. Ele estava usando bermuda e tênis e nada mais. Foi bom olhar para ele.

"Então você vai correr?"

"Sim. Eu não tive uma corrida de verdade, desde que eu fui para Luxor e isso está me matando."

"Por que você não podia correr em Luxor?"

Seu coração pulou uma batida quando ele lançou aquele sorriso matreiro espertinho para ela, o que lhe deu borboletas no estômago e nas regiões mais baixas. Droga, ele era lindo. Com o cabelo e os olhos, e as covinhas e o sorriso, e o corpo, ela sabia que deveria ter todas as mulheres pulando sobre ele em Houston. Ela engoliu em seco, consternada com a súbita pontada de dor em algum lugar perto do seu coração.

"Eu não estou correndo, estou... correndo. Sobre quatro pés. Eu não consegui fazer muita coisa disso em Luxor."

"Oh!" Ela corou, sentindo-se incrivelmente estúpida, mas apenas ficou ali esfregando um fio de cabelo entre os dedos e sorrindo para ela. "Um... o que... que você fazia em Luxor? Aproximadamente, uh..."

"Mudando. Ficando peludo, indo de quatro patas."

"Ok, sim. Você não tem que fazer isso regularmente?"

Ele veio para ficar na frente de sua banqueta, e teve de inclinar a cabeça para trás para olhar para ele. Agudamente consciente de seu peito nu a centímetros de distância, ela manteve as mãos envolvendo a caneca de café, para que ele não pudesse vê-las tremer. Deus, ele cheirava bem.

Ele arrastou seu polegar em seu rosto. Seu coração pulou mais cinco ou seis batidas.

"Não. Cada lobo é diferente. Eu sou um Alpha, então não tenho que mudar tantas vezes quantas betas fazem. Em Luxor mudei cerca de uma dúzia de vezes, mas só por algumas horas."

"Você não estava preocupado em ser visto?"

"Na verdade não. Esgueirar em lugares que eu não pertencia era o meu trabalho no Corpo de Fuzileiros. Eu sou muito bom nisso."

"Oh."

Certo, como mais um daqueles silêncios desconfortáveis começou a se formar, ele disse. "Ok, eu vou. Os caras estão me esperando e é uma longa unidade. Não fique nervosa sobre o encontro com TJ."

"Eu não estou nervosa."

"Esta, sim. Eu posso cheirar seu medo." Sua mão apertou seu pescoço, mantendo a cabeça inclinada para ele quando seu polegar acariciou sua bochecha. Ele com certeza não parecia com pressa para ir. "Eu posso cheirar tudo em você." Acrescentou com voz rouca.

Seus calcanhares estavam descansando no degrau da banqueta. Ele a empurrou para longe do joelho, para que pudesse estar entre suas pernas, colocando a cabeça dela com as duas mãos agora.

Ela piscou de volta para duas noites atrás, quando estava pronta para pular seus ossos ali mesmo no sofá.

Oh, querido Senhor. Será que ele realmente cheirava tudo sobre ela? Porque agora ela estava tão excitada...

Ele inclinou-se e passou a língua como uma pena em todo o lábio inferior. Ela não podia reprimir um arrepio, e sabia pela maneira que sorriu que sentiu. Sempre muito gentil, ele mordiscou o lábio inferior e lambeu-o novamente. Ela separou sua boca mais larga e sua língua mergulhou de encontro à dela.

Ela nem sabia que estava tocando-o até que ele resmungou baixinho, baixo em sua garganta, e então sua mão registrou os músculos rígidos de suas costas, o calor de sua pele sob as palmas das mãos. O beijo se aprofundou, sua língua quente e insistente em sua boca. "Maldição." Ele mordiscou seus lábios enquanto falava, como se não conseguisse parar, e esse pensamento a fez vertiginosa. "Toda vez que eu começo a beijar você, eu só quero continuar beijando você. E isso é exatamente o que estou fazendo quando eu ver você de novo." Escovou um beijo, último rápido em sua testa e pegou suas chaves.

"Divirta-se com TJ. Eu te ligo mais tarde."

No momento em que ela teve sua voz de volta, ele estava fora da porta.

A campainha tocou, enquanto ela estava lendo *Chronicle* on-line. Ela desceu os dois lances de escadas, o estômago em nós, e abriu a porta.

"Oi. Eu sou TJ. Já viu um desses?" A ruiva, curto rechonchuda levantou um cartão de crédito preto.

Sara piscou, surpresa. Em seguida, ela engasgou.

TJ sorriu. "Este é um Amex¹⁵ preto é de Nick Wargman. Já ouviu falar de um lugar chamado Galleria?"

Ela balançou a cabeça, muda.

"Bom. As vendedoras irão tratá-la como lixo, porque você está de calça jeans e tênis e uma camiseta irregular e bonita como uma princesa das fadas. Vou na onda com este cartão, como uma varinha mágica e remos começar a beijar sua bunda. Isso vai ser divertido. Estou

avisando, no entanto, alguns deles vão assumir que você está fodendo Nick. Obtenha sua bolsa. Oh, você bebe?"

"Hum, sim."

"Graças à Deus. Eu preciso de uma marguerita."

CAPÍTULO SEIS

O bando tinha vários hectares do outro lado de Katy, cerca de uma hora e meia de Houston. O falecido pai de Nick Wargman e sem ser lamentado, o Alpha anterior, havia comprado-o de volta na década de sessenta. Ele tinha uma casa grande onde o bando tinha reuniões formais e encontros familiares durante todo o ano, e várias casas de campo menores, com camas e banheiros.

Depois de uma cansativa, corrida de quatro horas emocionante, Bryan se sentia melhor do que tinha em dois meses. Ele até se senti um pouco menos estressado sobre Sara. Ela não era o tipo pegajosa, não parecia estar medindo as cortinas ou qualquer coisa. Ele ainda queria vê-la e tocá-la, e saboreá-la e depois do beijo, esta manhã, pensou que ela sentia o mesmo. Talvez eles pudessem redefinir a relação com algo mais do que casual, mas menos do que comprometida e ver o que acontecia de lá.

Assim que ele tomou banho e se trocou, ele a chamou. Seu telefone foi direto para o correio de voz. Ele deixou uma mensagem, sentindo-se um pouco tolo, não havia razão para ficar de olho nela.

Ele a chamou novamente, quando chegou em Houston, e depois uma terceira vez quando estava correndo ao redor da cidade. Pela quarta vez ele não conseguiu alcançá-la, bateu *fin* antes do correio de voz. Chutou dentro. Onde diabos ela estava? TJ Turner poderia facilmente fazer comprar por seis horas, mas Sara não parecia o tipo.

Ele chegou em casa ao descobrir que um shopping center havia jogado em sua sala de estar. A julgar pelos nomes nos sacos e caixas derramando fora do sofá, ele adivinhou que foram ao Galleria. Ainda nenhum sinal de Sara, no entanto.

"Santo merda, meu anjo." Ele murmurou. "Você deixou alguma coisa na Tupperware?"

Na hora, seu celular tocou.

"TJ?"

"Não, sou eu!" Sara parecia muito feliz. Então, tinha um monte de pessoas em segundo plano.

"Você está em Cowgirls?"

"Sim. Como você sabe?"

"Porque vou muito lá. Eu acho que TJ está com você?"

"Sim. Nós deixamos a pilha em seu lugar e então viemos aqui. Esse lugar é inacreditável! Um dos gerentes disse que está contratando, e ele acha que eu iria encaixar grande!"

Todos os bartenders na Cowgirls e Lobisomens eram lobisomens jovens quentes, e todas as garçonetes eram jovens quentes do sexo feminino. Traziam rapazes, ambos os lobos e os homens, enquanto os lobisomens traziam as fêmeas. Bryan estava estranhamente apático sobre a ideia de Sara ser atropelada em todos os tempos.

"Eu venho tentando chamá-la todo o dia. Você não tem o seu telefone com você?"

"Sim, mas está descarregado. O pedaço de lixo não pode reter a carga." Ela ficou em silêncio por um minuto. "Então... você quer se juntar a nós?"

"Claro. Eu tenho que parar em algum lugar primeiro. Vemo-nos daqui a pouco."

"Ele diz que tem que fazer uma parada e depois vai estar aqui em cima."

"Claro que ele vai." Disse TJ. "Ele não vai deixá-la sozinha em um bar cheio de homens e lobisomens. O quê? Qual é o problema?"

Sara encolheu os ombros, envergonhada de ser tão transparente. "Eu não acho que Bryan vai ter ciúmes de caras pendurados em volta de mim."

"Por que não?"

"Bem, não é como se estivéssemos realmente namorando."

"Você não está?"

"Não. Quero dizer, você sabe por que ele me convidou para sair em primeiro lugar, não é?"

TJ concordou com a cabeça, completamente séria agora. "Sim. Mas isso não significa que ele não tem sentimentos reais por você. Ele trouxe de volta aqui e você vai ficar em sua casa."

Sara acenou com a mão. "Sim, mas, isso é porque ele é um cara bom."

TJ assentiu. "Sim, ele é. Ele é um cara muito bom." Ela se inclinou à frente e olhou atentamente para Sara. "Você sabe, aqueles idiotas quase pegaram a minha melhor amiga. Eles conseguiram uma amiga dela. O que B fez foi importante. Eu sei que a chocou descobrir quem ele realmente é, mas se eles acabam estourando esse bando, e merece muito do crédito. E ele não tinha que trazê-la para casa com ele. Ele poderia ter acabado de fazer-lhe mais para os policiais em Dallas."

Ela não tinha resposta para isso. Sentindo-se vagamente envergonhada, mas não sabendo por que, ela cobriu o desconforto, tomando um gole grande de marguerita e olhando ao redor do Cowgirls.

Parecia um honky-tonk¹⁶ em esteróides, com um alpendre de madeira enorme no primeiro andar e uma envolvente cobertura de madeira sobre o segundo. Ela e TJ estavam no convés do segundo andar. Dois lados do primeiro andar tinham portas rolando de metal em vez de paredes. Havia duas barras de baixo, uma para cima.

Uma escada no meio do primeiro andar funcionava até o meio do segundo andar. TVs sobrecarregavam tocando de todos os cantos, e no segundo andar estavam às mesas de bilhar, máquinas de pinball e uma pequena pista de dança. Luzes brilhantes de Natal foram amarradas em todo o lugar, brilhando no escuro fulgor do início de outubro.

"Então, como foi sua primeira vez na igreja?" TJ perguntou.

"Igreja?" Sara respondeu, surpresa.

"Sim. Nordstrom é o meu lar espiritual. Veja, Burberry e Juicy Couture e Betsey Johnson... esses são como o Vaticano, ou a Abadia de Westminster. Esmagadora, e muito cara para visitar muitas vezes. Mas Nordstrom é como regulares da igreja. Você pode assistir semanalmente, se quiser."

"Verdade? Você acha que esses preços são normais?"

TJ inclinou a cabeça. "Sim..."

¹⁶ Um bar, alto turbulento que toca música 'honky tonk'. Normalmente cheia de caipiras bêbados tendo um tempo bom.

"Eu paguei 158 dólares por um vestido! Eu nunca paguei tanto por uma roupa na minha vida!"

"Isto é Houston, amiga. Você tem oportunidades que não têm em Luxor. E, além disso, Nick paga por tudo isso. E eu não posso te *dizer* o quanto eu gostei de empurrar o Amex nos rostos daquele povo, depois que eles tiveram um olhar para você. Deus, que foi muito divertido." Ela esticou e bocejou. "Eu vou te levar de volta lá em breve e podemos bater Ann Taylor no intervalo. Eles não são caros. Nós simplesmente não tivemos tempo suficiente lá hoje."

"Nós compramos durante quatro horas sólidas! Meus pés sentem como puxando o dobro!"

TJ acenou com a mão. "Você é uma amadora. Eu sou uma profissional e quatro horas naquele lugar não é nada. Confie em mim. Vamos transformá-la em uma Houstoniana real, e real Houstonianos gostam de fazer compras." Fez uma pausa. "E dirigir. E beber margueritas e comer comida mexicana e vadiar sobre o tempo. Eu amo esta cidade."

"Então você é um nativo?"

TJ sorriu e revirou os olhos. "Claro que não. Não vim aqui até a faculdade, eu fui para o U de H. Eu sou de Silsbee. Já ouviu falar dela?"

Sara concordou. "É muito maior do que Luxor."

"Você ainda pode caber a população dentro de Reliant Stadium oito ou nove vezes." Ela olhou por cima sugando de sua marguerita, uma pergunta em seu rosto.

"Você esteve fora de Luxor antes?"

Sara encolheu os ombros, sentindo-se muito rata de cidade. "Bem, sim, mas apenas para outras pequenas cidades. Eu nunca nem cheguei a Dallas. Quer dizer, eu queria, mas não era algo que as pessoas faziam."

TJ mastigou seu canudo, pensativa. "Hã? Estranho. Veja, eu cresci em Silsbee, e quando eu era adolescente, tudo o que qualquer um de nós sempre quis foi sair. A primeira coisa que você fez, logo que você teve a sua licença, foi dirigir para Houston."

"Sim, mas Silsbee é cheio de apocalípticos?"

"Ah! Não, graças a Deus. Essa é a diferença. Eu acho que é como viver em uma bolha, não é?"

"Eu sempre pensei nisso como uma bola de neve. Quando correu para a parede de vidro tínhamos que virar e voltar."

TJ inclinou a cabeça com um pequeno sorriso. "Eu gosto disso. Muito poético." Ela abriu um sorriso em algo sobre os ombros de Sara. "Ei, caras." Ela chamou. "Que houve? Vocês vão jogar um jogo hoje?"

Um grande nó de '*grandes*' caras tinham emergido da escada. Eles seguiram para a mesa, logo que viram TJ. Um cara desajeitado levando três jarros de cerveja em cada mão bateu-os em cima da mesa, enquanto os outros rapazes agarravam cadeiras. Em poucos segundos elas foram cercadas por homens da sua idade, mais do que viviam dentro de uma centena de quilômetros de Luxor.

Cowgirls estava pulando, o que era normal para um bonito domingo à tarde. O bar atraía lobisomens, é claro, e os machos humanos também. Não muitas cowgirls, uma vez que estava no meio de uma cidade enorme, mas mulheres de todas as outras descrições. Os veículos no estacionamento variavam de costume, motocicletas para caminhonetes e carros de luxo esportivos e tudo mais. A única queixa de Bryan sobre o lugar era do jeito que plugava em seu nariz entre os aromas do Memorial Park, a duas quadras para o oeste, e os gases de escape soprando da I-10, ao norte, e o álcool, cigarros e suor, ele não podia sentir o cheiro uma coisa maldita. Isto não fez muito para a sua audição, também.

Quando chegou ao bar de baixo, ele viu Taran Lloyd, um detetive com a Unidade de Investigações HPD Shifter.

"Ei, bom vê-lo, lobo." Disse Taran com um tapa nas costas de Bryan. "E grande trabalho em Luxor. O que você vai beber?"

"Shiner seria bom. Muito obrigado."

Taran fez o pedido e apoiou o cotovelo na barra. "Então, você pegou dois bandidos e resgatou a donzela."

"Sim."

"Parabéns por trazê-los para baixo vivos." Taran tinha matado dois dos idiotas de Kuba no último inverno, quando eles tentaram atacar a sua companheira. Ele também estava em uma força-tarefa interagências investigando a quadrilha.

"Obrigado, Ouça. Tem o Federais dito algo sobre Sara? Ela está mesmo em seu radar?" Ele assumiu que Nick tinha enchido Taran em tudo.

Taran encolheu os ombros. "É claro que ela está. Eles querem falar com você, e se perguntam por que você se foi, antes que eles aparecessem."

"Merda!"

"Teria sido melhor se você abandonasse o seu carro antes de terem deixado, mas acho que não houve tempo."

"Não, não havia."

O barman deslizou suas cervejas.

"Você sabe..." Disse Taran depois que tomou um gole. "... que estaria muito interessado em sua memória. Tenho certeza que eles estariam dispostos a ignorar qualquer envolvimento que ela teve no negócio da família, se ela tivesse informações para oferecer."

"Eu não sei se tem, mas vou perguntar a ela. Eu me encontrarei com ela aqui."

Taran assentiu. "Eu sei. TJ chamou Lark para vir para cima." Ele tomou outro gole de cerveja e deu uma olhada a Bryan, muito astuto. "Ouvi dizer que ela é quente."

"Quem é quente?" Disse uma voz feminina. Bryan virou-se para ver a companheira de Taran – sua noiva Lark Manning.

"A nova namorada de Bryan. Oi, minha querida." Quando Lark o abraçou, Taran lhe deu um sorriso que Bryan nunca tinha visto, ou imaginado que já viu, no rosto normalmente sisudo do lobo.

"Sara não é minha namorada." Ele murmurou em sua cerveja.

Lark torceu sua boca e disse: "Bem, vamos conhecê-la. TJ disse que elas estão lá em cima."

Quando eles surgiram no meio do segundo andar, Bryan examinou a multidão, procurando Sara. Lark deu uma cotovelada nas costelas dele e apontou para uma mesa no deck externo.

"Boa coisa ela não ser sua namorada. Porque isso é um monte de caras lá."

Um cara com cabelo preto desgrenhado e um sorriso conhecido arrastou sua cadeira ao lado de TJ.

"Oi, James." A ruiva parecia um tanto entediada e divertida.

"TJ, você já pensou mais sobre o que eu disse?"

"Não, James."

Com um suspiro pesado, ele pegou sua cadeira e caminhou ao lado de Sara da mesa, em cunha entre ela e o hulk que havia terminado os jarros.

"Oi. Sou James. Você é linda. Qual é seu nome?"

Ela não podia deixar de entregar o seu sorriso. "Sara."

"Sara, você é Fae, não é?"

"Sim, em parte." Foi tão *estranho* dizer isso em voz alta como isso. "Por quê?" Ela deu a TJ um olhar *quem é este cara*, mas seu novo amigo só revirou os olhos e continuou falando com um cara grande com a cabeça raspada.

"Sabe, Sara, sou mais aberto do que um monte de lobos."

Ela começou com surpresa. "Você é um lobisomem?"

Seu olhar malicioso bobo a fez rir. "Eu sou. Você tem medo de lobisomens, menina?"

"Não, mas eu só conheci um até agora."

"Bem, você precisa conhecer mais."

"Afastese." Disse TJ. "Ela é nova na cidade."

James inclinou-se sobre a mesa, bloqueando a sua visão de TJ. "De qualquer forma..." Ele disse em voz alta. "... como eu estava dizendo, eu sou a mente mais aberta do que um monte de lobos. Lotes de lobos têm medo de encontro com mulheres Fae."

"Por quê?"

"Porque vocês são loucas." Ele riu para ela novamente. "Mas, veja, eu como um louco. Eu não quero, mas não posso ajudá-la. Se há uma centena de mulheres em um bar, e apenas uma em vez da chave do carro do namorado e realizou seu cão refém, porque ela achava que ele a estava traindo, isso é o que eu vou acabar como ele."

"Mas eu não sou louca."

Ele ergueu as sobrancelhas em uma expressão exagerada de surpresa. "Hã?"

"Não, realmente. Sou parte Fae, mas eu não sou louca."

"Maldição. Eu poderia te amar. Você tem um talento?"

Ela prendeu a respiração e piscou. Isto era ainda mais estranho, do que ter alguém perguntando se ela era Fae. Depois de uma vida inteira escondendo seu talento, agora ela estava falando como se fosse normal.

"Bem, não tem?"

"Hum, sim. É... é a minha memória."

"A sua memória?"

"Sim. Eu tenho memória eidética¹⁷ – Total retorno."

Ele fez uma careta. "Ooh! Sara, que não é uma grande característica de uma namorada."

"Ela não é um carro idiota." TJ interveio.

James ignorou. "Como é que garotas Fae nunca tem a capacidade de curvar como Gumby¹⁸, ou chupar uma bola de tênis através de um canudo? Algo útil, sabe?"

Ela quase sugou uma marguerita no nariz quando começou a rir.

"Não, realmente." Continuou ele, toda a sinceridade de olhos arregalados. "Quero dizer, se a evolução tivesse sido mais na bola, ela já teria sido..."

"Tudo bem, você terminou aqui." Uma grande mão pegou James pelas costas de sua camiseta e arrastou-o aos seus pés.

Ela olhou para quem a mão pertencia, a Bryan, e não estava sorrindo. Na verdade, ele parecia um pouco assustador. James, aparentemente, também pensava assim, porque colocou as mãos em um gesto apaziguador. "Oh, hey, Bryan. Não vi você lá, mano."

¹⁷ É a chamada memória fotográfica.



¹⁸

"Vamos em frente, *mano*. O resto de vocês também." Todos os outros caras se levantaram e começaram a recolher os jarros e taças.

"Ele não estava me incomodando." Sara protestou. "Eles estavam apenas conversando com a gente!"

"Bem, eles terminaram por agora. Tchau-Tchau." Ele desajeitou um par de rapazes em suas cabeças quando eles se embaralharam fora.

TJ estava rindo. James era demasiado. Ele curvou-se e soprou-lhe um beijo. "Está tudo bem, Sara. O careca grande não pode ajudá-la." Ele dançou fora do alcance de Bryan e se juntou seus amigos do outro lado da sala.

"Por que você fez isso?"

Ele estabeleceu um pequeno saco em cima da mesa, puxou a cadeira para perto dela, e caiu para baixo. "Porque eles são lunáticos."

Um rapaz e uma garota tinham aparecido com ele. Tinha que ser a melhor amiga da TJ, Lark, e seu noivo, Taran. Ele era alto e bonito, com cabelos dourados e uma cicatriz em seu rosto. Ela tinha cabelos castanhos e pernas que Sara teria matado. Lark sorriu para Sara, enquanto o cara disse: "Eles não são loucos. Eles são jogadores de rugby."

"Mesma coisa." Reclamou Bryan. "Cabeçadas demais. E James é um beta – boca espertinho. Betas espertinhos dão a merda fora de mim."

"Então, todos esses caras são lobisomens?"

"Nem todos eles." Disse Lark. "O cara grande com a cabeça raspada é humano. Então há outros."

"E eles jogam rugby com lobisomens?"

"Sim." Disse Bryan. "Porque eles são lunáticos."

"Eu gosto de jogadores de rugby." TJ disse com um suspiro. "Eles têm grandes corpos e eles gostam de ficar nus."

"Eles gostam? Como, no jogo?" Sara perguntou.

"Oh, Sim. No jogo, na huddle¹⁹."

"O scrum." Lark corrigiu. "No rugby, um huddle é chamado de scrum."

"O que você sabe sobre o rugby?" Taran perguntou, mas Lark apenas sorriu e tomou um gole de cerveja como uma lady.

"Terminamos nos jogadores de rugby agora, pessoal." Bryan sorriu e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. "Oi, anjo. Como você está?"

"Estou bem. Todas as compras me desgastaram para fora."

"Eu não me surpreendo. Você tem algum dinheiro sobrando?"

"Não foi o meu dinheiro!" Ele amava como seus olhos ficavam tão grandes e redondos quando algo a surpreendia ou a impressionava. "Nick Wargman pagou por tudo!"

"O quê?"

"Eu disse a TJ que não me sentia bem em deixá-lo fazer isso, mas ela disse..."

"Eu disse: 'cale a boca e faça compras'."

"Isso é o que ela sempre diz." Disse Lark.

"Desculpe?" O cara tinha uma voz nova, linda de profundidade. "Sara, eu não acho que eles vão nos apresentar, então oi. Sou Taran, e esta é Lark."

"Oi. TJ estava me contando tudo sobre vocês." Ela olhou para Lark. "E ela me contou sobre seu encontro com os lobos."

Lark assentiu. "Você e eu somos realmente sortudas."

Os três apertaram as mãos.

"Nick financiou uma viagem de compras para você e TJ?" Taran perguntou.

TJ fez um som *phfft*. "Para mim? Não. Para ela, sim. Um *bem-vindo ao Houston*, desculpe *você ter sido atacada por lobisomens maus*, talvez *você possa ajudar o FBI com este presente a coisa toda*. Não é como se ele não pudesse pagar, e, além disso, ela não gastou muito."

"Há dezenas de sacos na minha casa!"

"Bem, sim, ela tem um monte de roupas, mas não comprou as coisas realmente boas."

¹⁹ No esporte, um huddle ou conferência é quando uma equipe se reúne junto, geralmente em um círculo apertado, para formular estratégias...

Sara fez uma careta. "Eu não posso pagar 300 dólares por um casaco. Não consigo mais."

"Ela fica bem em Burberry." TJ disse com tristeza para Lark.

"Ooh." Murmurou Lark.

Bryan revirou os olhos. "Basta com as coisas de garotas. Aqui, eu tenho algo que você realmente precisa."

"O que é isso?"

"Abra-o e descubra."

Assim ela fez. "Oh meu Deus. Isto é incrível!"

"É um smartphone."

Ela bateu seu braço. "Dãã! Eu não tenho vivido em uma caverna. Eu sei o que eles são. Eu simplesmente nunca fui capaz de justificar a despesa." Seus telefones celulares tinham sido sempre os mais baratos modelos, não era como se tivesse muitas pessoas para ligar, não importa as mensagens de texto ou ficar na internet.

"Você não precisa justificar isso. É um presente. Eu a adicionei ao meu plano."

"Eu tenho que, pelo menos, pagar a conta mensal!"

"Podemos falar sobre isso mais tarde. Você realmente gostou, hã?"

"Eu amei isto. Eu tenho que enviar um email para alguém. TJ, qual é seu endereço? Oh, isso é tão *legal*!"

Ela deve ter guinchado um pouco alto demais, porque ele e Taran tanto se encolheram um pouco, mas ele não pareceu se importar quando ela jogou os braços em volta do pescoço.

Ele virou a cabeça quando beijou sua bochecha. Sua boca encontrou a dela. A sua estava aberta, e embora ela normalmente não desse beijo francês em caras no meio de um bar, parecia à coisa mais natural do mundo, os lábios acolherem a sua língua.

Um morno, sentimento, hesitante, feliz jorrou através dela, todo o caminho até os dedos dos pés. Ela meio que afundou nele. Uma parte dela estava estarrecida com isso, muito exibição pública. Era a parte de que ela tinha intenção de deixar para trás em Luxor, para que ignorasse e entregasse à intoxicação de seu beijo. Sua língua estava fria da cerveja que tinha bebido, e ela amou o gosto dele.

Sua mão estava quente e pesada no joelho. Enquanto corria em sua coxa, seu polegar traçando a costura interna cada vez mais alta, os dedos esbarraram um dos rasgos na calça jeans nova. Ela começou a rir, e depois de uma mordidela suave em seu lábio inferior, ele quebrou o beijo.

Eles olharam um para o outro um minuto, o seu olhar fechado em sua boca. Ela não podia olhar em seus olhos, mas poderia pegar sua expressão em sua visão periférica, e ela sabia que seu olhar estava com fome. Um nó quente de excitação estava se formando em seu estômago. Quando ele começou a desenhar a mão, ela surpreendeu-se ao agarrar, segurando-a contra a sua coxa. As sobrancelhas subiram e seu sorriso ficou mais largo.

"Tudo bem, então." TJ balbuciou. "Ei! Podemos obter uma verificação por aqui? Como, agora?"

CAPÍTULO SETE

Seu corpo era fios elétricos, provocando em todos os lugares que ela tocava nele. Seu peito, com os braços em volta dele, de costas, com o comprimento de seu corpo pressionado contra ela, suas coxas, embalada entre as dela, tudo chiava na noite de Houston quente e úmido como zunindo em direção a casa. Sua mente evocava imagens docemente torturantes de suas mãos movendo-se sobre seu estômago e deslizando entre as pernas para pegar seu pênis, agora duro como uma pedra e apertava contra as suas calças de brim.

Chupar o cara no meio da Cowgirls era uma coisa. Sara não parecia o tipo para dar boquete em uma rodovia. Além disso, havia um modo de conduzir uma motocicleta.

Subindo as escadas para o segundo andar de seu apartamento, onde a cozinha e sala de estavam localizadas, ela tropeçou um pouco. Ele correu para pegá-la, e riu quando a puxou para trás e enterrou o rosto em seu cabelo.

"Você é rápido." Ela murmurou.

"Humm. Eu sou um lobisomem." A nuca provou terna e doce, seu estômago tenso e quente através da suavidade de sua fina camisa de algodão.

Ela torceu e flexionou em seus braços, enquanto seus dedos arrastaram dentro da cintura da calça jeans azul. Ele cuidadosamente virou para encará-la.

"Coloque seus braços ao redor do meu pescoço e levante seus pés."

"Ok, mas por...? *Whee!*"

Com um braço firmemente ao redor de sua cintura, ele foi acelerando como lobo para as escadas e arrastando-a da ilha no meio da cozinha, enquanto ela ofegava e ria.

Ele arrastou seus dedos através da massa de cabelo vermelho e sedosos, puxando-o para trás de seu rosto, para que ele pudesse olhar para ela, e ela parou de rir.

"Eu não posso jamais te olhar nos olhos, posso?" Ela perguntou em voz baixa.

"Não."

"Porque você é um Alpha e eu não sou sua companheira."

"Certo. Isso te incomoda?"

"Eu não sei." Seus olhos estavam cabisbaixos, com as mãos sem parar acariciando seus braços. "É... é muito incomum para um lobisomem encontrar um companheiro, certo?"

"Certo. Extremamente. Como, lobisomens nunca fazem."

Eles não precisavam ter essa conversa agora. Enganchando os polegares no cinturão de alças na parte de trás da calça jeans, a puxou com força contra ele e ouviu a respiração capturada em sua garganta, quando ele apertou as pernas ao redor da cintura. Ele arrastou as mãos lentamente sobre o jeans, suave usado no topo de suas pernas, até os polegares encontrarem na junção quente das coxas. Ela fechou os olhos e respirou profundamente, instável, as mãos apertando em seu rosto. Acompanhando de perto a sua expressão, ele empurrou gentilmente contra a emenda de sua virilha e foi recompensado com um suspiro suave. Seus olhos se abriram.

"Bryan, Eu..."

Antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, ele tomou sua boca, sua língua mergulhando no doce, suave recesso, e ela apertou sua mão com força entre as pernas e flexionou contra ele. Ele estendeu a mão para executar um polegar em seu mamilo. Ela o recompensou com o doce suspiro. Suas mãos agarraram em seu bíceps, como se para o apoio e sua boca tremia contra o dele.

Ele estava tão duro que não podia suportá-lo, seus quadris moveram-se contra ela com uma vontade própria, e se sentiu como um adolescente transando ali impotente contra a ilha, mas não queria se mover, não queria quebrar o contato tempo suficiente para buscá-la e levá-la para seu quarto. Se tivesse conhecido em Luxor quão boa ela saboreava, como doce e quente e macia ela se sentia, quando lentamente se desfez em suas mãos, ele nunca a teria convidado para sair em primeiro lugar.

Tanto quanto gostava dela, tanto quanto admirava seu caráter e respeitada a sua força, apreciava sua inteligência e desfrutava de sua companhia, se ele simplesmente tivesse o bom senso para não tocá-la pela primeira vez, dois meses há muito tempo, ele poderia ter saído bem. Mas agora? Agora que sua cabeça estava nadando com seu cheiro e seu gosto e seu maciez, derretendo em seu corpo forte, agora que suas mãos estavam emaranhadas em seus

cabelos, como a sua boca ficou louca com a sua, consumindo seus beijos e devolvendo-os com tanto calor, assim como muita necessidade?

"Eu queria fazer isso há muito tempo." Ele murmurou contra seu pescoço antes de arrastar sua língua até o vale entre seus seios. Ela empurrou o tempo suficiente para tirar a camisa e lançá-la de lado. Então, endireitou-se e colocou as mãos atrás das costas, empurrando seus peitos perfeitos para ele com um sorriso malicioso.

"Bem, não é tão bonito." Ele murmurou, estendendo sua caixa torácica com as mãos e arrastando os polegares em seus mamilos, duros e rosa e perfeitamente visível através do laço puro verde. "Eu gosto das rosas pequenas. E mordidas."

"Obrigada." Ela ronronou. "Eu queria fazer isso também. Sexta à noite, como uma questão de fato."

"Uh-huh." Encantada com o deslizamento, da lingerie rendada, ele já tinha esquecido o que disse. Ele passou a língua apenas sob as bordas rosa recortadas da parte superior do sutiã, empurrando para baixo as alças de seus ombros, para dar a sua boca livre acesso à carne, macia. O sutiã era papel de embrulho bonito, mas não poderia abrir o presente ainda.

Não até que ele soubesse...

"Sara, escuta, eu preciso ter certeza. Você está bêbada? Quero dizer, você teve muita bebida que você não possa...?"

Seu sorriso perverso foi o suficiente para fazer um lobo esquecer sua honra. "O quê? Que eu não possa fazer isso?"

"Não! Não... Espertinha." Ele beliscou sua bunda e ela gritou. "Quer dizer, eu não quero tirar vantagem de você. Certo, sim, eu quero tirar vantagem de você... duro, mas não se você está muito bêbada."

Ela trancou seus tornozelos atrás das costas e pôs-lhe a testa contra a dele. Muito lentamente, com apenas uma pequena risadinha embriagada, ela sussurrou: "Eu por este meio dou-lhe permissão para se aproveitar de mim. Assinado, Sara Mae Hedges."

"Parece consensual para mim. Vamos."

Erguendo-a para fora da ilha, levou-a para fora da cozinha. Ela foi desenganchando seu sutiã, e estava decidindo que só poderia fazê-lo na escada, quando o bolso do seu jeans esquerdo começou a vibrar e uma voz mecânica entoou: *'Nick.Wargman. Chamada.'*

Por que não deixou o seu telefone maldito em seu alforje?

Sara congelou em seus braços. Ele parou no pé da escada, ofegante e amaldiçoando.

'Nick.Wargman. Chamada. Nick. Wargman. Chamada.'

"Você tem que?"

"Porra! Sim, sim eu tenho. Ele é meu... Ele é Nick. Eu tenho que responder."

Ela respirou esfarrapada, e ele estava surpreso com a expressão em seu rosto. Parecia que ia chorar.

"Sara, anjo, é..."

"Está tudo bem. Eu entendo. Você precisa. Você precisa me colocar para baixo."

Ele a colocou suavemente sobre seus pés. "Espere um segundo. Isto não vai demorar muito."

"Não." Ela respirou fundo outra vez. "Não, está tudo bem. Eu vou tomar um banho."

Ela correu em volta dele, pegou o sutiã, e fugiu pelas escadas, antes que pudesse pensar em algo mais a dizer.

"Anjo."

Tudo o que conseguiu foi em resposta ao som de uma porta se fechando.

Suave, Keeton. Realmente suave. Quando ele tinha se transformado em um tal imbecil?

Ele puxou seu telefone ainda entoando do bolso. "Merda!"

"Como é que é?"

"Oh. Desculpe, Nick. Não percebeu que eu atendi falando."

Nick Wargman riu. "Estou incomodando?"

Lobos inteligentes não contam aos seus Alphas que estavam muito ocupados para falar. Lobos inteligentes permitem telefonemas vão para o correio de voz e se desculпам depois.

Mas sua cabecinha ainda estava desenhando todo o sangue longe de sua grande cabeça, deixando seu cérebro oxigenado, então ele respondeu: "Sim, realmente você está. Ou estava."

Houve um silêncio chocado do outro lado do telefone. Nick então sugou em sua respiração e disse: "Oh! Ah, merda! Ah, inferno, B, me desculpe. Você quer me chamar de volta mais tarde esta noite?"

Bryan suspirou. "Não. Não, está tudo certo. A culpa é minha."

"Você deveria ter deixado a chamada ir ao correio de voz, lobo."

Ele suspirou de novo. "Eu sei. O que você precisa, Nick?"

"Eu quero ver você na parte da manhã. Você e Sara. Digo 10h30?"

"Certamente. Claro, isso é legal. Nós vamos estar lá." *Ela não poderia estar falando comigo, mas eu tenho certeza que ela ficará feliz de andar junto.*

"Bom. Tudo certo. Vejo pela manhã. Agora vá buscá-la."

Assim o fez.

Ela teve a estúpida vontade de chorar. Toda a excitação sexual que haviam construído toda a energia que esperava ser liberada, e então *bam!* Um minuto ele não podia esperar para tê-la, o seguinte, ele foi largando-a para um telefonema. Certeza, que era Nick Wargman, mas não tinha Bryan já ouvido falar de correio de voz?

De volta a frustração física foi à dor emocional, e ela não sabia o que fazer com qualquer um. Não era sua namorada, não fazia parte de sua vida real. Então, quando alguém da sua vida real precisava dele, é claro que empurraria de lado para atendê-los.

Ela deixou sua mente ficar em branco, bloqueando tudo, além da água quente, desejando que lavasse a raiva e constrangimento e mágoa. Talvez por isso ela não ouviu Bryan abrir a cortina do chuveiro e entrar.

Ou talvez fosse apenas que os lobisomens pudessem se mover tão rapidamente e em silêncio.

Seja qual for à razão, não sabia que ele se juntou até que colocou as mãos em seus ombros. Ela pulou, mas não gritou ou virou.

Ele inclinou a cabeça para seu ouvido e disse em voz baixa e baixa que causou arrepios involuntários correndo por ela. "Sinto muito. Eu juro que eu não era um idiota, até que a conheci. Estar em torno de você me torna um marinheiro de primeira viagem, desajeitado idiota. Se você quer que eu saia, diga isso agora. Mas se você me deixar ficar, eu prometo que eu posso fazer melhor."

Ele esperou um par de batidas. Quando ela não disse nada, chegou ao lado dela para pegar o shampoo. Depois, ela sentiu os dedos trabalhando em seu couro cabeludo. Ela fechou os olhos e gemia com o prazer de dedos massageando o couro cabeludo e pescoço.

Então, ele pegou o sabonete e começou a lavá-la, suavemente e metodicamente.

Ela sentiu seu pau endurecer atrás dela, pressionando em sua parte inferior das costas, enquanto suas mãos grandes moviam-se sobre seus ombros. Quando ele se inclinou para executar a barra de sabão sobre seu bumbum e pernas, ele escovou um beijo em cada bochecha, e ela realmente deu uma risadinha.

Enquanto corria o sabão em seu estômago, ela ofegou e arqueou contra ele. Ele fez uma pausa. Ela inclinou a cabeça no peito dele e fechou os olhos, então guiou seu braço para cima. Ela gemeu de novo quando uma mão percorreu sobre os seios, delicadamente circulando, ajustando e provocando, ao mesmo tempo o outro varreu o sabão em toda a sua pele. Solavancos de fogo trabalharam em cada mamilo direto para seu núcleo, deixando-a se contorcendo e arfando. A água despejada sobre ela enquanto a umidade jorrava entre as pernas.

Ele a havia excitado antes. Ela sabia que gostava de seus beijos, sua carne se lembrou da sua carne, o calor e a força de suas mãos e duros, planos lisos de seu corpo elegante. Um par de dias atrás, ela desejava entregar-se até a sua inteligente, dedos calejados, para deixar a sua língua passear todos os lugares que queria ir, para tratar suas próprias mãos e sua língua própria para a pele quente e inflexível, ansiava desde o dia em que ele esperou 45 minutos, só para estar sentado em sua seção e pedir uma xícara de café.

Talvez TJ estivesse certa. Talvez ele realmente a quisesse. Não era como se não tivesse opções. Um homem-lobisomem como Bryan Keeton parecia sempre ter opções.

"Sara?"

Seu sussurro rouco no ouvido dela perturbou seu devaneio, mas não abriu os olhos.

"Sara, você quer?"

Ela guiou a mão mais baixo, partindo das pernas e gemeu quando ele deixou cair o sabão e pegou em concha seu monte, descansando a mão lá. Seu calor derramou por ela, enfraquecendo seus joelhos. As pernas ameaçaram deformadas, então estendeu as mãos para se apoiar contra a parede. Sua boca estava em seu pescoço agora, a língua lambendo e rodando, enquanto murmurava palavras que ela não conseguia entender e não precisava. Ela mal podia respirar quando começou a mover contra a palma da mão e seus dedos começaram a girar em torno de seu clitóris dolorido.

"Mais lento." Ela murmurou, guiando sua mão. "É isso aí... Sim. Aí... Oh, isso é bom, isso é perfeito..."

Ela sentiu-lhe o sorriso em seu ombro. "Eu gosto de uma garota que me diz o que ela quer." Ele sussurrou.

Um tipo de energia sonolenta escoou para substituir a exaustão tensa, o corpo estressado sentiu lançamento em um futuro próximo.

Inclinando para frente a cintura, apertou os seios para o azulejo, as pernas sobre a torneira e abriu-lhe. Ela ficou tão encantada com a mão trabalhando a sua magia entre suas dobras, engasgou quando a outra mão mergulhou entre as pernas atrás, dois dedos longos, de repente se movendo dentro dela.

Ela gritou com um lamento de necessidade, inquieto. "Não pare. Bryan, por favor, não pare."

"Nunca. Isso é bom... mova-se para mim, como isso... porra, que doce. Você se sente tão bem. Segurá-la, apertado, como... Sim, é isso."

"Mais forte!" Ela engasgou. "Por favor. Eu vou gozar... eu..."

"Eu sei. Eu quero ouvir você." Ele se inclinou para beliscar seu ombro, sugando a água escorrendo-a quando seus dedos mergulharam dentro e fora, mais rápido e mais rápido. Seus dedos acariciaram seu clitóris, até seus quadris estarem estocando em um frenesi. Prazer e necessidade urgente de fogo caíram através dela em ondas, uma em cima de outra, mais e mais, até que transbordasse e fosse abaixo, gritando seu nome.

Bryan transformou seu redor e ela agarrou os ombros de apoio, porque suas pernas não conseguiam segurá-la mais. Mas ele podia.

Com um grunhido, ele agarrou a bunda dela e pegou-a, pressionando suas costas contra a parede ao longo da banheira. Ela trancou as pernas atrás das costas, como tinha feito na cozinha, mas isto era melhor, muito melhor. Com um grito áspero ela se arqueou contra a parede, quando o pênis bateu nela.

Antes que ela tivesse tempo para recuperar o fôlego, ele começou a empurrar. Ele segurou-a para o alto, como se pesasse nada, e o ângulo era perfeito, comprimento rígido lhe bateu todo o caminho, duro e rápido e assim, tão profundo, que ela adorou. Ela adorava a maneira como a enchia, a forma como os dedos apertavam sua bunda e apertavam contra ele, os músculos rígidos de seus ombros e costas sob as unhas, sua boca quente sugando os seios, enquanto a água jorrava entre eles.

Ela pegou um punhado de cabelo na base do pescoço e puxou a cabeça para trás.

"Seus olhos." Ele ofegou, estavam brilhantes. Deus, você é linda."

Esmagou sua boca com a dela, dirigindo sua língua entre os dentes, sorrindo contra os lábios dele, enquanto gemia em sua boca. Ele estava batendo nela mais duro e mais rápido, como estava indo para empurrá-la através da parede, e ela rebojava contra ele, seu encontro a cada estocada tão duro quanto podia, cavando seus calcanhares em sua bunda para mantê-lo ainda mais apertado dentro dela.

Quando ele começou a tremer em seus braços, ela rasgou sua boca longe a sussurrou em seu ouvido: "Você está gozando?"

"Sim." Ele rosnou com uma voz mais baixa e mais dura do que já tinha ouvido falar dele, e ela estremeceu com a força e o calor do lobo dentro dela.

O conhecimento do que estava fazendo com ele a levou ao delírio exausto, e ela gritou, espantada ao descobrir que ia gozar de novo.

Ele culminou com um rugido áspero, um último impulso poderoso fixando-a à parede, e ela gemia com a própria liberação. Ele descansou a cabeça contra o ombro dela, ainda a segurando apertado. Ela cedeu contra ele, o cabelo molhado colado ao seu rosto, toda a energia foi naquele último instante.

Ele levantou a cabeça para olhá-la. Ela tentou abrir os olhos por todo o caminho e não podia fazê-lo bastante.

"Eu gostei disso." Ela murmurou.

"Eu também anjo." Ele esfregou sua garganta. "Mas eu acho que a tirei fora."

"Não. Eu poderia fazê-lo novamente."

Seu grito de riso despertou-a de seu estupor, tempo suficiente para ele ficar lá em seus pés. Ele saiu da banheira, e depois a levantou para fora.

"Venha aqui." Ele impulsionou-a para o balcão do banheiro e começou a secá-la, assim como ele tinha em Luxor.

"Está tudo bem." Ela protestou. "Eu posso fazê-lo..."

Bryan manteve a secagem, persistente entre as pernas, rindo baixinho quando ela lhe deu um tapa no ombro.

"Eu tenho que secar meu cabelo." Ela arrastou. "Parece terrível quando eu durmo com o cabelo molhado."

"Você não pode parecer terrível."

Ele esperou o tempo suficiente para que arrastasse um pente através de sua madeixas secas pela toalha, e então o deixou levá-la para seu quarto. Ela nunca dormiu nua, mas estava muito cansada e, agora que ele estava enganchando-a perto, muito aconchegante para se levantar e colocar algo sobre.

Ela bocejou enquanto ele pegava seu peito e colocou-a ainda mais perto de seu corpo. "O que é um marinheiro de primeira viagem?"

"O quê?"

"Um marinheiro de primeira viagem. Você disse que eu fiz você agir como um marinheiro de primeira viagem desajeitado."

Ele riu suavemente. "Termo Marine. Significa um novo recruta."

"Ah." Ela puxou o braço apertado nela toda.

"Então, nós estamos bem?" Ele murmurou em seu cabelo.

Ela bocejou. "Humm. Estamos bem."

"Bom." Ele largou um beijo no ombro dela.

Claro, ela não sabia *o que* eram. Agora, quente e seguro em seus braços e nas garras do arrebol, tudo parecia perfeito. Mas quando ela acordasse de manhã, todas as dúvidas e perguntas voltariam.

Eles ainda estavam namorando? Se ele tivesse vendo alguém antes de se mudar para Luxor? Será que realmente queria que ficasse com ele?

Ele estava se apaixonando por ela?

Estas foram perguntas que ela nunca teria chamado de volta em Luxor, porque ela nunca tinha planejado sair com ele por muito tempo. Agora, aqui estava caindo em amor ou era ela? Talvez fosse uma combinação de química sexual e gratidão por salvar sua vida.

E se ela estivesse louca? Espere um minuto. James disse que as mulheres Fae eram.

"Qual é o problema?" Bryan perguntou abruptamente.

"O quê?"

"Você gemeu. O que é isso?"

Ótimo. "Oh. Eu não... Eu não sei. Acho que era apenas para dormir."

"Desculpa."

"Não, está tudo bem." Ela cobriu sua mão com a dela e abraçou seu braço.

"Ah, eu me esqueci de te dizer. Nick quer nos ver na parte da manhã."

"Nick Wargman? O Alpha?"

"Sim. Seu escritório, 10h30."

Ela tentou abafar um bocejo e falhou. "Por quê?"

Pelas costas, ela sentiu-o encolher de ombros. "Interrogar-me, conhecê-la, descobrir onde estamos."

Que foi desesperador. "Certo. Estou supondo que vá almoçar com TJ de qualquer maneira."

"Oh. Bem, legal. Boa noite."

"Boa noite."

Um minuto depois, talvez menos: "Bryan?"

"Humm."

"Você acha que eu sou louca?"

"O quê?"

"Você acha que eu...?"

"Não! Claro que não. Por que eu iria pensar isso?"

"Bem, James disse que a maioria lobisomens têm medo de encontros com mulheres Fae, porque somos todas loucas."

Certo antes de adormecer, ela o ouviu murmurar: "Deus, eu odeio esse cara."

CAPÍTULO OITO

"Olá, você deve ser Sara." Disse a mulher mais velha e assustadoramente elegante por trás da recepção no chão do sexagésimo oitavo do Chase Tower²⁰.

"Sim, senhora, eu sou." A viagem de elevador tinha deixado um pouco trêmula. E que tinha sido um tempo, desde que ela tinha de acordar com uma ressaca de dois dias em uma fileira.

Acordar com Bryan na cama ao lado dela fez a ressaca muito mais fácil de suportar.

"Sara, esta é Nancy." Disse Bryan.

Elas apertaram as mãos.

"Ela passou o dia de ontem com o furacão da TJ." Explicou.

"Ah." Respondeu a interessante recepcionista de Wargman. "Você vai se acostumar com ela. Principalmente. Ela teve que executar uma ação coletiva, mas vai estar de volta daqui a um pouco. Vão para em dentro."

"Obrigado." Bryan colocou uma mão em suas costas e empurrou-a através das portas duplas em um escritório enorme.

Ela não queria fiar de boca aberta, então pegou na medida em que pudesse tão rapidamente quanto podia. Pisos de madeira amarelos. Estantes que cobriam a maioria das paredes, grandes pedaços de aparência estranha de arte cobrindo o resto. A mesa redonda de madeira com cadeiras em um canto, uma área de estar com mobiliário de couro e uma mesa de vidro em outro.

A parede em frente à ela, um caminho muito longo para longe, parecia ser feita inteiramente de vidro. Através dele ela pode ver muito da cidade e, aparentemente metade, de Houston. Em pé na frente da parede de vidro estava um homem... um lobisomem que conseguiu intimidá-la de todo o caminho até lá.



Mesmo se ela não soubesse que ele era um lobisomem, mesmo se não tivesse conhecido que lobisomens existiam, ela teria conhecido que o homem Nick Wargman não era normal.

Ela começou a andar para frente, mas ele pareceu sentir o medo dela e fez o seu caminho até ela.

Ele lhe deu um sorriso gentil. "Oi, Sara." Disse ele, tomando-lhe a mão. "Bryan, dê-nos 15 minutos."

Ela sentiu a mão de Bryan apertar seu pescoço. Ele largou um beijo na cabeça e saiu, deixando-a sozinha com o Alpha de Houston.

"Venha sentar-se. Oh, mas você gostaria de obter um melhor olhar pela janela em primeiro lugar?"

Ela balançou a cabeça, superando o sentimento de rato da cidade, novamente. "Eu nunca estive em um arranha céus antes."

Ele guiou-a através do escritório para a parede de vidro e foi sentar-se atrás da enorme mesa esculpida em madeira no canto mais distante.

De lá, ele sentou e observou, enquanto ela olhava pela janela, encantada. Após cerca de trinta segundos, ele limpou a garganta.

"Ah. Um... Desculpe. Isso é uma visão surpreendente. Você pode ver toda a cidade!"

"Pelo menos a parte sudoeste da mesma." Ele apontou para as cadeiras na frente de sua mesa. "Por que você não vem sentar-se." Foi formulada como uma pergunta, e proferiu com um sorriso fácil, encantador, mas *sentia* como uma ordem, e ela encontrou-se obedecendo.

Ela não conseguiu identificar nada de físico para explicar o ar de poder rolando fora dele. Ele parecia ter cerca de 1,83 metros de altura, talvez um pouco mais. Ele era mais enxuto, mais compacto do que Bryan. Não havia músculos sólidos sob a camisa branca engomada, mas nenhum músculos da Marinha que Bryan tinha. Não, Nick Wargman apenas exalava um ar de controle, que não tinha nada a ver com seu corpo e tudo a ver, segundo ela, com o que era equipado para ser um Alpha de bando.

Ele era bonito, mas nenhum Drop Dead Gorgeous²¹. Face longa, magra, com características fortes e, pensou, nos olhos verdes. Cabelo castanho escuro puxado para trás em um rabo de cavalo. Vestido como algo que saiu da Vogue Man, ou uma das lojas que haviam passado na Galleria ontem. Homens que tomavam cuidado óbvio na sua aparência pessoal geralmente atingiam-na como um pouco efeminado. Não esse cara.

"Eu não vou mantê-la por muito tempo." Disse ele, balançando a partir de seus pensamentos. "Eu sei que você está almoçando com TJ e Lark. Ouvi dizer que você e ela tiveram um bom tempo ontem." Ele torceu a boca como se estivesse tentando esconder um sorriso.

"Oh, nós fizemos! Foi incrível. E muito obrigado por... por tudo. Quero dizer, era tão..." Ela gaguejou a uma parada, não tendo certeza de como proceder.

Ninguém nunca tinha feito nada parecido para ela, e estava um pouco envergonhada.

"Com muito prazer. Você já passou por muita coisa, então eu estou feliz que eu pude ajudar. E para ser perfeitamente honesto, acho que você pode ser capaz de ajudar-nos em troca."

"Claro. Como?"

"Sara, você pode me dizer o que Nancy está vestindo?"

Surpreendida pela pergunta estranha, ela se abriu para ele por um momento. Então, entendeu o que ele estava fazendo.

Respirou fundo. "É um vestido azul com um decote em V e mangas até o cotovelo, com uma frente trançada. E..."

"O quê?"

"Saia tulipa é... O quê? Desculpa."

"O que você disse antes?"

"Trançado."

DROP DEAD, GORGEOUS



21

Ele franziu o cenho.

"É como pregas ou rugas, mas não exatamente."

Ele piscou. "Hã? Nunca ouvi falar. Certo, vá em frente."

"Seu cabelo grisalho. Ela tem puxado atrás. Seus brincos são longas gotas ovais, azul metálico com ganchos, e coincide com a sua pulseira."

Nick Wargman assentiu lentamente com um sorriso confuso. "Isso é muito impressionante."

Ela encolheu os ombros. "É normal para mim."

"Como sobre a linha do horizonte?"

"O quê?"

"Descreva o que você viu pela janela. Apenas o material grande." Seus olhos nunca deixaram sua cara, observando para ver se ela furtivamente dava uma olhada à sua esquerda. Ela teve de abandonar o seu olhar sob o ataque dele.

"Certo." Ela fechou os olhos para ver a memória melhor. "À esquerda tem um edifício muito alto que parece que está coberto com uma espécie de vidro, azul-preto. Para esquerda um par de outros edifícios que são, provavelmente, bastante elevados, mas eles parecem curtos ao lado da coisa de vidro azul. Um é escuro e tem um buraco quadrado no topo. Mais à direita é um edifício que parece que é feito de pedra rosa. Tem picos de prata no topo e se parece com uma igreja."

Ele balançou a cabeça. "É um prédio de escritórios. Continue."

"Há um poste branco, como para uma transmissão de TV ou rádio ou algo assim. Afastado para a direita tem um outdoor de uma estação de rádio 103,7 Houston's Adult Alternative – e no caminho de volta, no meio vi o edifício alto que notei ontem quando eu estava com TJ, o que significa que você pode ver todo o caminho até a Galleria daqui."

"Maldição." Ele riu suavemente. "É realmente eidética. Não se ofenda, eu nunca tomo nada na fé. Eu queria ter certeza de que você tem a memória."

"Eu não estou ofendida, eu só não entendo por que isso importa."

Ao invés de responder, fez uma outra pergunta. "Alguma vez você atendeu os clientes de seu tio, ou as pessoas que trabalharam para ele?"

"Oh! Eu vejo onde você quer chegar. Sim, sim eu fiz. Eu não os vi muitas vezes, eu tentei ficar longe do reboque do meu tio quando eles estavam ao redor, mas eu encontrei com eles. Às vezes eu tinha que fazer entregas para Wayne. Ele realmente trouxe os mais respeitáveis para o restaurante onde eu trabalhava."

"Assim, você pode lembrar seus nomes, rostos, onde se encontrou com eles?"

"Claro. Tudo isso."

Ele balançou a cabeça. "Isso é bizarro. Você tem um dispositivo de gravação em sua cabeça, e está sempre ligado."

"Essa é uma boa maneira de colocá-lo."

"Isso não, eu não sei, dói? Não é avassalador?"

Ela encolheu os ombros. "Não. É normal para mim. O único problema que eu já tive foi quando eu era mais jovem. Foi difícil não deixar que as pessoas vissem o quanto eu conseguia me lembrar."

"Sim, eu aposto. Certo, bom." Ele anotou algo para baixo. "Os Federais gostariam de uma chance para falar com você, mas eles terão que falar com meus advogados em primeiro lugar."

"Por quê?"

"Eu quero ter certeza de que não façam algo estúpido, como tentar carregá-la com qualquer coisa ligada à sua família."

"Oh, meu Deus."

Ele ergueu a mão num gesto para *acalmá-la*. "Não estresse sobre isso. Isso é o que meus advogados estão a fazer. Se alguém quiser questioná-la, eles têm que fazer-lhe uma promessa de imunidade, por escrito."

Ela engoliu em seco, as mãos trêmulas e coração martelando. "E se eles não concordam?"

Ele fez uma careta. "Então eu não os deixarei falar com você, e eu poderia até cair uma dica para a *imprensa* do *Chronicle* e *Houston* sobre a coisa toda. O FBI tentou muito difícil manter uma tampa sobre isso."

Nick Wargman tinha muito mais com a polícia que ela havia contado. "Manter uma tampa sobre o quê?"

"Tudo isso. As drogas, as armas, e especialmente toda a coisa Fae de escrava sexual. Eu entendo porque eles mantiveram silêncio. Deus sabe que não preciso de um pânico de lobisomens como costumávamos ter trinta, quarenta anos atrás. Além disso, eles parecem idiotas até agora. Mas muitas pessoas nas comunidades Fae estão falando sobre as mulheres que já desapareceram, e eu sei que os cartéis de drogas estão cientes de que, talvez por isso é hora de deixar o público em geral saber sobre isso também."

"Eu não acho que os policiais gostariam disso."

Ele abriu um sorriso desagradável. "Eu não acho também, então eu não estou preocupado em fazer um negócio para você. Você poderia ter informações valiosas e nem sequer saber disso. Você pode ter informações que Bryan não conseguiu."

"Eu não tenho certeza de que tipo de informação que ele tem, para dizer a verdade."

"O de sempre. Ele atou Wayne, colocou uma escuta em seu telefone, grampeou e atou o povo, falou com Wayne, coisas assim."

"Eu não tinha ideia que Bryan poderia fazer tudo isso!"

Nick sorriu. "Bem, sim, é isso que ele é pago para fazer. Ele costumava fazer isso em países muito perigosos." Ele riu um pouco, quando pensou que era engraçado que ela não percebesse o que Bryan fazia para viver. Então ele encolheu os ombros novamente. "Claro, ele nunca viu nenhum dos lobos de Kuba, até a noite que os encontrou no local de sua avó. Todo mundo está impressionado com a maneira como ele os levou para baixo vivos. Seu namorado é inteligente."

Ela assentiu, muito cheia de orgulho bobo em Bryan, para discutir sobre o rótulo de *namorado*. "Wayne teria tido um ataque cardíaco se ele soubesse que alguém tinha toda a sujeira sobre ele".

"Parece que Wayne não foi à faca mais afiada na gaveta."

"Não, mas ele era grande e médio e bom em assustar as pessoas."

"Bem, de acordo com Bryan, um monte de gente sabia sobre a operação de sua avó e virava os olhos para isso. Que eu acho que é normal para as pequenas cidades." Ele colocou

as mãos atrás da cabeça e recostou-se na sua cadeira. "Diga a verdade, se o governo iria receber a porra sobre ele e legalizar as drogas, como estes delinquentes Euros teriam muito menos poder."

Ela não escondeu seu sorriso. "Minha avó ficaria horrorizada ao ouvir alguém sugerindo que drogas deveriam ser legais. Ela pensava que as pessoas que tomavam drogas eram a escória da terra."

Ele olhou diretamente em seus olhos, e ela baixou o olhar novamente.

"Você teve uma infância ruim, não é?"

"Como você sabe?" Ela sussurrou.

"Porque eu tive uma infância ruim, e eu sempre posso detectá-la. Eu acho que nós carregamos em nossos olhos."

Ela teria que levar sua palavra, pois não conseguia ver seus olhos. "Tudo estava bem até que minha mãe morreu."

"O mesmo aqui."

Após um momento de silêncio, Nick estava em pé. "Bem, isso é tudo o que tenho por agora."

Eles começaram a caminhada de volta através do escritório cavernoso.

"Ouvi dizer que você fugiu com um bom pedaço de dinheiro."

"Hum, sim."

"Bom. Não mencione para os Federais ou eles o aproveitariam como prova. Dê a Bryan para ficar em seu cofre."

"Eu pensei que eu ia colocá-lo em um banco. Eu não sabia que ele tinha um cofre."

"Todo o lobisomem tem um cofre. E você não pode furar cem mil em uma conta bancária, sem levantar as sobrancelhas erradas."

"Oh." Ela corou. "Eu não..."

"Não se preocupe com isso." Ele jogou uma mão indiferente. "Você é uma menina inteligente. Vai se acostumar à vida na cidade grande, em um momento."

Bryan estava parado no mesmo lugar que tinham lhe deixado. Ele estendeu os braços com um olhar interrogativo, e ela entrou com um sorriso.

"Vê, B? Eu não a assustei ou qualquer coisa. Quando TJ chegar aqui, você e eu... Ah. Aqui esta ela!"

TJ começou a falar antes de ela sair do elevador. "Estão prontos? Temos de encontrar Lark na Vila e já estamos atrasadas. Oh ei, seu traseiro parece fantástico naqueles jeans. Eu não disse que você estaria?"

"Sim, você disse. E obrigada."

Ela se sentiu decadente gastando tanto dinheiro de alguém, o dinheiro dos outros, em um par de calças de ganga e que era basicamente uma camiseta, mesmo que a camisa fosse ricamente pintada e cravejada de strass. Mas ela teve que admitir a roupa estava ótima com as botas novas.

"O primeiro lugar que estamos olhando é um pouco complexo, em torno do canto de onde nós estamos almoçando." Continuou TJ. "Lark usa até hoje um cara que morava lá e ela disse que a gestão é ótima."

"Eu não posso esperar para vê-lo."

"O quê?" Bryan fez uma careta. "Um complexo? O que são vocês estão olhando?"

"Elas estão me levando para procurar um apartamento!" Ela queria esperar até que tivesse realmente encontrado um, antes que lhe dissesse. Se ele sabia que não planejava ficar no seu lugar por mais tempo do que o necessário, então não iria se sentir amarrado ou responsável por ela.

Ele não parecia aliviado, no entanto. "Por que você está olhando para apartamentos?"

"Bem, porque... Porque eu não posso ficar em seu lugar para sempre, posso? Quero dizer, eu preciso encontrar um lugar para viver."

"Não, claro que não, eu só, eu não quero que você sinta como se tivesse que sair, como, hoje. Fiz você se sentir indesejada ou algo assim?"

"Não! De maneira alguma."

Tomou uma das suas mãos nas suas. "Quero dizer, é só que se passaram três dias. Eu não vou expulsá-la depois de três dias."

"Eu sei, eu..." Ela gaguejou a um impasse, pois notou TJ e Nick olhando para eles, TJ com um sorriso e Nick com um sorriso. Nancy estava sorrindo também. Bryan, de repente ciente do escrutínio, deixou cair à mão com um encolher de ombros.

'Bem... você que sabe. Tudo o que você quer fazer está bem para mim, mas não sinta que você tem que saltar no primeiro lugar que você vê. Tome o seu tempo."

"Eu vou. Obrigada!"

TJ levou-a pelo cotovelo. "Tudo bem, agora nós temos que te instalar, podemos começar, por favor? Estou com fome, estamos atrasadas, vamos embora."

"Espere um minuto! Onde está a sua bolsa, anjo? Você não tem o seu telefone com você?"

"Minha bolsa está em ca... Seu lugar, mas eu tenho o meu telefone." Ela deu um tapinha no bolso de sua jaqueta fina de couro marrom, que custava mais do que tudo que ela estava usando combinados.

"Bom. Então, se eu chamá-la, você vai responder, certo? Não como ontem?"

TJ fez um som exasperado e puxou seu braço. "Vamos lá. Vamos rebentar um movimento, antes que ele decida que não pode deixá-la fora de sua vista. Nick, eu estou indo para o dia."

Bryan agarrou o outro braço e puxou-a para ele, beijando-lhe rápido e duro. "Eu te ligo daqui a pouco, e eu quero que você responda."

Ela riu. "Você é tão fofo."

"Estou tão aborrecida. Agora vamos nos mexer, Lark está esperando por nós." TJ já estava no elevador.

"Vocês se divirtam." Nick lançou um braço ao redor do ombro de Bryan. Sara assisti-os andar de volta para seu escritório, quando as portas do elevador fecharam.

"Então, precisamos parar no condomínio, certo?"

"Sim, mas eu prometo que vou ser rápida. Eu não achei que eu precisava da minha bolsa para correr ao escritório de Nick, e eu não gosto de colocá-la por causa dos alforjes eles já estão tão cheios."

"Sim, bem, agora que Bryan está se preparando para se acalmar, é hora do menino grande comprar um carro."

"TJ, não há razão para pensar que ele está pronto para sossegar!"

"Ele não parecia muito entusiasmado com você se movendo para fora."

A memória deu-lhe um brilho especial. "Não, ele não estava, não foi?" Ela balançou a cabeça. "Mas isso não significa que ele quer que eu more com ele realmente. Além disso, seria muito cedo. Nós ainda não conhecemos realmente o outro."

"Você o conhece há alguns meses, certo? Saíram algumas vezes? Muitas pessoas se apaixonam em menos tempo do que isso."

Ela gritou e cobriu o rosto com as mãos. "*Não* use essa palavra. Quero dizer... Eu pensei que talvez eu... Não. Não. Não, *não*. Não posso pensar assim. Tem que dar um passo de cada vez."

TJ levantou uma mão. "Está bem, está bem. Você está certa, um dia de cada vez, não pode apressar o amor, blá blá blá. Mas eu tenho que te dizer, Eu tenho...ooh! Espere, espere Como foi o sexo na noite passada?"

"Hã? Como você sabe que fizemos isso?"

"Ah, qual é!"

"Aaargh!" Ela colocou a cabeça para trás no assento e fechou os olhos. "Bom! Foi..."

"O que, muito bem? Eu sempre ouvi dizer que ele era ótimo na cama."

Ela virou a cabeça para ver TJ sorrindo diabolicamente, e ela tinha que sorrir de volta.

"Ok, sim, foi ótimo. Ele foi ótimo. Quero dizer, realmente, muito bom." Fez uma pausa. "Então... ele tinha um monte de mulheres?" Ele era oito anos mais velho que ela, então teve que assumir...

"Eh? Eu não estou dizendo que ele é tão grande como o mulherengo do Nick. Porque, você sabe, ninguém é. Mas ele não é tímido, e as meninas o usam."

Outra coisa a evitar pensar agora.

Elas puxaram para dentro da garagem do condomínio compartilhado de Bryan.

"Estarei de volta em um segundo."

"Eu vou estar bem aqui."

Ela subiu correndo as escadas para conseguir a bolsa para fora do quarto de Bryan. A campainha tocou quando estava a caminhando de volta para baixo.

"TJ?" Ela gritou. "Venha se precisar..."

"Ok, vamos." Disse uma voz horivelmente familiar.

Suas pernas foram fracas.

"Wayne?"

CAPÍTULO NOVE

"Olha, antes de entrarmos na coisa de Luxor, posso pedir um favor?"

Eles estavam sentados no sofá de couro no escritório de Nick.

"Diga."

"Posso matar James Jerezelsky?"

"Não."

"Você não vai mesmo dar-lhe algum pensamento? Porque nem...?"

"Você acha que é o primeiro lobo que sempre quis matar o cara? Não. Ele é meu lobo.

Eu decido quando ele é muito desagradável para viver."

Eles sorriram um para o outro. Nick voltou sua atenção para a pilha de papéis sobre a mesa de centro com tampo de vidro. "O que ele fez para te chatear?"

"Ele disse a Sara que temos medo de encontros com garotas Fae, porque elas são todas loucas."

Nick fitou-o com um olhar zombeteiro.

"Bem, ok, sim." Bryan resmungou. "Então é verdade. Mas ela não sabia disso ainda. Eu não queria que ela pensasse que eu penso dessa maneira."

"Você *faz*, no entanto, Bryan. Você não sai com meninas Fae."

"Mas Sara não é como a maioria delas."

"Normalmente eu esperaria uma mulher com um talento como o dela seria três quartos insana."

Bryan riu. "Eu sei!"

"Mas acho que você é muito crítico sobre as mulheres Fae. Elas não são todos loucas."

Nick continuou a saquear através dos jornais, enquanto conversavam. "Então, o que vem depois?"

"O que você quer dizer?"

"Você sabe muito bem o que quero dizer, lobo. Ela perdeu sua família, sua casa, todos os seus amigos, ela está em uma cidade estranha, com gente nova, e ela só tem 22. Você não

pode amarrar essa garota junto, brincar de casinha por algumas semanas e depois passar para a próxima."

"Isso não é o que estou fazendo!"

"Então, o que você *está* fazendo?"

"Eu não sei!" Ele estava quase gritando com seu Alpha agora, mas Nick apenas ergueu as sobrancelhas e não disse nada. Bryan, sentindo-se inquieto e preso, levantou-se para esticar as pernas.

"Quanto tempo você estava vendo-a em Luxor?"

"Saímos três vezes."

"Você estava transando com ela, então?"

"Não."

"Mas você a fodeu, desde que você foi para casa."

"Sim." Ele não gostava de ouvir Nick falar sobre Sara assim, o horrorizava.

"Se isto é o sexo fácil com uma garota quente, que está temporariamente dependente de você, então você está sendo um idiota e..."

"Não é isso que é." *Não é realmente isso. Ah, merda! Deus me ajude.*

"Então, o quê? Você está apaixonado?"

Ele não respondeu.

"Bryan?"

"Eu não quero estar." Disse miseravelmente.

Nick começou a torcer a faca rindo dele. "Por que você está agindo como um maricas?"

Bryan sabia que ele disse que em tom de brincadeira, ainda estava rindo, mas picava.

"Isso é o que disse TJ."

"O quê? O que é?"

Arremessando-se para baixo no sofá ao lado de Nick, ele colocou a cabeça para trás e olhou para o teto quando confessou. "A outra noite a primeira noite estávamos em casa. Sara começou a chorar, então eu liguei para o TJ, para conselhos e TJ me chamou de maricas."

"Essa é a minha menina." Ele ficou surpreso com o orgulho e carinho na voz do Alpha. Nick esticou o braço e desajeitou o peito. "Então, o que se você está apaixonado por ela? O que há de tão ruim nisso?"

"Ela é Fae."

"Porra, B, é tudo o que é? Essa é a única coisa que te impede? Se ela não é louca, o que é a grande coisa com o seu sangue Fae?"

"Nós não poderíamos ter filhos."

"Hum? Sim, não há isso. Quer dizer, alguns médicos afirmam que eles ajudaram as mulheres Fae engravidar por lobos. Eu não sei os números. Mas, mesmo se vocês não podem conceber, você pode adotar."

Isso é verdade. Lobisomens bebês eram difíceis de colocar. Famílias lobisomem não muitas vezes adotavam, e as famílias humanas, mesmo aqueles que queriam meninos, não queriam a responsabilidade de criar um lobo. "Você pode imaginar o que meu pai diria se eu lhe dissesse que estava apaixonado por uma garota Fae?"

"Aposto que eles gostariam de Sara. E eu sei que sua mãe está pronta, para você se acalmar."

Ele gemeu. "Merda! Você está certo! Não, eu não estou dizendo a eles sobre isso por um tempo."

Nick riu de novo e sentou-se. "Está bem." Ele apontou para os papéis sobre a mesa do café. "Vamos falar sobre tudo isso."

"Vamos lá para baixo, Sara Mae, antes de eu machucá-la."

De alguma forma ela conseguiu descer as escadas para o patamar do segundo andar, e então ela o viu. Ele estava em pé no hall de entrada do primeiro andar, um braço em volta do pescoço de TJ e uma arma apontada para sua cabeça.

"O que você está fazendo, Wayne?" A boca de Sara tinha ido seca. Sua voz saiu fina e estridente.

"Eu estou olhando para você. Agora começa a foder aqui em baixo. Eu e você vamos para casa."

"Certo. Ok, Wayne. Já vou. Só, por favor, não a machuque."

"Saia daí!"

Lenta e deliberadamente, ela caminhou até o último degrau, não fazendo movimentos bruscos para que Wayne começasse a inquietar-se. Ele parecia atentamente na borda.

TJ parecia ao mesmo tempo furiosa e aterrorizada.

Ela precisava de um segundo, era tudo. A arma em sua bolsa estava carregada. Ela só precisava que Wayne tirasse os olhos dela por um segundo, para que pudesse chegar dentro, em segurança e atirar no desgraçado.

Quando Sara alcançou o degrau, ela colocou uma mão para sua nova amiga, mas Wayne lançou TJ de lado, impulsionando-a em uma parede.

Ele girou de volta para Sara e arrancou a bolsa dela do ombro. "Você não precisa disso. Vamos lá." Ele a empurrou para a porta.

Atrás dela, ela ouviu passos no piso de madeira. Ela se virou para ver a corrida TJ para o quarto de hóspedes.

Wayne parou, voltou e disparou. TJ desceu com um grito estridente.

Sara gritou. Wayne agarrou-a pelos cabelos, forçando seu rosto até o dele. "Feche a boca ou eu vou matá-la novamente."

Mordendo o lábio para não gritar, ela tropeçou atrás dele quando a arrastou para um golpeado Chevy azul. Ela não ofereceu nenhuma resistência, quando a empurrou para o banco da frente e seu pulso esquerdo algemado a lidar com o porta-luvas.

"Você tem certeza que a polícia sabe sobre o Hedges?"

"Sim. Segui Wayne algumas vezes quando ele se reuniu com o chefe de nome Rice e ele estava fazendo pagamentos. Wayne não é muito inteligente, mas é dito como o inferno e ele tem um anel de caras que trabalham para ele no Texas, Louisiana, Arkansas, talvez até Oklahoma. É muito grande para os policiais não saberem de nada."

"Maldição." Nick esfregou a barba em seu queixo. "Eu não tinha ideia de que havia muito dinheiro em metanfetamina."

"É enorme nos quintos dos infernos. Eu acho que Wayne estava executando produtos farmacêuticos também."

"Ok. Então, se os policiais em Luxor..."

"Há apenas dois deles."

"Certo. Se a polícia sabe, os federais vão para eles, e os federais ameaçam processar, talvez a polícia não vá tentar proteger Hedges."

"Certo." Bryan respondeu: "Mas eu acho que Wayne está morto."

A linha privada Nick tocou.

"Você precisa ter isso?"

"Não. Vai rolar para Nancy. Sim, eu aposto que você está certo, provavelmente Hedges."

"Nick"

O grito de Nancy enviou os dois lobos voando fora do sofá e no lobby. "As mãos da recepcionista sacudiam, enquanto ela segurava o telefone fora.

"É TJ. Ela está ferida."

Nick pegou o receptor. "TJ?"

No outro extremo, TJ ofegou, esforçando-se para falar. "Wayne...Ele..."

A cabeça de Bryan nadou quando ouviu o borbulhar em sua voz. *Ferida no peito? Deus, por favor, não.*

Nick tinha ido pálido. "TJ, onde está você?"

"Bryan. Eu..."

"Ok. Ok, querida, estamos no caminho. Segure! Eu estou indo." Ele olhou para o telefone que deixou cair o receptor. "Ligue para o 911 para a sua casa." Bryan marcava, enquanto eles correram para o elevador.

Eles foram para o norte na 59 de volta para Luxor, esquecida por Deus. Wayne não tinha dito uma palavra desde que tinham deixado a casa de Bryan. Ele dirigiu com uma mão enfaixada no volante, e a outra, o caminho certo, mais próxima dela, segurando a pistola em cima do console entre os bancos.

Ela não tinha dito nada, o pânico lutando muito ocupado e náuseas, revivendo o momento que Wayne tinha dispensado e TJ tinha amassado no chão.

Se ela tivesse conseguido TJ morta?

Neste ponto, ela não se importava se Wayne a matasse. Se ele estava levando de volta para Luxor para levá-la até os lobos europeus, ela preferiria estar morta.

Ela podia sentir seu telefone pressionando contra sua coxa através de seu bolso da jaqueta. Ela tinha cobrado isso apenas esta manhã, e coçava a mão livre para puxar para fora. Wayne iria agarrá-lo dela, é claro. O que se comesse a tocar? Será que Bryan estaria tentando chamá-la? Se TJ estava morta, ele não saberia nada sobre o que tinha acontecido, não é? Que diabos ela poderia *fazer*?

Ok, rainha do drama, consiga um aperto.

"Como você me encontrou?"

"Os russos disseram-me onde Keeton vivia."

"Como eles sabem?"

"Que porra é essa que eu me importo? Eles me disseram sobre você, então eu fiz."

Alguém tinha comentado que Bryan era o cara que tinha chamado, quando ele pegou os lobos na casa da vovó, talvez outra pessoa. Ele disse que a investigação estava repleta de vazamentos.

"Wayne, você tem alguma ideia do que você fez?"

"Sim, eu salvei a minha vida maldita, é o que eu fiz."

"Não, Wayne. A mulher que atirou trabalha para o Alfa de Houston. Sua vida não cuspirá no valor agora. Nick Wargman vai matar você."

A partir do canto do olho que o viu voltar-se para ela, e pegou uma expressão de choque no rosto.

"Merda, Sara." Ele respirou em um estranho tom maravilhado, vagamente. "Você está correndo por aí com *lobisomens*?"

Eles correram para o seu lugar a pé, passando a ambulância, uma vez que teceu e chorou até Louisiana.

Nick foi primeira pela porta da frente aberta, Bryan bem atrás dele quando ele seguiu um rastro de sangue – *Cristo, que é um monte de sangue* – no quarto do andar de baixo.

TJ deitada no chão ao lado da mesa de cabeceira, o telefone na mão mole. O lado direito da blusa estava encharcada de sangue. Mais sangue tinha juntado no chão por baixo do ombro.

Nick caiu de joelhos e recolheu-a em seu colo. "TJ? Bebê, sou eu."

Escovou o cabelo do rosto e moveu a mão até os ombros, como se a sondar a ferida, mas parou. Sua mão pairou impotente acima dela, o rosto torcido em agonia porque não havia nada que pudesse fazer. O cheiro de seu medo e raiva encheu a sala. Bryan cerrou os maxilares e rangeu os dentes para não gemer com os feromônios de Nick lavaram em cima dele, empurrando-o a mudar.

A ambulância parou na calçada. Bryan ouviu descarregar o carrinho.

A voz de TJ era tão fraca que ninguém, além de lobos poderiam ter ouvido as suas palavras. "Wayne... ele a levou. Ele..."

"Shh, querida, *não fale*. A ambulância está aqui. Você vai ficar bem." Nick olhou para Bryan. "Foi em seu ombro. Eu acho que seu pulmão entrou em colapso. Eu posso ouvi-lo dentro."

"Eu sei. Eu ouvi também."

Seu rosto estava pálido e liso com o suor. Quando os EMTs a ergueram dos braços de Nick e a colocaram na maca, ela tentou chegar para ele. "Nick, não... eu estou..."

"Eu sei, bebê. Eu estou bem aqui. Eu não vou deixar." Ele agarrou a mão dela e apertou-a à boca. "Estou bem atrás da ambulância. Você vai à St. José?" Perguntou a um dos paramédicos.

"Sim, senhor. Você quer andar com ela?"

Ele engoliu em seco e balançou a cabeça. "Não. Não é uma boa ideia agora. Eu vou segui-lo."

O EMT acenou com a cabeça à medida que revirou na ambulância e bateu a porta.

Bryan estava no degrau, segurando o corrimão, todo seu corpo atormentado com a tensão. Ele lutava contra a mudança com tudo o que tinha, mas entre o pânico de Nick sobre TJ e seu pânico próprio sobre Sara, ele não estava certo de que poderia ficar com os dois pés por muito tempo.

Ele tinha conhecido que Nick estava perto de seu assistente, mas ainda estava chocado com a reação de seu Alpha. Só o mais profundo trauma poderia forçar a mudança num lobo tão poderoso quanto um Alpha de bando. Bryan cheirava a mudança em Nick, viu tremer com a força de resistir a isto quando ele se inclinou, as mãos nos joelhos, tremendo e engolindo no ar, apenas como Bryan estava fazendo.

Se Nick mudasse, Bryan mudaria. Bryan precisava estar em forma humana para ir atrás de Sara. O pensamento dela nas mãos daqueles selvagens encheu de uma fúria vermelha e um terror enjoado ao mesmo tempo.

Os dois lobos não disseram nada, porque cada um batalhava seu corpo para o controle. A entrada pequena encheu com o som de suas raspagens, respirações trabalhadas e os cheiros de sua angústia. Os cães nos condomínios vizinhos começaram a uivar quando eles apanharam o cheiro dos feromônios dos lobisomens. O mau cheiro, cacofonia fez o seu toque na cabeça, até que achava que suas orelhas iriam sangrar. Ele não conseguia pensar, não conseguia respirar, não poderia obter uma alça sobre...

De repente o ar na sala tornou-se mais leve. A pressão de esmagamento de mudança involuntária de repente desapareceu.

Agora que seu Alpha tinha controlado a mudança, Bryan poderia também.

Nick endireitou-se e estendeu os braços. "Venha aqui."

Ele permitiu que Nick o puxasse para um abraço apertado. Acalmado e confortado pelo toque, ele foi capaz de respirar livremente de novo. Quinze minutos tinha passado desde que eles receberam a chamada. Parecia uma hora.

Nick soltou. "O telefone dela."

"O quê?"

"O telefone de Sara estava em seu bolso." Ele franziu o cenho. "Mas se ela não pode responder, ou Wayne a levou embora."

"Não! Porra, eu não estava pensando! Eu tenho cobertura de GPS!"

Seu coração tentou uma batida fora de seu peito, enquanto olhava para o relógio. Quando ele a tinha visto pela última vez? Trinta minutos atrás? Quarenta? Quão longe se tivessem chegado?*O que ele fez com ela até agora?*

Ele esfaqueou nas teclas em seu telefone, xingando a barra de progresso, enquanto o browser carregava, e então ele estava online, e socou no site GPS, e...

"Não!" Ele gritou, e os uivos fora do condomínio ficaram mais alto. Ele olhou para o ponto amarelo piscando como se fosse seu próprio batimento cardíaco. "Eles estão na 59 ao norte."

"Ele está levando-a de volta à Luxor." Nick disse.

"Eu tenho que ir, eu tenho..."

Nick agarrou o braço dele, enquanto se encaminhava para a porta. Ele tentou se afastar, mas os dedos de seu Alpha eram uma faixa de ferro em torno de seu bíceps e ele não poderia ficar solto. O rosto de Nick não traiu nenhum sinal de esforço, enquanto segurava um lobisomem de 115 kg no local com uma mão e marcou o seu telefone com a outra.

"Eu estou chamando Taran." Nick disse ao pegar o telefone. "Vamos chamar os federais e dizer-lhes o que está acontecendo. Você vai voar até lá e bater Hedges para Luxor. Pare de tentar ficar longe de mim, lobo, está me irritando. Taran? Ouça-me. Sara Hedges acabou de ser pega por seu tio. Ele atirou em TJ."

Taran começou a gritar perguntas.

"Eu não sei!" Nick latiu. "Chame Lark. Diga a ela para chegar a St. José. Então venha nos pegar aqui no condomínio de Bryan."

"O que é tão engraçado porra? Responda-me, porra!"

Wayne a golpeou, o aperto da pistola marcante a sua direita, duramente atrás da orelha e bateu a cabeça na janela. Ela lutou para recuperar o fôlego, quando as estrelas dançaram atrás de seus olhos.

"Maldita seja, Sara."

"Está bem, está bem... Eu não posso falar se você me bater, posso? Você quer saber por que estou rindo?" *Porque se eu não fizer isso, vou perder minha mente. Por favor, TJ, não esteja morta.* "Porque você é um idiota!"

Wayne piscou, seus minúsculos olhos azuis abrindo e fechando com uma contração muscular que sempre fez a sua coceira para socá-lo.

Pela primeira vez, ela percebeu quão horrível ele parecia. Além da mão enfaixada, ele tinha ataduras em todos os dez dedos, hematomas na testa e rosto, um corte na sua têmpora, e um elenco amarelo doentio em seu rosto. E, além disso, ele parecia... com medo. Ela tinha visto Wayne Hedges enfurecido, petulante, ressentido, muitas vezes confuso, mas nunca o tinha visto com medo.

Ela desejou que pudesse apreciar o espetáculo, mas medo em Wayne era um Wayne perigoso.

"Você realmente não sabe, cara?"

"Não sei o quê?" Ele gritou, medo e incerteza que escoava através de sua arrogância.

"Aqueles caras... os russos?" Na verdade, Bryan tinha dito que eles eram da República Checa e Sérvia e um outro casal de países que estava certa que o tio nunca tinha ouvido falar. "Eles são lobisomens, Wayne. Assim como Bryan." E nunca ouviu nenhuma admiração de Bryan e Wayne discuti-las.

Agora Wayne parecia realmente doente de medo, o branqueamento sob as contusões azul e roxo. Ele não disse nada por alguns minutos. O som, molhado de sua respiração rouca encheu o carro.

"Você não poderia dizer? Você não notou nada de estranho neles? Eles não foram super forte ou incrivelmente rápido?" Claro, ela não tinha percebido que Bryan era um lobisomem. Mas Bryan tinha deliberadamente escondido a sua força e velocidade e os sentidos, enquanto esses caras provavelmente não tinham. Wayne era apenas estúpido.

"Eu não gastei muito tempo de cara com eles até o seu namorado foder tudo, e então eu estava em uma espécie de ocupado, sendo torturado!" Ele acenou a arma em torno de quando gritou. Ela lamentou trazer à tona o assunto. "Sim... torturado, Sara! Amarraram-me a uma porra de mesa e trabalharam mais em mim por dois dias! Você não sabe como foi difícil convencê-los que eu não sabia de nada!"

Pelo contrário, Sara imaginou a maioria das pessoas acreditaria prontamente que Wayne não sabia nada.

"Eles só me deixaram ir, porque eu prometi que ia trazer você de volta. Disseram-me onde Keeton vivia e disseram que se eu não aparecesse com você em 24 horas, eles acabariam me levando além!"

Deus, choramingou. Ele provavelmente esperava que ela sentisse pena dele. "E depois? Você acha que se você me entregar, eles vão deixá-lo sozinho?"

"Não. Eles não vão me deixar em paz. Eles vão me fazer parte da sua organização."

"O quê?" Ele poderia ser *tão* estúpido?

Um olhar para seu sorriso, presunçoso suado respondeu à pergunta.

"É isso mesmo. Eles querem adicionar a minha rede na deles. Uma fusão, eles chamaram. Eu vou manter a minha operação. Eles provavelmente vão expandi-la, dá-me mais território."

"O que, então você vai ser o seu gerente de vendas regional? Esses *lobisomens-lobisomens*, Wayne... fazem as gangues de drogas do México parecerem um coro de igreja. Por que eles vão precisar de você, uma vez que tenham todos os seus negócios? Se você tiver sorte, eles vão dizer-lhe para se perder, mas eu aposto que simplesmente vão matá-lo. Assim que você me entregar, e depois *ow!*"

Ele golpeou a cabeça de novo, desta vez mais duro, e o punho de pistola a golpeou por trás da orelha novamente. Ela apertou os olhos contra o aumento repentino de lágrimas. Ela não iria chorar na frente do tio pedaço babaca²² psicopata de merda.

²² Aqui ela usa o termo **Douchebag**; é uma gíria grosseira em inglês, cujo significado aproximado em português é babaca, idiota, otário, filha da puta e similares.

Bryan estaria esperando que ela mantivesse sua inteligência.

"A pequena menina da faculdade pensa que ela é muito mais esperta do que eu." Wayne zombou. "Se você é tão inteligente, como é que eu estou arrastando sua bunda Fae de volta para Luxor?"

Sim. Que foi uma boa pergunta.

CAPÍTULO DEZ

Uma hora e meia depois que a ambulância levou TJ à distância, um pequeno avião decolou de um aeroporto privado no norte de Houston. A bordo com Bryan estavam Taran Lloyd e um agente do FBI humano chamado Mauro. Bryan tinha desligado o telefone para salvar a carga. O laptop de Mauro tinha um forte sinal WiFi, e o agente foi rastreando Sara no site GPS.

Bryan ouviu como Taran conversava com Nick, que tinha ficado para trás no hospital com TJ.

"Ela está em recuperação, mas não despertou ainda." Seu Alpha não soou como perdido e assustado como ele tinha quando tinha encontrado TJ, mas sua voz ainda estava apertada de preocupação. Bryan quase podia sentir seu sofrimento através do telefone. O controle de Nick Wargman era lenda distante entre os lobisomens, tanto dentro e fora do bando de Houston. Para testemunhar-lhe, perdê-lo, havia assustado o inferno fora do lobo interno de Bryan.

"Mas eles têm o pulmão inflados, certo?" Perguntou Taran.

"Sim." Respondeu Nick. "Ela precisava de um par de litros de sangue, mas parece que vai ficar bem. A tivemos a tempo. Ninguém aqui podia acreditar que ela conseguiu se arrastar para o quarto e fazer a chamada. Eu sabia que ela era uma pequena caipira durona, mas Jesus."

"Quando acordar, diga-lhe que Bryan e eu dissemos que ela é oficialmente a garota mais espertinha que conhecemos."

"Lark está com ela agora – quer que eu a consiga?"

"Não, está tudo bem. Eu estarei ligando para você quando nós aterrissarmos no Marshall de qualquer maneira. Depois."

Mauro levantou os olhos do laptop. "Ela está bem?"

"Ela vai estar." Taran respondeu.

"Bom. Ok. Parece que Hedges está ainda caminhando para Luxor. Ele tem passado em Cartago agora. Devemos vencê-lo por uma hora e meia. Nos temos tempo de sobra para falar com a polícia local e preparar para interceptá-lo. Quatro agentes de Dallas – todos os lobisomens estão esperando como Mestre de Cerimônias. Podemos cabecear para fora assim que aterrissarmos."

"Apenas quatro?" Ele queria ir com vocês o suficiente para tirar todos os lobisomens que assumiram que Hedges estava planejando se encontrar.

Mauro começou a dizer algo, mas Taran falou primeiro.

"Olha, B, eu sei que você quer levar esses idiotas para baixo imediatamente, e eu também, mas não acho que precisamos mais de seis lobos armados. E Mauro, é claro."

"Ei, cara." Protestou o agente. "Eu posso ser humano, mas eu sou um Marine."

"Segundo Recon." Disse Bryan.

"XIV Marinha." Respondeu Mauro.

Taran, um lobo do Exército, revirou os olhos e continuou: "Haverá sete de nós. Em um lugar como Luxor, eu acho que os meninos de Kuba estão mantendo um perfil baixo. Você nem sequer corre em qualquer outra noite."

"Sim, você está certo." Bryan admitiu.

"Então, se estamos seguindo sinal de Sara, vamos para onde está indo Hedges e agarrá-lo quando ele parar. Espero pegá-lo com alguns lobos. Se não, fazemos ele encontrá-los para nós. E, Bryan? Ei, olhe para mim. Pare de inquietação."

"Eu não estou inquieto."

"Besteira. Você está saindo de sua maldita pele. Consiga um aperto. Você precisa estar empolgado e pronto para quando bater no chão. E nós estamos batendo o terreno em dois pés, não quatro. Com armas não, garras."

"Mas..."

"Mas nada. Queremos Hedges vivo. Uma minhoca como provas ao estado num piscar de olhos, e precisamos de suas informações."

"Mas, Jesus, Taran, apenas não..."

"Isso simplesmente não faz *o quê?*" Taran perguntou em uma voz dura, vestindo o seu melhor *eu sou policial, você é um PI, STFU e fará o que eu digo a você*.

"Só se sente errado!" Bryan exclamou. "Parece uma jogada de maricas. Quero dizer, é o que eu fiz com os caras de Kuba, mas..."

"E você estava certo de fazê-lo dessa maneira, porque você tem-nos os nossos únicos suspeitos vivos até agora. Agora vamos fazê-lo novamente para obter Hedges, entendeu? Lobisomens cretinos não recebem tratamento digno de honra e humanos cretinos também não. Além disso, nós vamos estar em uma cidade apocalíptica. Por que tornar as coisas ainda mais difíceis por ficar peludo na frente dos caipiras, sabe?"

Bryan suspirou. "Você está certo!"

"Eu sei." Taran olhou para Mauro. "Falando de caipira. Nós ainda pensamos em surpreender os dois policiais locais?"

"Sim. Eles são tão tortos e preguiçosos como você nunca viu em um filme. Eu não quero que eles tentem alertar Hedges. Claro, uma vez que lhes disser que ele está correndo por aí com lobisomens, eles podem estar felizes em entregá-lo."

Taran fez algumas notas. "Nós nos dividiremos e colocaremos um par de rapazes em diferentes pontos ao redor da cidade. Acompanhar o GPS é grande, mas nós vamos bater Luxor antes que ele faça, e se estamos esperando por ele..."

"Boa ideia..." Mauro respondeu. "... mas como é que vamos saber onde colocar as pessoas?"

Bryan deu de ombros. "Não há muitos lugares para escolher. A casa da velha senhora, a casa de Wayne, talvez Café Caddo se ele decide que é mais seguro para se reunir em um lugar público. Além disso, não é como se Luxor, ocupasse muito espaço. Onde quer que vá, se temos três ou quatro carros, alguém pode chegar a ele em questão de minutos."

"Bom." Disse Taran com um breve aceno de cabeça. "Porque isso é tudo o que vou levar para os lobos para agarrá-lo e correr."

Algo em torno de Nacogdoches, ela teve que fazer xixi. Foi a primeira vez que tinha falado em mais de uma hora.

"Claro que não. Segura até chegarmos em casa."

"Wayne, essa é outra hora! Eu não posso fazer isso." E ela não poderia chamar Bryan, a menos que ficasse longe do vagabundo por um minuto.

"Estou em uma programação. Não vou parar."

"Droga, Wayne! Em algumas horas eu vou ser enviada para um prostíbulo para lobos que gostam de se transformar, enquanto estão trepando! Você está me levando para ser morta!" Ele estremeceu, embora fosse de culpa ou do seu tom gritando, ela não poderia dizer e não se importava. "O mínimo que você pode fazer é parar e deixar-me fazer xixi!"

Ela não obteve resposta, mas quando veio uma parada de descanso para a vista, poucos minutos depois, Wayne saiu da rodovia.

Ele deu a volta a algema dela e esperou, a pistola na mão, quando ela saiu e balançou as pernas acordadas.

"Ok, vá. Depressa."

A arma enfiada na espinha todo o caminho até o banheiro.

"Eu estarei bem aqui quando você sair. Não tente puxar qualquer coisa estúpida. *Eu* vou atirar em você, Sara."

"Sim, sim, eu sei." Ela murmurou. Ela teria de sussurrar no telefone e esperava que ele não a ouvisse.

O banheiro sujo não continha nenhuma janela, nenhuma segunda porta, nada para usar como uma arma improvisada. Então ela fez xixi, e depois ligou para telefone celular de Bryan.

Ele foi direto para o correio de voz.

"Bryan?" Ela sussurrou. "Bryan, sou eu. Estou com Wayne, e ele está me levando de volta para Luxor. Ele tem uma arma, e atirou... E TJ, e eu não sei... Deus, não me chame. *Não me chame, entendeu?* Eu não quero que ele saiba que tenho..."

"Sara!" Wayne bateu na porta. "Consiga seu traseiro aqui fora!"

"Eu não quero que ele saiba que eu tenho o telefone e não tenho tempo para ligar para 911, por isso..."

"Sara! Eu disse dê o fora daí!"

"Eu tenho que ir."

Ela bateu *fim*, virou-se todos os sons fora, e deixou cair o telefone de volta no bolso. Tomando um segundo para colocar o rosto do jogo de volta, ela saiu do banheiro e em linha reta em Wayne.

"Eu estava prestes a entrar lá e atirar no seu traseiro!"

"Eu não acho que seus amigos teriam apreciado, Wayne."

"Volte para o carro, porra!"

Ele parecia prestes a explodir. Felizmente não houve outras pessoas ao redor. O branco de seus olhos mostrou todo o seu globo ocular, o direito contraía. Sua cabeça mantida sacudindo lado para o outro como se algo estivesse pegando sua atenção, mas não havia ninguém e nada para justificar a reação. Ele cheirava como se não tomasse banho há dias, e ela sabia que não tinha dormido. Não demoraria muito para empurrá-lo sobre a borda. Ela não queria que outra pessoa inocente se machucasse por causa dela.

Sara se recusou a acreditar que TJ estava morta, mas estava se preocupando com sua própria vida. Ela gostaria de encontrar alguma maneira de obter-se morta antes que fosse entregue. Desde que ela ainda não tinha ideias brilhantes para escapar, o suicídio estava começando a parecer como uma aposta segura.

Wayne empurrou-a de volta no carro e seu pulso esquerdo algemado ao porta-luvas novamente. Em seguida, eles estavam de volta na estrada.

Parecia levar uma eternidade a partir de quando eles tinham encontrado TJ e percebido que Sara tinha ido embora, quando o avião decolou de Houston. Bryan tinha rondado o escritório de Nick, então a estação onde Taran trabalhava e, finalmente, o hangar do aeroporto, o tempo todo sobre tudo obcecado do que Wayne poderia ter estado fazendo para Sara a qualquer momento.

Mas uma vez que desembarcou no Aeroporto Harrison em Marshall, graças a Deus, as coisas mudaram rapidamente.

Os quatro lobos do FBI estavam à espera com três indeterminados veículos. Após uma breve discussão, o grupo se dividiu. Dois dos agentes foram para Café Caddo, a chance de Wayne Hedges cabecear para lá.

Os outros dois acompanharam Mauro para a delegacia para atender o chefe Rice e seu vice. Os policiais tinham provavelmente nunca conhecido antes lobisomens.

Com Mauro como o Humano Designado, eles poderiam estar inclinados a cooperar de boa vontade. Se não, os agentes colocariam o medo de lobisomens e uma prisão federal em policiais corruptos.

Taran e Bryan saíram na auto-estrada 43, indo para casa da velha senhora Hedges.

Ela passou as milhas entre Nacogdoches e Luxor em um pânico, estranho nebuloso, lutando para chegar a um plano de fuga. Seus pensamentos perseguidos uns aos outros ao redor e em círculos inúteis até seu cérebro trancar. Tudo o que conseguia pensar era o corpo de TJ no corredor, e também as inúmeras... coisas que se possa imaginar que os lobisomens fariam com ela. Não podia sequer pensar em como se matar. As milhas voaram por enquanto, ela se afundou ainda mais no desespero letárgico.

Então Wayne quebrou o feitiço, colocando a arma no banco entre suas pernas e puxando o seu telefone.

Ela viu quando ele digitou um número com um código de área Shreveport. Ele quase perdeu o desligamento na estrada 43 de cascalho. Ela pegou o porta-luvas para segurar com a mão livre quando o carro derrapou no cascalho.

"Sim. Sou eu. Eu a tenho e eu vou encontrá-lo no meu...Hã? O quê? Espere, você...Mas-Porra, você não pode fazer isso! Agora você..."

O que quer que fosse que a pessoa do outro lado estava dizendo, tinha Wayne transformado vários tons de vermelho e roxo quando ele gritou ao telefone.

"Porra, você não pode fazer isso comigo! Eu a tenho como você me disse! Preciso do... Olá? Espere, nem... Olá? Oi? Porra!"

O carro derrapou e desviou um pouco mais, enquanto Wayne, gritando e xingando, bateu o telefone minúsculo no painel um par de vezes antes de arremessá-lo por cima do ombro. Ele se espatifou contra o pára-brisa atrás.

"Problema, Wayne? Seus novos rapazes lobisomem decidiram fazer uma aquisição em vez de uma fusão?"

"Cala a boca." Ele rosnou.

Ela não deveria ter usado uma palavra de quatro sílabas com ele.

"Cale-se!" Ele gritou de novo, embora ela não tivesse dito qualquer outra coisa. "Você cala a boca! Eu preciso pensar!"

Seu coração balançou quando chegaram ao fim da estrada de cascalho e Sara viu a Miata sentada na frente da casa da velha senhora. A fita amarela de cena do crime esticada através da porta da frente, mas nada mais teria indicado que nada de anormal desceu aqui há apenas quatro dias.

"Ok, agora o quê?" Ele perguntou quando Taran estacionou o carro atrás do trailer.

"O que o GPS está mostrando?" Taran perguntou em resposta.

Ele virou o telefone de volta quando eles tocaram para baixo. Seu coração tinha parado quando viu o correio de voz de Sara. Em seguida, ele tinha começado a bater fora do peito, quando ouviu a mensagem e ouviu o medo em sua voz.

Ele havia estado registrando no site GPS desde então. Olhando mais uma vez no ponto confortante amarelo piscando ainda o seu caminho até auto-estrada 43, ele disse para Taran. "Eles estão próximos."

"Então, agora vamos esperar."

"Eles estão indo embora! O filho da puta está saindo! Graças ao seu namorado, os federais estão em todo o lugar. De repente, todo policial de uma cidade pequena daqui para Mississippi estão fazendo apreensões de drogas! Eles disseram que é muito *perigoso*! Eles deveriam ser caras duros e maus, merda! Eu dei a todos os imbecis meus contatos, todos os meus clientes. Eu disse aos meus homens que batessem o prêmio, nós estamos nos movendo em Missouri, e Oklahoma, e, e, *merda*!" Ele bateu no volante. Sangue começou a infiltrar-se através do curativo em sua mão direita.

"Wayne! Wayne, acalme-se, vai ficar bem. Vamos esquecer a coisa toda. Vou pegar o meu carro da vovó, voltar para Houston, e você pode..."

"Esquecer? Esqueça o que? De que diabo está falando?"

"Apenas vá embora, Wayne. Deixe-me ir, e eu juro que vou desaparecer. Você nunca vai ouvir de mim outra vez, e podemos fingir que isso nunca aconteceu, ok? Por favor, Wayne?"

Ele olhou para ela, olhos vidrados e brilhantes com cara de raiva, quando ele fez o último turno. Mais uma vez ela pegou a alça do porta-luvas quando isto balançou, os pneus deslizando através do cascalho.

"Ir? Onde eu devo ir?"

"Em qualquer lugar. Você sabe o quão grande é o mundo? Você não tem que ficar em Luxor. Se você me deixar ir, você pode..."

"Eu não posso sair!"

"Claro que pode. Leve todo o seu dinheiro e se perca."

"Eles vão me derrubar, Sara!"

"Por quê? Você disse que eles estavam indo."

"Não os russos, os policiais! Eu disse a Bud Rice que estaria preparado para a vida, eu poderia pagar-lhe o dobro do que eu estava lhe dando. Essa é a única razão pela qual ele não tem me acusado de assassinato. Eles acham que eu matei Mama e Jasper!"

"Bem, você meio que fez, não foi?"

"CALE-SE!"

Manchas de saliva voaram em seu rosto, seguido por uma bofetada viciosa. Ela ouviu e sentiu um aperto, doentio, pegajoso quando as juntas de Wayne foram ao seu nariz.

Ele jogou o carro no estacionamento. Bateu a cabeça para frente, em seguida, bateu de volta. Flácida e tonta, ela desmaiou.

CAPÍTULO ONZE

"Onde eles estão?" Bryan murmurou enquanto andava em círculo no gramado na frente da casa. "Hedges ainda está liderando para nós, então onde estão os lobos? Por que ele voltou aqui, com ela, se ele não encontrasse os lobos?"

Ambos congelaram quando ouviram uma volta de carro na estrada de cascalho. Taran correu para ocupar posição no lado sul da casa, onde podia ver a carro quando se dirigiu, mas não seria visto. Bryan apostando a mesma posição do lado norte e apontou sua pistola para o chão. Ele capotou a segurança fora e tenso, enquanto esperava.

Quando ela voltou um segundo depois, saía sangue de seu nariz e a arma foi enfiada na bochecha. Wayne empurrou-a em seu rosto, até sua cabeça ser pressionada contra a janela de vidro, o frio de um lado, o barril de frio, do outro. Entre o gosto de sangue na parte de trás de sua garganta e a quente respiração de Wayne, molhada e ofegante em seu rosto, ela não podia decidir se vomitava ou silenciava.

"Você fodeu a minha vida, Sara."

"Eu odeio a maneira como você respira." *De onde isso veio?*

Ela olhou de lado para vê-lo piscando para ela em confusão, todo o seu rosto gordo amassando-se cada vez que os olhos abriam e fechavam, abriam e fechavam.

"Hã?"

A maneira como ele disse, de queixo caído e chiado, estalou os nervos.

Teria sido uma coisa morrer nas mãos de lobisomens maus. Mas para começar uma nova vida, uma vida que poderia ser melhor do que qualquer coisa que ela tinha antes, apenas para perdê-la a este brutal, estúpido, lesma, respirando pela boca de um bubba²³ que tinha atormentado-a por 14 anos...

²³ Bubba é uma derivação do sul sobre a palavra "irmão"

Ela assistiu a mão livre chegar para pegar seu pulso e arrancá-lo longe de sua cabeça. Se ela tivesse sido sempre capaz de se mover tão rápido? Seus pequenos olhos se arregalaram com o choque quando ela bateu a mão contra o painel. A arma caiu no chão por seus pés.

"Eu disse, eu *odeio* a maneira como você *respira*. E a maneira como você pisca, e a maneira como você fala. Você é estúpido e preguiçoso e se parece com um porco, e..." Ela deixou cair o braço e correu em sua manga no nariz. "E suas roupas são feias, e nenhuma mulher *já*...*nunca-vai* foder você livremente, e você tem sangue e melega na minha camisa de cem dólares, você respira pela boca, cutuca o nariz, seu cafetão de boceta, puto negociador de porão !!"

Ele deu um tapa nela.

Torcendo como um saca-rolhas para alcançá-lo, ela conseguiu um golpe duro a direita em seu nariz. Ela golpeou com *dor... dói socar alguém no nariz*, mas Wayne começou a chorar como uma menina. O meio de seu rosto era uma bagunça, sangrento, mole, muito pior que o dela.

Agora que tinha lhe machucado, ela era como um animal selvagem ao sentir o cheiro de sangue a sua primeira presa.

"Ah, eu feri a coitadinha? Você vai chorar agora? Vou te dar uma coisa para chorar, sua pequena *puta chorona*!"

Agarrando um punhado de seus cabelos, ela bateu a cabeça no volante. Ele rasgou em seu cinto de segurança quando gritou, coçando e arranhando na maçaneta até que isso cedeu. Então ele caiu no cascalho ao lado do carro, deixando-a segurando alguns fios de cabelo castanho gorduroso.

"Volte aqui, você fodido idiota! *Saia e volte aqui*!"

Ela puxou o braço esquerdo até que sentiu como se seu ombro estaria explodindo fora de seu soquete. A braçadeira a segurou. Wayne estava fugindo, enquanto ela chutava e gritava, presa no carro.

Xingando uma raia azul, usando palavras que nunca tinha pronunciado antes e algumas que apenas leu, ela chegou até o assoalho (batendo a cabeça contra o porta-luvas, o que provocou uma nova rodada de palavrões) e pegou a arma.

Ela inclinou-se para a porta aberta e destinou para o traseiro duplo de Wayne quando ele balançou lentamente em direção às árvores. A bala perdeu-o por uma milha.

Um frustrado, várias oitavas, extraiu da garganta de raiva derramou dela. Puxando e balançando seu braço esquerdo como uma criatura possuía, ela socou-se no rosto com o punho.

Seu punho esquerdo.

Ela estava livre. Livre para encontrar seu carro e obter o inferno fora de Luxor, desta vez para sempre.

Logo depois que ela matasse seu tio.

Quando ouviu Sara gritar, ele atirou-se a estrada de cascalho, certo de Taran atrás dele.

"Devagar, lobo! Volte aqui! Precisamos ter um plano!"

"Foda-se o plano, ela está em apuros!"

A bala explodiu. Taran deixou-o ir.

Ela apertou fora um par de círculos, mas não foi fácil o fogo durante a execução, especialmente em botas de cowboy. Ela continuou fazendo isso, porque gostava de vê-lo pular e gritar como um porco cada vez que ela disparava um tiro.

"Você não pode fugir de mim, seu pedaço de merda! Você ia deixá-los me matar! Eu vou chutar você até você morrer, seu fodido!"

Ele tinha chegado à beira da floresta, mas ele já estava desacelerando. Um bebedor e fumante, Wayne nunca se exercitava. Correr fora por mais do que 90 segundos o mataria. Ela tinha muito tempo para parar e verificar o clipe.

Merda. Apenas uma bala.

Ela plantou seus pés, tomou o seu tempo e disparou.

A bala atingiu o chão pelo pé de Wayne, enviando-se uma nuvem de grama e cascalho em torno dele.

Wayne gritou e caiu.

Sara rugiu e chutou sua bunda.

E seu intestino, e seu ombro e costas, e quaisquer outros pontos que ela pudesse chegar a ele, rolou no chão com os braços em volta de sua cabeça, gritando por misericórdia.

"Ai! Pare! Por favor, nem...chega...oh, por favor! *Maldita seja*, Sara, pare, eu vou..."

"Seu bastardo." *Chute*. "Você podre sujo fodido idiota! Você deixou-os matar sua mãe!" *Chute*. "Você me vendeu aos fofidos doentes!" *Chute*. "Você atirou em TJ!"

Chute, chute. "Eu odiei..." *Chute*. "... a cada porra de..." *Chute*. "... minutos que passei..." *Chute*. "... fazendo merda para você!"

"Socorro! *Aaaagh!*"

"Que diabos está acontecendo ali?"

Bryan sacudiu a cabeça, paralisado com a cena.

Ele vinha correndo em volta da curva da estrada, certo de que ele os veria mortos ou moribundos. Em vez disso, ele tropeçou a uma parada chocada a súbita visão de Sara chutando a merda fora de Wayne Hedges. Ela estava acenando com uma arma em uma mão, e na outra...

"O que é isso pendurado no punho?" Taran sussurrou.

Ele sentiu um sorriso enorme quebrando em seu rosto. "Eu acho, eu acho que é a alça fora de um porta-luvas."

"Vamos lá. Temos detê-la antes que ela o mate."

"Sim. Ok." Orgulho e alívio e alegria tomou conta dele. Por que demorou mais ou menos assim para ele descobrir as coisas? "Foda-se." Ele murmurou enquanto correu para ela. "Nós vamos adotar."

"Ninguém pode te ouvir, imbecil!" *Chute, chute, chute*.

"Isso é o suficiente, meu anjo. Você não pode matá-lo, até que os federais tenham falado com ele."

"Você acha que ninguém se importa com o que acontece com você?" *Chu...* "Hã? O quê?"

Fortes braços familiares, seguro, braços amados, agarraram-na pela cintura e içaram-na. Agora suas pernas estavam chutando o ar vazio.

Bryan enterrou o rosto na parte de trás do pescoço. Embora ela não pudesse ter certeza, pensou que ele estava rindo.

Taran apareceu atrás de Bryan. Ele se abaixou e com uma mão puxando Wayne aos seus pés.

Bryan fixou-a. Ela se virou e caiu em seus braços e pegou seu rosto em suas mãos para olhá-la. Sua alegria se transformou em fúria em um instante.

"Seu olho, seu... nariz. Ele te machucou! O desgraçado quebrou seu nariz! Eu vou matá-lo!"

Ela se encolheu e afastou-se dele como se de repente sentisse algo estranho, almiscarado e algo quase insuportável.

Se movendo mais rápido do que ela já tinha visto qualquer movimento vivo, Taran agarrou a parte de trás do pescoço de Bryan com a mão livre, levantando-lhe um centímetro do chão.

"Você *não* vai ficar peludo em mim, lobo. Mantenha a sua merda junta até que este idiota esteja preso e nós estamos fora daqui, então você pode ficar de quatro patas, como você gosta. Sara, segure-o. Acalme-o. Espere. Estenda sua mão. Não, à esquerda...Lá vai você."

Ele soltou ambos Wayne e Bryan – Wayne, ainda soluçando e balbuciando, prontamente entrou em colapso em uma poça de lamento novamente e com um movimento de pulsos agarrou o punho em duas partes.

Taran ficou observando, enquanto ela gemia de alívio, esfregando-lhe o pulso irritado.

"Você sabe, você é tão malvada como TJ." Disse ele com um pequeno sorriso. "Só não diga a TJ que a chamei de durona."

"Ela está bem? Ela não... Ela não está..."

"Ela está bem." Bryan respondeu. "Quero dizer, ela estará. Vai se recuperar."

Ele explicou como TJ havia conseguido rastrear um telefone e pedir ajuda.

"Uau! Isso é incrível."

"Então, você é." Bryan disse em voz baixa, o orgulho em sua voz inconfundível.

"Tudo bem, eu acho que terminamos aqui." Taran quebrou dentro. "Vou mandar um dos Federais para pegar vocês lá em casa. Veremos de volta na cidade." Quando ele empurrou Wayne no banco de trás, disse por cima do ombro. "Eu acho que ela é sua namorada, B."

Taran afastou enquanto Bryan a puxava para um abraço apertado. Ela deu um suspiro pequeno de dor quando seu nariz pressionou em seu peito, mas depois ela colocou os braços ao redor de sua cintura e encostou o rosto contra o seu coração. Ela o abraçou com toda a força que lhe restava.

"Seu nariz." Ele murmurou em um rosnado estranhamente instável. "Ele quebrou seu nariz."

"Eu estou bem. Eu prometo. Ele realmente não me machucou. Eu o soquei no olho. Eu estarei bem."

Ele balançou em seus braços, enquanto ela sussurrava lento, palavras suaves de conforto. Aos poucos ele parou. O cheiro estranho e pungente dissipado.

"Oh, Sara. Oh Deus. Eu pensei que você estivesse morta. Eu pensei..."

"Eu também. Mas eu estou bem agora. Você chegou aqui a tempo."

Seu peito rugiu com o riso contra sua orelha. "Não, eu não! Você fez tudo sozinha! Você chutou o seu traseiro, *bom* anjo."

"Eu fiz, não foi?" Agora que tudo acabou e se acalmou, ela estava um pouco intimidada consigo mesma. "É estranho. Eu sabia que era forte, mas nunca soube que eu poderia me mover tão rápido."

"Sim, bem." Ele murmurou. "Eu nunca soube que eu poderia cair tão rápido."

Ela prendeu a respiração para isso. "Que história é essa?"

Ele descansou sua testa contra a dela devagar, cuidando para que seus narizes não se tocassem. "Estou falando sobre como eu não sabia que podia me apaixonar tão rápido. Eu não posso acreditar que eu pensei que poderia fazer o meu trabalho e deixar Luxor sem nunca vê-la novamente. Eu sou tão idiota." Ele murmurou.

"Você não tem que dizer que me ama, você sabe."

"Você tem que dizer *que me ama*, ou a minha vida vai sugar por um longo *tempo*." Ele colocou seu rosto em suas mãos e lhe deu um beijo suave e lento. "Bem? Você ama?"

"Sim, eu acho. Claro que sim." Ela sussurrou.

"Graças a Deus. Certo? Venha. Vamos voltar para a casa de sua avó e esperar por uma carona. Precisamos cuidar do seu nariz, e eu quero tirar você deste lugar o mais cedo possível."

Ele pegou a mão dela, e eles começaram a subir a estrada de cascalho.

"Bryan?"

"O quê?"

"Você viu o meu carro?"

CAPÍTULO DOZE

"Então você está *definitivamente*, definitivamente certa que o FBI não vai vir atrás de você?" Perguntou Wendy.

"Isso é o que diz Nick. Bryan conversou com ele ontem à noite e ele disse que tudo foi resolvido."

"Eu não posso acreditar que vocês chamam o Alpha de Houston por seu primeiro nome."

Taran passou pela sala pequena com outro braço cheio de caixas.

"São todos os lobisomens tão quentes como esses dois?" Wendy sussurrou.

"Não." Disse Taran sem um traço de um sorriso. "Somos bem mais quente do que a maioria deles. Mas todos nós temos ouvidos muito bons."

Wendy corou dez máscaras de vermelho.

Ela, Taran e Bryan mantivera, sua presença em Luxor o mais silenciosa possível. Bud Rice e seu vice não queriam que ninguém soubesse que lobisomens estavam na cidade. Além da possibilidade de um motim, os dois policiais não queriam que a cidade inteira soubesse que tinha quase feito negócios com uma gangue deles – embora a maioria de todos, incluindo os que se sentara ao lado da avó na igreja três vezes por semana, sabiam sobre os negócios da família Hedges e os subornos que Wayne havia pagado.

Sara não sentiria saudades de uma pequena cidade hipócrita. Grandes cidades tinham muitos hipócritas, mas o shopping era melhor e você tinha mais lugares para comer.

Ela contou tudo a Wendy. Os olhos de sua prima se encheram de lágrimas quando Sara descreveu os anos que passara com medo das pessoas saberem sobre o seu sangue Fae.

"Eu não posso acreditar que você teve que viver com isso todos esses anos. Que tipo de puta sou eu, se minha própria prima não podia confiar em mim com algo tão importante? Estou tão feliz que você esteja saindo deste buraco de merda! Eu vou sentir sua falta tão ruim que eu não aguento, mas pelo menos sei, que você não está morta."

Então elas gritaram mais um pouco, e agora elas se sentaram no chão do apartamento de Sara, enquanto Taran carregou o último de seus escassos pertences em uma pequena U-Haul²⁴. Um outro amigo estava tomando sobre sua locação.

"Tem certeza de que não querem assumir qualquer um dos seus móveis?"

"Greta precisa dele mais do que eu. Eu vou invadir o dinheiro da Tupperware e comprar um pouco mais. Eu nunca tive mobiliário novo."

"Por que você não mora com Bryan?"

"Ele me perguntou, mas eu acho que é melhor se nós levarmos as coisas devagar. Preciso de tempo para ajustar, voltar aos meus pés. Eu vou encontrar um lugar perto de seu condomínio."

"Mas, Sara, e se ele é o único?"

"É isso mesmo. Tenho certeza que ele é o único, é por isso que eu não quero mexer-me muito rápido. Nós não estamos namorando outras pessoas, mas não estamos morando juntos imediatamente."

Taran voltou. "Essa é a última, Sara. Aqui está a chave para o U-Haul. Mauro está aqui, então nós vamos pegar a estrada. Você precisa de mais alguma coisa antes de ir?"

"Não, eu acho que é isso."

"O seu telefone está carregado?"

"Sim, Taran, meu telefone está carregado e eu tenho o seu número nele."

"Não seja arrogante comigo, menina." Ele sorriu quando disse isso. Ao lado dela, Wendy quase desmaiou. "Bryan espera que eu olhe para você. Tudo certo. Mauro e eu vamos estar em frente de vocês, então se você precisar de alguma coisa, você me chama. Eu já deixei Bryan no carro."

"Certo. Hum... eu preciso fazer alguma coisa para ele? Posso dirigir em linha reta através, ou o quê?"



Taran sorriu novamente. "Se ele precisar parar, ele vai deixá-la saber. Basta deixá-lo descansar por um tempo, ele precisa disso depois de tudo o que aconteceu."

"Certo. Obrigada, Taran. Verei-o em Houston."

Ele lhe deu um rápido abraço e saiu.

Wendy parecia confusa enquanto seguia Sara fora.

"Por que Bryan precisa de alguma coisa? O que? Ah."

Sua prima parou e olhou para o Miata minúsculo, o banco traseiro cheio de malas, no banco da frente cheio de Bryan.

"Sim." Disse Sara rapidamente, surpresa com o quão confortável se sentia com a coisa toda. "Quero dizer, eu tenho que me acostumar a isso em algum momento, não é?"

As duas ficaram em silêncio, enquanto tentavam pensar em como dizer adeus. Cada uma delas tomou uma respiração profunda, exatamente no mesmo momento, e por alguma razão rachou-as.

"Deus, eu vou sentir sua falta." Lamentou Wendy, jogando os braços em torno de Sara, que a abraçou de volta tão firmemente.

"Você *tem* que vir me visitar. Precisa. É um tiro para baixo na 59."

Wendy soltou e recuou com um olhar tímido no rosto.

"Sara, a coisa é... Eu sei que soa estúpido, mas estou com medo. Você sabe... Estou com medo de dirigir tão longe, para uma cidade tão grande."

"Eu sei. Eu sei exatamente o que quer dizer, mas eu prometo, é como qualquer outra coisa que te assuste. Uma vez feito isso, você não está certa porque estava com tanto medo de começar. Eu juro que você adoraria. Você pode chegar lá e decidir que não quer voltar."

"Eu sei. Essa é uma das coisas que me assusta."

Uma vez que Sara estava no carro, com seu cinto de segurança e de cima para baixo, Wendy se inclinou para lhe dar um último abraço, acirrado, e um beijo na bochecha.

"Você vai fazer como eu disse a você, certo?" Sara disse.

O rosto de sua prima caiu. "Eu não sei se posso, querida."

"Wendy, você *tem*. Não importa o que Bud Rice faça, as pessoas vão descobrir mais sobre Wayne e os lobisomens, e cedo ou tarde eles vão descobrir mais sobre mim. E quando isso acontecer, eles vão começar a olhar para você e tia Lydia."

Ela parou, esticando o pescoço para olhar ao redor deles. Seu apartamento estava na orla da cidade, e às oito e meia em uma manhã de quarta-feira, não havia ninguém por perto. Ainda assim, ela estava preocupada, pelo amor a Wendy, sobre qualquer um vê-los dizer adeus.

"Você tem que agir como se não tivesse ideia. Você não pode deixá-los pensar que você sabia de algo sobre eu ser Fae, tudo bem? O que quer que eles digam, irá junto com isso." Ela agarrou a mão de Wendy e apertou-a contra seu rosto. "Não chore. Eu vou ficar bem."

"Mas eu não estou!"

"Esta, sim. Você é a próxima a sair. Mas até lá, tem que manter sua cabeça para baixo e cuidar da sua mãe. Prometa-me. Eu tenho o suficiente no meu prato, agora, eu não posso me preocupar com todos vocês começando a correr para fora da cidade ou mortos."

"Não, não, você está certa." Wendy respirou fundo e balançou a cabeça com firmeza. "Se alguém descobrir sobre você ser Fae, eu vou dizer: *'Oh meu Deus, que a cadela está indo para o inferno! Ela vai queimar no lago de fogo! O diabo colocou uma serpente no nosso seio, e ela...'*"

Sara riu. "Vê. Você pode fazer isso. Agora me dê mais uma abraço. Eu amo você."

"Eu também te amo. Chame-me para eu saber que você tem aí tudo bem." Ela começou a chegar através de Bryan, depois parou e sorriu nervosamente. "É melhor ser bom para minha menina. Estarei verificando você."

Ele apenas bocejou. Ele era quase grande demais para caber no banco, mas enrolou apertado e descansou a cabeça no topo da porta do passageiro, a língua pendurada e a cauda abanando.

Ambas as mulheres riram. "Acho que ele está pronto para ir." Disse Sara.

Logo depois, ela estava na auto-estrada 59, em direção ao sul de Houston. Era como sempre imaginou, exceto pelo lobisomem que montava.

FIM



Acesse meu blog: <http://angellicas.blogspot.com>